

UFRRJ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

DISSERTAÇÃO

**O HOMEM NO REDEMOINHO ROSIANO: GÊNERO E
SEXUALIDADE EM GRANDE SERTÃO VEREDAS**

ALISSON CORREIA DIAS

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

**O HOMEM NO REDEMOINHO ROSIANO: GÊNERO E
SEXUALIDADE EM GRANDE SERTÃO VEREDAS**

ALISSON CORREIA DIAS

*Sob a Orientação da Professora
Elisa Guaraná de Castro*

*e Coorientação do Professor
Maurício Hoelz Veiga Júnior*

Dissertação submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de Mestre em Ciências
Sociais, no Programa de Pós-Graduação em
Educação Ciências Sociais, Área de
Concentração em Antropologia.

Seropédica, RJ
Agosto de 2023

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D196h

DIAS, ALISSON CORREIA , 1991-

O homem no redemoinho rosiano: gênero e
sexualidade em Grande Sertão Veredas / ALISSON
CORREIA DIAS. - Matozinhos, 2023.
107 f.

Orientadora: Elisa Guaraná Castro.

Coorientador: Maurício Hoelz Veiga Júnior.

Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Pós-Graduação em Ciências
Sociais, 2023.

1. Grande Sertão: Veredas. 2. Masculinidade. 3.
Identidades. 4. Gênero. 5. Sexualidade. I. Castro,
Elisa Guaraná , 1968-, orient. II. Veiga Júnior,
Maurício Hoelz , 1986-, coorient. III Universidade
Federal Rural do Rio de Janeiro. Pós-Graduação em
Ciências Sociais. IV. Título.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ALISSON CORREIA DIAS

Dissertação submetida como requisito para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais, no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Área de Concentração em Antropologia.

DISSERTAÇÃO APROVADA EM 15/12/2023.

Documento assinado digitalmente

 **ELISA GUARANA DE CASTRO**
Data: 12/11/2024 14:02:36-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profa. Dra. Elisa Guaraná de Castro - UFRRJ
(Orientadora)

Documento assinado digitalmente

 **SABRINA MARQUES PARRACHO SANT ANNA**
Data: 13/11/2024 08:25:57-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profa. Dra. Sabrina Marques Parracho Sant Anna – UFRRJ
(Avaliadora interna)

Documento assinado digitalmente

 **TELMA BORGES DA SILVA**
Data: 13/11/2024 14:25:46-0300
Verifique em <https://validar.itd.gov.br>

Profa. Dra. Telma Borges da Silva - UFMG
(Avaliadora externa)

Dedico este trabalho ao meu avô, Artur Tererête, que me ensinou a perceber as belezas da roça.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Professora de Língua Portuguesa que tive no ensino médio, Elizabeth Expedito, que me apresentou *Grande Sertão: veredas*, obra que atravessa a minha vida.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que me oportunizou essa importante travessia acadêmica.

Agradeço às Professoras Sabrina e Telma, que compuseram a minha banca de qualificação, dando dicas valiosas ao curso desta pesquisa.

Agradeço a Brazinha, conterrâneo e estudioso da obra de João Guimarães Rosa, que também me oportunizou informações importantes que orientaram este trabalho.

Agradeço a Ronaldo, diretor do Museu Casa Guimarães Rosa, pela intermediação feita com o Museu Mineiro; que me permitiu acessar os documentos pessoais valiosos de João Guimarães Rosa.

Agradeço ao amigo Cleverson, a quem recorri no curso deste trabalho para trocar ideias.

Agradeço aos amigos Otavio e Rodrigo, que me oportunizaram as condições materiais de existência, necessárias para que eu pudesse findar este ciclo.

Agradeço à avó Marieta, minha maior referência e grande responsável pelo meu ingresso no ensino superior.

Agradeço ao avô da roça Artur(tererête), que me ensinou a perceber e respeitar os pormenores que compõem a natureza.

Agradeço o meu coorientador Maurício Hoelz Veiga Júnior, pela orientação que me permitiu concluir esta Dissertação.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora Elisa Guaraná de Castro, sempre precisa e gentil em suas considerações, com quem aprendi à beça.

Agradeço, sobretudo, a João Guimarães Rosa, pela lição poética corajosa, materializada em *Grande Sertão: veredas*.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

RESUMO

DIAS, Alisson Correia. **O Homem no redemoinho rosiano: gênero e sexualidade em Grande Sertão Veredas** 2023. 107 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

Esta dissertação é resultado de uma análise antropológica das representações de masculinidade no romance Grande Sertão: veredas, de João Guimarães Rosa (1908 – 1967). O enredo se passa no Sertão de Minas Gerais, na primeira metade do século XX, onde vivem homens e mulheres que protagonizam lutas pela terra, envolvendo, nesse conflito, poderes locais e poderes externos. A trama se desenvolve em meio a dilemas que envolvem a associação da possível existência da alma humana e do "demo", enaltecedo um amor gay, protagonizado por Riobaldo e Diadorim. Porém, esse amor parece ser inviabilizado pelo "Sertão", de modo que exige aos sujeitos agirem de forma mais contundente e relacional com os valores e regras partilhados. Para auxiliar nesse rumo de análise, foram acionadas as noções de masculinidade (hegemônicas e subalternas), estudadas por Raewyn Connell (1995), que propõe três dimensões para se analisar o gênero: a relação entre produção e reprodução da vida social, catexia e relações de poder, propriamente ditas. Além do mais, foi utilizada a perspectiva da análise de gênero feita por Judith Butler (1990). Ao caracterizar gênero como discurso, a autora lança mão de evidências para avaliar a masculinidade como um fenômeno social forjado pelos homens, oprimindo-os, mas, sobretudo, oprimindo as mulheres. Foi possível perceber que as representações de masculinidade rosianas são bem mais complexas que as socializadas na época, demonstrando homens, principalmente Diadorim, que transitam no gênero e mesmo entre o gênero e a sexualidade.

Palavras-chave: Grande Sertão: veredas; masculinidade; identidades; gênero; sexualidade

ABSTRACT

DIAS, Alisson Correia. **Men on Rosa's swirl: gender and sexuality in Grande Sertão Veredas.** 2023. 107 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ. 2023.

This dissertation is a result of an anthropological analysis of the manhood representations in the romance Grande Sertão: veredas, written by João Guimarães Rosa (1908 – 1967). The story takes place on Sertão of Minas Gerais, in the first half of the 20th century, where men and women who fight for land live. These conflicts involve local and external powers. This plot takes place amidst dilemmas which involve the possibility of human soul and devil's existence, and it also praises a gay love between Riobaldo and Diadorim. But this love seems to be made impossible by "Sertão", as it requires that men act on a more scathing and relational form with rules and values shared on society. The notions of hegemonic and subordinate masculinity studied by Raewyn Connell (1995) were used to help this analysis. She proposes three dimensions to analyze gender: the relation between social life production and reproduction, cathexis and power relations. It was also used the Judith Butler (1990) gender analysis perspective (1990). The researcher uses evidence to evaluate masculinity as a social phenomenon forged by men, oppressing themselves and mainly women, while characterizing gender as speech. It was possible to notice that Rosa's masculinity representations are more complex than the ones available at his lifetime, showing men, specially Diadorim, transiting gender and also transiting between gender and sexuality.

Keywords: Grande Sertão Veredas; masculinity; identities; gender; sexuality.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1 CAPÍTULO I MASCULINIDADE, MODOS DE PERFORMAR	17
2 CAPÍTULO II O GÊNERO NO SERTÃO .	32
2.1 A terceira margem do Grande Sertão	32
2.2 O entre-lugar de Rosa	46
3 CAPÍTULO III: A FIGURAÇÃO DA MASCULINIDADE EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS	56
3.1 O Homem no redemoinho	56
3.2 A travessia da sexualidade.	67
3.3 Diadorim e nossa neblina	75
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
ANEXOS	93

INTRODUÇÃO

Antes de optar por estudar o romance *Grande Sertão: veredas*, de João Guimarães Rosa, no programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), vivi uma experiência curiosa com essa obra, que serviu de ponto de partida para releitura de tal clássico. A primeira vez que li *Grande Sertão* foi no ensino médio e me encantei. Ademais, minhas raízes camponesas conversam com a realidade retratada por Rosa. Assim, analiso a obra também do lugar de neto de Artur¹ Tererete, filho de Clarice, quilombola nascida em Mocambeiro, Matozinhos-MG e de Zé Baiano, jagunço que chegou ao quilombo foragido do sul da Bahia. As histórias familiares contadas pelos meus avós, a partir de um vocabulário parecido com o empregado por Rosa no romance, desde o primeiro momento, estimularam a minha leitura de *Grande Sertão: veredas*.

A partir desse contexto e, como cursista de uma disciplina ofertada pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFRRJ, no final do ano de 2020, tive contato com os estudos dos pesquisadores Richard Miskolci e Fernando de Figueiredo Balieiro (2011) que analisava, a partir do romance *O Ateneu*, o desejo de nação das elites do Brasil, no final do século XIX. Para os autores, as elites, ao buscarem uma identidade nacional, produziram também tipos de masculinidade, na forma que manipularam uma ideia de homem brasileiro, nele inscrevendo tipos específicos de masculinidade. Nessa direção, tanto o desfecho da história *O Ateneu*, quando o personagem Américo atea fogo no orfanato marcado pelo “pecado” da homossexualidade, quanto o desfecho da vida de seu autor, Raul Pompeia, que se suicida após burburinhos quanto a sua sexualidade, seria um sintoma de relações de poder e dinâmicas da masculinidade que permeava a sociedade brasileira no final do século XIX.

Assim, passei a pensar de forma diferente no livro que estava sobre o mezanino em que estudei todo semestre – e que marcou o sertanejo que também sou – *Grande Sertão: veredas*. Devido às medidas sanitárias de controle da pandemia da covid-19, não podia mais debruçar-me sobre o objeto original de minha pesquisa, as práticas de ensino de desigualdades sociais em uma escola situada em uma comunidade quilombola, uma vez que estavam proibidas as pesquisas de campo. Com isso em pauta, olhei para esse livro e *Nonada* (expressão que Rosa utiliza para começar a obra) veio um *insight*: “estudar gênero em *Grande Sertão: veredas* poderia dar uma boa dissertação”.

¹ Artur Tererete, avô materno, que me despertou o interesse por buscar o real, em *Grande Sertão: veredas* e nas histórias que ele mesmo contava.

Marcaram-me, desde a primeira leitura da obra, as características peculiares dos seus homens jagunços, um tipo de desenho complexificado da figura do vaqueiro, ao qual se atribuia poderes de polícia. Desenho que me remetia às imagens que construí a partir das histórias contadas pelos meus parentes sobre a valentia de Zé Baiano, ou do coronel Teotônio Batista de Feitas, que teria exercido o seu poder em Matozinhos e Pedro Leopoldo, além de suscitar a questão sobre como uma obra literária fornece elementos de problematização da realidade.

A releitura desse clássico da literatura brasileira para a pesquisa me levou a dar atenção, portanto, às representações potentes nele expressas, de um modelo de masculinidade hegemônica no Sertão mineiro e, consequentemente, de suas figurações sociais de feminilidades. Tais figuras de homens e mulheres que são forjadas na luta cotidiana; sendo mais específico, o meio social que condiciona o homem e a mulher, que por sua vez condicionam o conflito, como observou o pesquisador Antonio Cândido (2000). Vale ressaltar que essas identidades representadas transitam o tempo todo em um mundo dividido em duas partes: sertão e cidade, ambas marcadas por opressões, destacando-se as desigualdades vividas pelos camponeses. Nesse processo, dinâmicas econômicas e culturais diferenciadas em relação à cidade são impostas aos sujeitos e seus territórios, resultando em novos "fatos sociais" (Durkheim, 1978), dentre eles a jagunçagem, que atrelada à masculinidade, aprofunda as desigualdades sociais.

Adentrando brevemente à obra, percebemos que a história é ambientada no norte de Minas Gerais, região onde predomina o cerrado e a caatinga, marcada pela seca e modos de vida bastante peculiares e potentes, e onde, no final do século XIX e primeira metade do século XX, vivem os sertanejos representados por Rosa. Esses personagens, em sua maioria, coronéis e jagunços, protagonizam lutas em função do meio de produção mais antigo – as terras – disputado pelos poderes locais e também por poderes externos, os “oficiais” da república que, na época, passam a desafiar o coronelismo e também se inserem na disputa pela hegemonia.

Destaca-se que são os homens que ditam as regras no Sertão, sobretudo os coronéis, figuras que passam a acumular poder ainda no período do Segundo Império e recrutam homens para o ofício de jagunço. Além do mais, as condições sociais, sobretudo as materiais, oportunizam aos homens do mundo do jaguncismo uma relação de trabalho e exploração que molda a masculinidade de forma diferenciada. Nos termos cunhados por Connell (1995) há, nesse fenômeno da jagunçagem que se cruza com a masculinidade, uma “generificação social”.

Talvez se possa dizer que, em *Grande Sertão: veredas*, Rosa utiliza-se de códigos culturais do lugar onde nasceu, o Sertão, para tratar de questões estruturantes do mundo, desentranhando simultaneamente “o que há de universal no particular, e como o particular

revela o universal”. João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, de onde migrou bem cedo para a capital, Belo Horizonte, a fim de cursar o segundo grau. Após se formar na Faculdade de Medicina da UFMG, em 1930, retornou para o interior, mas não permaneceu lá. Assim, um homem tido como conservador, que apresentava uma homossociabilidade diferente do padrão heteronormativo dos homens da época— como sugerem as correspondências destacadas em anexo neste trabalho - retorna para aquela outra metade do mundo: a cidade. Talvez, seja desse entre-lugar (Santiago, 1982) que ele constrói os personagens de *Grande Sertão: veredas*.

Dentre tais personagens destaca-se o jagunço Riobaldo, que narra a história ao doutor, que dela toma nota. A princípio, tal personagem quer saber se o *demo* existe e, a partir desta interrogação, descreve o grande dilema de sua vida, seu amor *gay* por Diadorim. O personagem Diadorim, que transita entre o gênero e a sexualidade, trata de aprofundar ainda mais a percepção sobre o mundo aparentemente misturado (como descreve Riobaldo), demonstrando que as separações que conhecemos, “certo e errado”, “forte e fraco”, “feio e bonito”, “bom e mau” e, “homem e mulher”, revelam aquilo que Pierre Bourdieu (2012) entende por *doxa*, uma fé na estrutura que é internalizada, a partir de seus elementos estruturantes. Diadorim, constrangido a ser homem e caracterizado como um personagem mais forte e corajoso que Riobaldo, carrega as dúvidas e as intrigas sobre a sexualidade, ao modo que performa o gênero de forma recalada, ajudando a traduzir os mecanismos estruturantes da masculinidade da sociedade patriarcal brasileira daquele contexto, revelando um processo cultural, que no Sertão, opera de forma diferenciada, a fim de masculinizar os indivíduos nascidos com o sexo masculino.

Processo cultural este que Rosa desenvolve devagarinho ao longo do Romance, haja vista que, através de Riobaldo, reitera diversas vezes ao longo da narrativa que dois homens sertanejos não podem se amar e, mais que isto, a meu ver, diz sem dizer sobre uma chave para lidar com a sexualidade interditada, figurando uma condição da sexualidade não heteronormativa no Sertão (que é o mundo): pode ser performada apenas por detrás de uma neblina. Dados os constrangimentos da violenta sociedade tradicional e conservadora da época, traduzida em profundidade no romance, na qual o tema da sexualidade evidencia um tabu nebuloso, o amor *gay* parece estar, num primeiro momento, em segundo plano, quase recalcado, poderíamos dizer, encoberto pela dúvida quanto à existência do *demo*, e só no curso da narrativa vem à tona.

Nesse rumo, para recortar o problema de pesquisa das masculinidades por dentro do texto de *Grande Sertão: veredas*, busquei dialogar com trabalhos especializados, que tratam da

questão de gênero, masculinidades e feminilidades. Perseguindo a perspectiva que enxerga que gênero está para o De-Janeiro (rio presente na narrativa), como a sexualidade está para o São Francisco (rio grande, com mais destaque na narrativa), ambos se entrelaçam e organizam a sociabilidade no Sertão. Também me debrucei sobre as interpretações que pautaram a recepção do romance, assinalando sua originalidade por ter partido do vocabulário, dos medos e do amor reprimido. Nesse sentido, é possível destacar uma percepção dominante sobre a obra, tratando-a como um romance metafísico, e cujo expoente foi o pesquisador Antonio Cândido, que a lê como um romance sobre a identidade nacional, visão que deu lastro à construção da imagem de homem brasileiro.

Desse modo, minha análise caminha ao encontro de outros pesquisadores que discorreram sobre a obra de João Guimarães Rosa como uma fonte documental importante sobre os processos sócio-históricos do Brasil, sobretudo do norte de Minas Gerais. Ou seja, trata-se de um documento, embora ficcional, representativo de uma sociedade, sobre a qual é possível realizar uma leitura antropológica –dada sua característica de uma “descrição densa”, para falar como Geertz. As representações elaboradas por Rosa nesse texto em que “há tudo para quem souber ler [...]” (Candido, 2000, p. 121), são fundamentais para se pensar as características da masculinidade em disputa no Brasil. Nota-se que Rosa joga com o gênero e com a sexualidade, e também quero me aventurar a entrar nesse jogo.

É importante destacar uma premissa, antes de apresentar meu jogo-reflexão, tudo é ficção, e ao mesmo tempo não é. A este respeito, Antonio Cândido(2000) escreveu que a realidade social se transforma em componente lietrário; que se transforma em objeto de investigação em si mesmo. Existe uma verossemelhança interna a obra literária e suas conexões com a realidade apresentada, no caso em questão: o sertão, a natureza, o sertanejo, a cultura, o patriarcado, o jaguncismo, as masculinidades, a violência, o coronelismo. Consolidando, desse modo, uma narrativa ficciosa, próxima à realidade, Rosa, através do romance *Grande Sertão: veredas*, provoca-me a pensar o gênero e a sexualidade na ficção para pensar para além da propria ficção, uma vez que esta travessia literária no aproximar de histórias verdadeiras nos conecta a realidade.

Interessa-me perceber nas representações construídas por Rosa, os modelos de masculinidade que ganham adereços diferentes, dado os aspectos geográficos e sociais do território, e como estes adereços colaboram para moldar os seus sujeitos. Dessa maneira, mirando nos dois personagens centrais, Riobaldo e Diadorim, é possível perceber que Riobaldo (nascido com o sexo masculino) precisa tomar um gole de coragem (alusido no enigmático “pacto com o diabo”, que também pode ser lido como um pacto com os homens), para cumprir

a sua missão de chefiar o bando de jagunços e vingar a morte de Joca Ramiro; já Reinaldo-Diadorim não precisa desse recurso; ele é valente, mais que isso, representa como ninguém o modelo de masculinidade hegemônica. Reinaldo revela mais que uma ironia rosiana, pois o autor o aproxima de histórias de mulheres como Maria Quitéria², uma combatente baiana que lutou na guerra de independência do Brasil, e Úrsula de Abreu³, que também teria guerreado como homem no exército português, inclusive tendo seu sexo revelado após um ferimento em combate.

Assim, é possível constatar que Rosa diferencia-se de muitos autores que pretendiam descrever o Sertão e os sertanejos, como, por exemplo, Euclides da Cunha, que retratou o sertanejo como um figura forte, devido ao meio social, reificando uma imagem hegemônica – masculina - de homem brasileiro. Nota-se que Rosa confere aos sertanejos outros recursos: eles são brutos, sensíveis e poetas e, ao mesmo tempo podem ter o sexo feminino. Se, por um lado, essa representação rosiana do homem complexifica a imagem do homem sertanejo, por outro lado, a figuração das mulheres também contribui para tornar essa estrutura mais complexa. Essas são peças-chave para a compreensão da estrutura social de modo geral, ou seja, para a compreensão do fenômeno social da masculinidade hegemônica e para além dele.

É nítido que às mulheres são reservados papéis que reforçam a dominação masculina, além de enfatizar o caráter modulador do território. Seja porque são figuras masculinizadas, seja porque são desvalorizadas e oprimidas de forma mais contundente, como se observa nas práticas normalizadas de estupro, lidas pelo personagem que narra a história como situações de “costume”. Ou seja, a violência, consequência de tal estrutura patriarcal sertaneja, se revela como prática que envolvia os coronéis - em relação às mulheres tidas como “de sua propriedade” -, e os jagunços, que por performarem a masculinidade, conquistando, de forma similar ao coronel, o *status* de proprietários dos corpos de uma parcela destas mulheres. Esse quadro aponta o gênero associado à sexualidade, como elementos interdependentes de um processo cultural que se atualiza nas distintas expressões que compõem a vida social no Sertão.

Com isso, João Guimarães Rosa, por meio da “ficção” *Grande Sertão: veredas*, representativa da trajetória entre o Sertão e a cidade, com reflexões sobre “o ser”, “o nada”, “a realidade e o mágico”, “o mal e o bem”, “o homem e o diabo”, demonstra que a cultura não é

² Maria Quitéria foi a primeira mulher a integrar o exército, travestida como Medeiros, nome roubado do seu cunhado. Nessa época, somente os homens faziam parte do exército brasileiro.

³ Úrsula de Abreu e Lencastre (R.J), brasileira por nascimento, alistou-se no exército sob nome Baltasar do Couto Cardoso, como grumete, num navio destinado a Lisboa. Embarcou para a Índia, em 1699. Lutou com distinção durante 14 anos, sem que seu sexo fosse descoberto. Ao salvar seu capitão Afonso Teixeira Arrais Melo e Mendença, foi ferida com gravidade, o que levou à descoberta do seu sexo. Quando se recuperou, o capitão a desposou e tiveram um filho chamado João.

um todo estável, ela se atualiza cotidianamente. *Grande Sertão* instiga a pensar as mulheres e homens como produtos e produtores, em alguma medida, dessa realidade e o Sertão, atravessado pela “situação social e política em que se encontrava o Brasil, com a ainda recém abolição da escravatura, a proclamação da república e a instauração do federalismo” (Castro, 2013, p. 99). Foco, nesse sentido, na ideia de masculinidade sertaneja, performada no, e, pelo texto, e seus cruzamentos com o jaguncismo, socialmente difundido e estigmatizado, enfatizando sobretudo o personagem Diadorim.

O Sertão retratado, portanto, é palco peculiar para a construção da masculinidade hegemônica e, consequentemente, para perceber os conflitos que envolvem a sua performance. Trata-se de um lugar em que outros personagens, para além dos ditos humanos e forças naturais, também desempenham influência sobre a cultura, como os demais seres vivos que caracterizam um bioma específico, de transição do cerrado para a caatinga e condições climáticas diferenciadas. De modo que a minha atenção se volta a noções de masculinidade hegemônica e subalterna, analisadas, dentre outras pesquisadoras, por Raewyn Connell (1995), que assimila a virada antropológica, ocorrida no final da década de 1980, articulando as dimensões estrutural e relacional à masculinidade, estudada como prática.

Connell propõe três dimensões para se analisar o gênero. São elas: i) *relação entre produção e reprodução da vida social*, que envolve os fatores econômicos e produtivos (expressa na literatura analisada na relação de poder entre jagunços e coronéis); ii) *catexia* - forma de direcionamento das nossas emoções provocada pelo processo de socialização (exemplificada nas falas de Riobaldo acerca das dificuldades do seu amor); e iii) as *relações de poder* propriamente ditas, expressas tanto nas relações entre coronéis e jagunços quanto nas relações entre os próprios homens, e entre estes e as mulheres.

Valho-me também da perspectiva da análise de gênero feita por Judith Butler (1990). Ao caracterizá-lo como discurso, a autora lança mão de evidências para avaliar a masculinidade como um fenômeno social que é forjado pelos homens, oprimindo-os, mas, sobretudo, oprimindo as mulheres. Ou seja, Butler enfatiza a masculinidade como produto do poder masculino performado. Com isso, aproxima-se da noção de identidade masculina para questionar o binarismo de gênero, delimitado em apenas duas categorias, “ser homem” e “ser mulher”, as possibilidades de ser e existir. Por essa razão, para esta autora, tanto a identidade masculina quanto a feminina acabam resultando em mecanismos que reforçam as desigualdades sociais.

Além do mais, acolho as percepções de Brasinha⁴ sobre a obra e o autor. Conterrâneo de Rosa, nascido e residente em Cordisburgo, ele conviveu com parte dos personagens que inspirou João Guimarães Rosa, além de seus familiares. Em entrevistas semi-estruturadas que realizei com ele, surgiram pistas sobre uma possível e pouco usual, homossociabilidade de Rosa, presente nas correspondências que trocou com amigos e familiares. Instintivamente, essa revelação me fez perceber a potencialidade de documentos envolvendo a obra e o autor, direcionando-me a ir atrás de outros documentos biográficos. Aliás, os documentos que analisei abriram veredas ainda pouco exploradas pela vasta fortuna crítica do autor e de sua obra, como a hipótese de que o romance teria tido mais de um desfecho final, um gay (ajeitado com o segundo sexo feminino de Diadorim), e outro oficial, de acordo com o modelo heteronormativo; que revela (em segredo) o sexo feminino de Diadorim, interditando, com isto, o amor gay.

Aliás, por ser uma peça que considero importante para compreender tal obra e o tempo em que foi desenvolvida, destaco uma entrevista concedida pela esposa de Rosa, Aracy Guimarães. Na entrevista, Aracy diz que o marido foi aconselhado a desistir da primeira versão de *Grande Sertão: veredas*, em que Diadorim seria um homem cisgenero, o que revela a força do conservadorismo moral da época.

No entanto, Rosa não abre mão por completo do que desejava representar e, travestindo a questão candente em dúvida - redemoinho do “é e não é” - , constrói um romance ambíguo que não é, mas ao mesmo tempo é gay, espalhando pistas ao longo da história sobre o segundo sexo de Diadorim, sem revelá-lo por completo. Mais do que isso, a travessia do texto também não revela por completo o gênero de Diadorim. Representação que, a meu ver, dialoga com o lugar social do autor, o entre-lugar, que parece configurar a sua percepção sobre o gênero e sexualidade. Sendo assim, com a ajuda da análise das pesquisadoras e pesquisadores que vieram antes de mim e que abordaram o romance e as questões que o compõem, destacam-se gênero e a sexualidade, duas veredas importantes para se compreender as sociedades a partir do aporte teórico elaborado acerca deles, a fim de que se possa compreender as representações e masculinidades inscritas nessa obra clássica da literatura brasileira. Em sua organização, este trabalho se encontra dividido em três capítulos, mapeando as falas e silêncios dos personagens rosianos.

No primeiro capítulo, de caráter mais teórico-metodológico, dialogo com parte da ampla fortuna crítica sobre a obra e explico como operacionalizo a análise dos conceitos de gênero e

⁴ José Osvaldo dos Santos(Brasinha), é uma referência importantíssima sobre a vida e obra de João Guimarães Rosa e foi entrevistado por mim no seu espaço-museu, de nome Recordança, que abriga diversos objetos e histórias do contexto rosiano.

masculinidade, entendidos como construídos e reificados socialmente, por meio das diversas expressões realizadas pelos personagens.

O segundo capítulo localiza o autor e a obra na perspectiva das ciências sociais, além de apresentar os eventos e trechos que demarcam diversos momentos da travessia rosiana que analiso. Também apresento as percepções de Brasinha sobre a obra, sobretudo no que se refere aos temas analisados: *o gênero e a sexualidade*. Destaco o protagonismo masculino de outras obras de Rosa fundido aos aspectos que caracterizam o meio social, o Sertão, que oportuniza lutas complexas e específicas e, consequentemente, forja seus sujeitos, homens e mulheres, que carecem ser “mais machos que muitos homens”, no sentido retratado por Ney Matogrosso, em sua música-poema “Homem com H”, pois, no Sertão retratado, ou se é “homem com H”, ou “o bicho come!”. De modo que também discorro sobre características do seu criador, Rosa, que a meu ver, embaralha o gênero e a sexualidade.

Já o terceiro capítulo está centrado no debate sobre as representações de masculinidade e sexualidade presentes em *Grande Sertão: veredas*. Em um primeiro momento, o romance relaciona gênero e sexualidade; em um segundo momento, apresenta a sexualidade para pensar o gênero e masculinidade, além de focar em Diadorim, *personagem que atravessa as dimensões de gênero e sexualidade*. Em ambos os casos, o Sertão é estruturante ao indivíduo representado. Ademais, enaltecedo um amor gay que se expressa fora da lógica heteronormativa e, evidenciando porque no Sertão é preciso ter mais coragem, Rosa aponta a masculinidade hegemônica como estrutural, além de ser um ideal inalcancável.

CAPÍTULO I: MASCULINIDADE, MODOS DE PERFORMAR

Neste capítulo, apresento parte da fortuna crítica de *Grande Sertão: veredas*, sobretudo os estudos que analisam gênero em seus conteúdos. Na sequência, as teorias e conceitos que utilizei para a análise das representações de masculinidade que oferecem argumentos suplementares a tais estudos. O levantamento apontou que poucos trabalhos se dedicaram ao exame das representações de masculinidade e sexualidade no livro. A exemplo, apenas dois desses trabalhos, *Construção das masculinidades rurais em Grande Sertão: veredas* (Santos; Lima-Santos; Araujo; Oliveira, 2023), e *Crítica do silêncio temático em Grande Sertão: veredas – uma leitura de Diadorim* (Castro; Bessa, 2020), exploraram a dimensão da masculinidade a partir do personagem Reinaldo-Diadorim. Não por acaso, encontram-se mais reflexões sobre as performances de gênero do personagem que narra a história, Riobaldo, como nos estudos *O homem dos avessos* (Autor, 2000) e *Masculinidade no Jagunço Riobaldo: uma perspectiva etnico-gendrada* (Autor, 2016). Afinal, Diadorim é, e não é, homem.

Em *Crítica do silêncio temático em Grande Sertão: veredas – uma leitura de Diadorim*, Castro e Bessa (2020), ao analisar o romance, dialogam com o nosso argumento acerca de um silêncio em torno do gênero, e, sobretudo, da sexualidade. Com esse estudo, podemos dizer que o silêncio em torno dessas temáticas é uma questão que atravessa os séculos XX e XXI, caracterizando, em alguma medida, o contexto da obra e de sua recepção. Com uma metodologia de pesquisa bibliográfica e de arquivo de jornais, os analistas concluíram que o não enfrentamento dessas questões produz o empobrecimento crítico da obra. Confronto essa percepção com o levantamento que realizei no acervo do autor, presente na Academia Brasileira de Letras. Lá, encontram-se diversas reportagens e notas de jornais, nacionais e internacionais, que referenciam, dentre outras obras, *Grande Sertão: veredas*. Dentre esses materiais, apenas duas notas exploram a homossexualidade no romance. Uma delas, publicada pela Folha de São Paulo, no dia 3 de setembro de 1971, curiosamente tem com o título “*Franceses vêm ‘Grande Sertão’ como romance homossexual*”.

Castro e Bessa, portanto, ajudam-me no propósito pretensioso de olhar para o símbolo do infinito representado por Rosa no fim da história, uma simbologia que também pode ser lida como óculos ou o olhar redemoinho de Rosa para uma das questões polêmicas para a época, que envolve o gênero e sexualidade. Valendo-me do levantamento que realizei no acervo do autor, ora citado, evidencia-se a homossexualidade como um tema evitado, sobretudo no Brasil. Ou seja, o silêncio ou segredo sobre a condição da sexualidade não hétero, representado por Rosa, vai para além do Sertão, trata-se de uma questão transversal às sociedades.

Se pensarmos que várias figuras ditas importantes, do contexto representado por Rosa, levavam uma vida dupla e precisavam manter um relacionamento de fachada, vivendo amores semelhantes ao de Riobaldo e Diadorim, personagens centrais de *Grande Sertão: veredas*, poderemos compreender melhor o silêncio em torno da temática. Podemos dizer, assim, que é esse contexto que Rosa enxerga, que se torna fonte fundamental à escrita desse romance que analiso. Olhando de hoje, podemos achar que “sair do armário” era algo possível naquele momento, que bastava coragem, mas como Rosa demonstra, através do mais corajoso dos seus personagens, Reinaldo-Diadorim, há um limite para a coragem do homem sertanejo que visa se garantir na estrutura social do Sertão, onde se hipervaloriza a masculinidade hegemônica.

Por essa razão, Rosa, como bom mineiro, ajeita o primeiro romance gay brasileiro do século XX num armário, agradando tanto aos seus leitores mais conservadores quanto aos de estratos progressistas. A ambivalência do *é e não é*, que atravessa o personagem nebuloso Diadorim, não só revela a percepção sobre a questão da masculinidade e sexualidade que organiza o romance, como também evidencia o jogo de Rosa com o leitor e o contexto social da época. Sua escrita transgride ao estar atenta aos valores dominantes da sociedade, encenando uma dinâmica social que apresenta o Sertão como uma figuração social⁵ (Elias, 1994) do desejo totalmente recalcado – mas que o autor faz emergir por meio de outra percepção sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade: uma dimensão possível do amor gay.

Ou seja, trata-se de um romance que nos oportuniza pensar os marcadores sociais de gênero e sexualidade, por meio da *reflexividade* entre textos literários e realidade social (Botelho; Hoelz; Bittencourt, 2022), pois ao apresentar o desejo de dois personagens do Sertão que nunca se realiza plenamente, o autor demonstra o modo com que a masculinidade e sexualidade estão embaralhadas e organiza a sociabilidade dos sujeitos representados. Eles vivem no Sertão, a parte do mundo em que a homossexualidade, se vivida, é “na moita” (expressão comumente utilizada para dizer que determinada realidade precisa ser vivida escondida). Afinal, corresponde a um meio social, diferente da cidade no aspecto das oportunidades para garantir a materialidade das vidas, onde a posição de privilégio masculinizada precisa ser cuidadosamente mantida e reforçada.

⁵ O conceito de figuração social, formulado pelo sociólogo Norbert Elias, nos ajuda a compreender uma figuração social do desejo, representada pelos personagens rosianos, uma vez que Elias, ao destacar a relação entre o indivíduo e a sociedade como indissociável, provoca-nos a pensar que estes estariam em uma mesma teia, e que os indivíduos internalizam e projetam determinados padrões de comportamento presentes em tal teia, o que explica as emoções humanas serem controladas, e mesmo modificadas, conforme o contexto histórico, ou social.

A propósito, no texto *Construção das masculinidades rurais em Grande Sertão: veredas*, Santos, Lima-Santos, Araujo e Oliveira (2023) investigam a construção de versões de masculinidades rurais a partir de uma leitura do romance de Rosa, também recorrendo aos conceitos de “masculinidade hegemônica”, proposto por Connell, e de “performatividade”, elaborado por Butler. Em seu trabalho, os autores tratam de processos de generificação na perspectiva da construção da masculinidade rural e fazem uma releitura da relação entre Riobaldo e Diadorim. Destacando que gênero não se trata de uma substância, embora reproduza efeitos substanciais, os autores enfatizam a “generificação dos corpos”. Todavia, se os analistas apontam para as distintas versões de masculinidades performadas pelos personagens rosianos, destacam pouco a versão compreendida pelas ações de Diadorim, que além de ser uma ponte entre o gênero e a sexualidade, evidencia a sexualidade como uma questão profundamente polêmica para o tempo.

Pode-se afirmar que o enigma que envolve o personagem Diadorim, também pode ser compreendido por meio do recurso às teorias *queer*. Aliás, sobre isso, o pesquisador Israel Augusto Fritsch (2020), ao estudar as figurações de masculinidade e homoerotismo no ambiente de trabalho em obras literárias, analisando os romances *Grande Sertão: veredas* (data) e *Bom Crioulo* (1895), de Adolfo Caminha, além dos contos *Aqueles Dois* (1995), de Caio Fernando Abreu, e *Brokeback Mountain* (1991), de Annie Proulx, apresenta reflexões importantes que também me ajudaram. O autor aponta como a sexualidade integra o contexto de exploração e regulação dos trabalhadores e destaca que a perspectiva *queer* propõe a “desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (Preciado *apud* Fritsch, 2020, p. 22). Com isso, Fritsch enfatiza a potência erótica do corpo de Diadorim que sobrepõe os órgãos sexuais.

Nesse rumo, a pesquisadora Laísa Marra de Paula Cunha Bastos (2016), ao analisar a performance de gênero em *Grande Sertão: veredas*, demonstra como, na obra, a abordagem de conteúdos relativos ao gênero possibilita pensar a temática da transsexualidade. Seria Diadorim um homem trans? Pergunta que nos instiga a olhar com curiosidade para o Sertão, território que molda de forma diferente a sociabilidade, bem como para os seus sujeitos. Por exemplo, Riobaldo sugere que este território, o Sertão, forja homens mais resistentes que a outra metade do mundo, a cidade. Sobre essa realidade diferente descrita pelo personagem que narra a história, Luiz Roncari, no livro *O Brasil de rosa: mito e história no universo rosiano: o amor e o poder* (2004), afirma que João Guimarães Rosa, mais que interpretar, constrói uma representação do Brasil. O autor ressalta que sobrevive na região representada por um português

arcaico, do século XVII e XVIII. Acrescento a essa perspectiva, um tipo de patriarcado arcaico, representado de forma genial.

Outro autor a analisar a masculinidade em *Grande Sertão*, Abilio Mendes de Almeida (2016), focando no jagunço Riobaldo, afirma que o discurso patriarcal do Sertão molda a representação do jagunço, consequentemente um tipo masculino heterossexual, fortemente controlado pelo modelo de masculinidade hegemônica observado na região. No caso em questão, o analista apresentou trechos da obra em que Riobaldo revela uma contradição: admira e enaltece os “homens de verdade” com os quais conviveu, e também revela uma certa angústia por não se ver representado em tal modelo hegemônico de homem no Sertão. De modo que percebe-se o problema quando Almeida afirma ser a literatura “uma linguagem própria” que “atua como uma forma de prática social” (Almeida, 2016, p.18). Afinal, como demonstrará o fluir deste trabalho, a literatura não tem um caráter determinante e modelador de comportamentos.

Emerson de Almeida (2007) assinalou que os personagens de *Grande Sertão: veredas* não reproduzem (pelo menos não por completo) os ideais de masculinidade fortemente trabalhados por quem se debruçou, na época, sobre as temáticas da nacionalidade e da autenticidade cultural. Seu estudo demonstra que Rosa se distancia das figurações da cultura nacional impregnadas “de discursos monolíticos: do colonizador, do ideal moderno (pautado pela sociedade europeia), da masculinidade e da sexualidade hegemônicas”(Almeida, 2007, p. 98). Apontando representações engendradas por Euclides da Cunha e Monteiro Lobato, signatários da perspectiva colonizante, Almeida provoca-nos a percepção de que Rosa transgride através de sua escrita. Inclusive, para ilustrar essa diferenciação em torno das representações de masculinidade, destaco que em Os Sertões, Euclides da Cunha escreveu:

O sertanejo é, antes de tudo, um forte. Não tem o raquitismo exaustivo dos mestiços neurastênicos do litoral. A sua aparência, entretanto, ao primeiro lance de vista, revela o contrário. Falta-lhe a plástica impecável, o desempenho, a estrutura corretíssima das organizações atléticas. É desgracioso, desengonçado, torto. Hércules Quasimodo, reflete o aspecto, a lealdade típica dos fracos. Agrava-o a postura normalmente abatida, num manifestar de displicêncio que lhe dá um caráter de humildade deprimente.[...] É o homem permanentemente fatigado (Cunha, 1982, p. 86).

Com efeito, dialogando com esse argumento, os estudos da pesquisadora Nísia Trindade Lima (2013). Lima analisou as representações do Sertão e do sertanejo, elaboradas por Visconde do Uruguai⁶ – um dos primeiros a propor a dualidade Sertão/civilização –, realizadas

⁶ Paulino José Soares de Sousa, conhecido como Visconde do Uruguai, foi um dos principais políticos e teóricos do conservadorismo da época do Império, oponente portanto aos liberais. Para justificar sua tese segregacionista

por Euclides da Cunha⁷, Monteiro Lobato⁸ e pelo próprio Rosa, considerando-as importantes por abrirem caminhos para se pensar na masculinidade enquanto discurso em disputa. Embora não seja o nosso foco o tema da identidade nacional, esse estudo demonstra a importância da dualidade Sertão/cidade, seja pelos seus vínculos com as variadas construções simbólicas em torno da nação brasileira, seja, sobretudo, pelas importantes pistas que a autora apresenta para se pensar como tais formulações se entrelaçam aos modelos de masculinidade, observados no país, onde se inscreve a percepção de Rosa que analiso.

Como já foi explicitado, um clássico dentre tais interpretações críticas da obra rosiana é a percepção de Antônio Cândido, apresentada no ensaio *O homem dos avessos* (2000), no qual busca analisar o avesso do personagem Riobaldo. Na visão desse estudioso, *Grande Sertão: veredas* trata-se de um romance metafísico, no qual, por meio do homem do Sertão, Rosa apresenta os dilemas que envolvem os homens de modo geral. A autonomia do paradoxo e os personagens rosianos demonstrariam como a terra condiciona os homens através das lutas pelos seus recursos. Cândido diferencia as representações rosianas das observadas por Euclides da Cunha em *Os Sertões* (1902), pois, ao contrário deste, na perspectiva rosiana, tanto o homem, quanto a terra e a luta, conformam um nexo causal. Importante considerar que, tanto Almeida, quanto Cândido, não consideram Diadorim quem melhor performa o modelo de masculinidade hegemônica sertaneja, sendo que, a literatura rosiana aponta para além da transgressão da masculinidade hegemônica, uma transgressão ao binarismo⁹.

Por todo o exposto, me aproximo da observação de Roberto Schwarz (2000) sobre a obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis. Schwarz destaca um ponto curioso sobre a recepção desse clássico da literatura brasileira que sempre foi lido como um romance sobre o adultério de Capitu, e não como um romance envolvendo Capitu e seu marido, um maníaco obsessivo.

do Brasil que opõe Sertão-civilização, objetivando civilizar, à maneira do império, o Sertão, focalizou em aspectos climáticos e nos modos de vida dos sertanejos, enfatizando as condições precárias e modelos de sociabilidade que associou ao primitivismo. Esses estudos servirão, tempos depois, de base para Euclides da Cunha.

⁷ Enviado pelo jornal Estadão para cobrir a Guerra de Canudos, que ocorreu entre 1896 e 1897, o jornalista, defensor dos valores da nova República, Euclides da Cunha, publicou anos depois, em 1902, a obra clássica da literatura brasileira *Os Sertões*. O romance trata da *terra*; seus aspectos geográficos e climáticos, origem da seca, caatinga, dos juazeiros, do *homem*; segundo ele, o indivíduo seria um produto do meio, consequentemente da raça – cabe destacar que o autor defendia o determinismo racial -, e por fim trata da *luta*. Para Euclides, o líder religioso Antônio conselheiro foi um doente que conseguiu juntar de beatos a bandidos, formando um grupo que enfrentou setores da igreja e poderosos da época, resultando, por exemplo, em três batalhas vitoriosas até a que ficou conhecida como Canudos, quando as forças federais e locais produziram um verdadeiro massacre, entregando, numa bandeja, a cabeça do líder.

⁸ Monteiro lobato, outro escritor signatário da tese do determinismo biológico, também vai emitir a sua opinião sobre o Sertão e os sertanejos, criando a imagem do “jeca tatu”, semelhante às imagens retratadas pelo Visconde do Uruguai e Euclides da Cunha. O autor revela as preocupações morais da nova república.

⁹ O termo binarismo demarca e propaga um sistema de crenças no qual as pessoas são divididas em categorias como gênero: ser homem e mulher; e sexo: masculino e feminino, determinando assim papéis sociais associados ao gênero e sexo.

O autor nos convida a perceber o cuidado de Machado de Assis ao expor o abusador, dialogando com uma parcela significativa dos leitores conservadores da época, que se viam representados na voz do patriarca. Engenhosidade discursiva que também presenciamos nas fissuras representadas por Rosa em *Grande Sertão: veredas*, sobretudo por meio de Diadorim, que entrelaça, de forma enigmática, dilemas ditos universais, ou metafísicos, ao gênero e sexualidade, destacando e silenciando, ao mesmo tempo, o tema da homossexualidade. Ao que tudo indica, Machado de Assis e Rosa souberam sair e entrar no armário com sutileza.

Em *Grande Sertão: veredas*, portanto, pelo prisma dos estudos de gênero, fica evidenciado que somos atravessados por códigos fabricados culturalmente a exemplo da *masculinidade* e da sexualidade, marcadores sociais (portanto culturais) que adquirimos ao nascer, com potencial de estabelecer “cercas”, como os limites do que pode e não pode fazer um homem ou mesmo uma mulher no Sertão, cerceando, assim, as liberdades dos sujeitos, resultando em relações assimétricas de direitos e deveres. Aliás, limites que impedem uma mulher de herdar o império do pai, obrigando-a a performar a masculinidade.

De forma a cerzir o que já fora exposto, utilizo uma afirmação do pesquisador Abilio Mendes de Almeida (2016):

Grande Sertão: veredas (1965) reúne todas as técnicas literárias necessárias para um diálogo com a sociedade. Ao criar dois personagens híbridos (Riobaldo e Diadorim), o seu autor promove discursos não polarizados de gênero, fazendo com que a sua obra cumpra a função tecnológica de estimular pensamentos e ações mais flexíveis relacionados a essa categoria. O livro reproduz um discurso secular patriarcal e uma visão androcêntrica de mundo, mas, para questioná-los, buscando atingir a complexidade histórica, social e política do problema através de outras maneiras de entender os gêneros e as sexualidades que não apenas pelos caminhos de uma polarização (Almeida, 2016, p. 119).

Nessa direção, o gênero e a masculinidade, ao modo que se apresentam, de forma enunciável e invisível, podem ser compreendidos como princípios estruturantes dos personagens elaborados por Rosa. Considerando isso e a verossimilhança narrativa com os modos pelos quais se apresentam os contextos sociais do sertão, o livro oportuniza dar outros contornos aos discursos e práticas de gênero e masculinidade correntes em seu cenário. Se, por um lado, o patriarcado, nas formas em que é retratado, força de maneira diferente os homens e mulheres do campo a performar masculinidade e feminilidade, por outro, ao ilustrar as relações de *produção e reprodução da vida social* que envolvem os fatores econômicos e o meio de produção mais antigo, a terra, em disputa pelos personagens coronéis, jagunços e oficiais do governo, evidência aspectos relativos às dinâmicas do gênero e da sexualidade como produtos das relações de poder nesse território.

No texto *Grande Sertão: veredas* então, os indivíduos são classificados dentro de uma hierarquia que exibe marcadores de diferença, dentre eles, gênero e sexualidade, além de raça e classe (que trabalharemos com mais atenção em trabalhos futuros). Soma-se a tais marcadores, a dualidade campo-cidade, ou sertão-cidade, conformando um entrelaçamento que é retratado de forma genial por Rosa. Sobre essa perspectiva, cabe um diálogo pontual com os estudos desenvolvidos pela pesquisadora Maria de Nazareth Wanderley, ao trazer dados que ajudam a compreender o território com seus conflitos, que inspira o romance. Em um artigo intitulado “*Raízes históricas do campesinato brasileiro*”, publicado em 1996, a autora enfatiza que o acesso à terra no Brasil foi (e é) restrito, resultando na pobreza, isolamento e produção centrada na subsistência mínima dos estratos populacionais menos favorecidos.

Esse dados também dialogam com os estudos desenvolvidos pelo pesquisador José de Sousa Martins (2009) que tratam do sertão como “lugar da alteridade e complexidade”, caracterizado pela fronteira onde se situam atores que protagonizam as lutas étnicas em função do avanço da agricultura capitalista e, posteriormente, do agronegócio. Os estudos são retratados nos dados levantados pela Organização Internacional do Trabalho, realizada no ano de 2011 e no Atlas da Violência no Campo, de 2020, os quais demonstram a vinculação entre a violência no campo, o confronto de interesses do agronegócio e as dificuldades enfrentadas pelas populações camponesas, integrantes do processo de luta pela terra, e de seus modos de vida.

Nessa conformidade, nunca é demais relembrar para compreendermos que os processos de desenvolvimento da sociedade brasileira, desde a colonização, passando pelo Império e depois pela República não integraram as populações negras e indígenas, pelo contrário, dificultaram suas experiências de vida. Uma demonstração disso é o fenômeno dos trabalhos análogos à escravidão, com os quais se exploraram os homens negros – homens que se constituíram naquilo que Antônio Cândido denominou como “agregados, posseiros e desbravadores, que se estabilizaram, em grande parte, no nível de síntese, mas que formariam também os valentões, autônomos ou a soldo [...]” (Cândido *apud* Galvão, 1978, p. 7; Castro, 2013, p. 14), os jagunços representados por Rosa.

Assim sendo, à luz das teorias em que me apoiei, refuto a compreensão do “destino biológico” – a natureza, associada à ideia de humanidade que estabelece uma hierarquização dos modos de vida e reprodução da vida, resultando em desigualdades. As diferenças biológicas existem de fato, mas as desigualdades baseadas em tais diferenças são construções sociais. Dito de outro modo, observando as representações construídas por Rosa em *Grande Sertão*, percebe-se os mecanismos de um sistema de organização social, orientado pela exploração de certos

grupos humanos por outros, nos quais destacam-se o gênero e a sexualidade como pilares legitimadores de tal ordem social que privilegia quem melhor representa a masculinidade hegemônica. Como ilustração desse argumento, é possível usar a seguinte fala de Riobaldo:

Mire veja: um rapazinho, no Nazaré, foi desfeiteado e matou um homem. Matou, correu em casa. Sabe o que o pai dele temperou? – “Filho, isso é a tua maioridade. Na velhice, já tenho defesa, de quem me vingue...” Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada (Rosa, 1965, p. 126).

Nessa perspectiva, matar dava ao homem sertanejo sua maioridade e, ao homem mais velho, o pai, um pouco de segurança na velhice, ao modo que também atesta a virilidade do assassino. Outro exemplo que envolve a viralidade socialmente construída é de que os homens rosianos, algozes, falam de práticas de estupro naturalmente, linha de raciocínio que remete-me aos estudos desenvolvidos por Gilberto Freyre, culminando em sua grande obra: *Casa-Grande & Senzala* (1933). Nos moldes do que Freyre observou sobre o período colonial, além da violência, a marca da sífilis seria um, entre os emblemas adquiridos no percurso de aquisição da masculinidade patriarcal (Fleming dos Santos, 2023), de modo que, um homem sem tal doença, naquele contexto, poderia enfrentar constrangimentos. Os sertanejos rosianos contam uns aos outros suas histórias de estupro. Esses são exemplos que explicitam como “a banda” toca no sertão, que é o mundo dominado por um patriarcado arcaico.

Contudo, embora seja evidente o poderio masculino em *Grande Sertão*, cabe endossar as autocríticas formuladas por correntes do feminismo que dão caminho para os estudos de masculinidade. Elas apontam que, ao colocar os homens como os grandes algozes, pode-se perder de vista outras opressões, como as internas à masculinidade, constituintes dos próprios modelos de masculinidade. Sejam elas ideações concernentes aos grupos hegemônicos ou subalternizados, quaisquer delas não deixam de evidenciar complexas relações de poder entre os sujeitos que as adotam.

Por tudo isso, miro no gênero e masculinidade como categorias construídas e sustentadas socialmente, por meio do instrumento normativo e punitivista e também desejo dos próprios homens, tal como exemplificam os personagens rosianos ao enxergarem a masculinidade como recurso de poder, privilégio e *status*, aspecto fundamental no sertão. Aliás, a pesquisadora Raewyn Connell, me ajudou a compreender essa ideia de masculinidade como recurso ao formular, em 1987, o conceito de “masculinidade hegemônica” que aqui já citei. Através desse conceito, com o argumento crítico às ideias essencialistas de gênero que tratavam dos papéis sexuais masculinos e femininos, embasados em determinismos biológicos, a autora

apresenta a ideia de “performatividade” que sustenta o gênero. No seu livro *Masculinities* (1995), ela explica sua visão contrastiva e relacional de “masculinidades hegemônicas” e “masculinidades subalternas”. Utilizo, neste trabalho, três dimensões de análise do gênero defendidas por Connell: 1) poder; 2) reprodução da vida social; e 3) catexia. Anos mais tarde, a autora as complementaria, acrescentando os aspectos discursivos e simbólicos (Connell, 2013; 2015; 2016). Nessa perspectiva, as relações sociais que configuram as dimensões de poder, envolvendo a produção e reprodução da vida social, como fenômenos conexos dos discursos e simbolismos presentes nas relações entre, e, produtoras de, homens e mulheres, além de evidenciar as dinâmicas de catexia do gênero, demonstram as complexidades internas à masculinidade.

Sobre a primeira dimensão, das relações de poder, Connell enfatiza a estrutura, denominada de patriarcado, que demarca a subordinação das mulheres e a dominação masculina nas sociedades ocidentais. No entanto, ela nos chama a atenção para as situações em que os próprios homens são colocados em posição de subalternidade por outros homens devido aos marcadores sociais de classe, raça, etnicidade, geração e sexualidade. Tal vereda, das relações de poder, leva-me a considerar, brevemente, os apontamentos dos estudos sobre as bases do patriarcado e dessa ideia de superioridade masculina.

Uma perspectiva bastante difundida nas Ciências Sociais enxerga na agricultura um evento precursor da divisão sexual do trabalho; dado que o homem, em teoria, fisicamente mais forte, é quem vai manusear o arado (tecnologia utilizada para preparar a terra e fundamental para o plantio). Essa posição social dá a ele o controle dos meios de produção (a terra), e, consequentemente, o controle econômico da produção. Considera-se, nesse processo, também a questão de classe, que pode dividir os próprios homens hierarquicamente.

Quanto à segunda dimensão, das relações de produção, a autora demonstra como, ao estar atrelado à divisão sexual do trabalho, o sistema capitalista também acumula as desigualdades de gênero; mas que isso, influencia a construção social de masculinidades e feminilidades relacionando-as à divisão social do trabalho, tanto nos espaços públicos quanto domésticos. Cabe destacar, inclusive, para pensar essa dimensão atrelada à primeira que, a posição social de homem na divisão sexual do trabalho e de controle do processo produtivo, o eleva à condição de patriarca, e , consequentemente, à condição de chefe da família.

Já em relação à *catexia*, trata-se das relações de socialização e subjetivação que orientam os afetos, sobretudo, a partir das ideações de masculinidade e feminilidade assumidas pelos indivíduos, cabendo ressaltar que são passíveis de mudança, de acordo com os valores e comportamentos valorizados culturalmente. A dimensão da *catexia* também revela um processo

conflituoso entre o indivíduo e os valores da sociedade em que está inserido, como demonstra Rosa, através de suas representações masculinizadas, forjadas no meio social do sertão.

Seguindo essa direção, em seu artigo *A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas* (1998), Michael Kimmel assinalou “os modos com que a versão hegemônica norte-americana de masculinidade foi articulada com a versão mais global que estava surgindo simultaneamente na Europa e, por extensão, no resto do mundo” (Kimmel, 1998, p. 107). Ao tratar das masculinidades regionais estadunidenses, do sul e do norte, em relação à masculinidade burguesa que desencadeou em “norma” no ocidente, Kimmel aponta como o desenvolvimento do capitalismo forja masculinidades regionais. Essa reflexão me levou a pensar como, em *Grande Sertão: veredas*, as representações de masculinidade também explicitam a conformação “homem sertanejo de Minas Gerais”, ao mesmo tempo em que as construções rosianas dialogam com as representações globais acerca do que caracterizava, à época, “ser homem”. Essa perspectiva também revela a relação do capitalismo como uma ordem social e econômica que engendra as pessoas, caracterizada como patriarcado. Portanto, penso nas representações de masculinidades, em *Grande Sertão: veredas*, da seguinte maneira:

1- Conformadas pelas relações de poder entre os jagunços e coronéis

As relações de trabalho moldam masculinidades com contornos diferenciados, graças ao patriarcado arcaico do Sertão mineiro, e oportunizam um tipo de homem bastante controlado pelo modelo hegemônico de masculinidade, afinal, ele próprio, compõe o esquema de vigilância do cumprimento desse modelo. Desse modo, também considero as relações entre homens e mulheres, a partir da compreensão de que “o principal pilar do poder nas relações de gênero é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens, estrutura que a Liberação das Mulheres denominou patriarcado. Essa estrutura geral existe apesar de muitas reversões locais” (Connell, 1997, p. 37), como nos demonstram Bigri, mãe de Riobaldo, que teria o criado sozinha, devido a ausência do pai, ou mesmo Reinaldo-Diadorim, a mulher que transiciona para o lugar social de homem.

2- Nas relações de produção e divisão sexual do trabalho que privilegiam os homens

Afinal, só é permitido ao homem herdar o processo produtivo. Vale destacar, nesse caso, que a herança comprehende a capacidade de garantir sua manutenção, como exemplifica o personagem enigmático Reinaldo, filho único do coronel Joca Ramiro, que generifica o papel social de herdeiro e jagunço. Isso pode ser lido com a ajuda da seguinte compreensão: “uma economia capitalista apoiada na divisão sexual do trabalho é, necessariamente, um processo de acumulação [das desigualdades] de gênero.

Dessa forma, não é um acidente estatístico, senão parte da construção social da masculinidade, que sejam homens e não mulheres os que controlam as principais corporações e as grandes fortunas privadas” (Connell, 1997, p. 37). Embora não seja meu foco de análise, não é possível perder de vista que os marcadores *classe* e *raça*, além do de *sexualidade*, são responsáveis por estabelecer desigualdades entre os próprios homens, inferindo nas relações de produção e divisão sexual do trabalho, representadas, especialmente, pelos coronéis e jagunços, ambas posições sociais ocupadas, necessariamente, por homens.

3. A partir da ideia de *Cathexis*

Forma de direcionamento das nossas emoções, provocada pelo processo de socialização e subjetivação que, no romance, impede a consumação de relações homoafetivas entre Riobaldo e Reinaldo por viverem num sistema heteronormatizado, revelando os conflitos internos de ambos os personagens para expressar o amor que nutrem um pelo outro e que confronta este sistema. Como enfatiza Connell, “o desejo sexual é visto como natural tão frequentemente, que normalmente é excluído da teoria social. Não obstante, quando consideramos o desejo nos termos freudianos, como energia emocional ligada a um objeto, seu caráter generificado torna-se claro. Isso é válido tanto para o desejo heterossexual como para o homossexual” (Connell, 1997, p. 37-38).

Nesse sentido, é possível formular questões acerca do envolvimento de tais personagens, que dizem respeito à conexão da heterossexualidade com a posição de dominação social dos homens, do sertão de Minas Gerais. Desse modo,

[...] em vez de tentar definir a masculinidade como um objeto (um tipo de caráter natural, um padrão de comportamento, uma norma) precisamos nos concentrar nos processos e relacionamentos através dos quais homens e mulheres vivem as suas vidas, organizados pelo gênero. A masculinidade, na medida em que o termo pode ser definido, é um lugar nas relações de gênero, nas práticas pelas quais homens e mulheres ocupam esse espaço, e os efeitos de tais práticas na experiência corporal, personalidade e cultura (Connell, 1997, p. 35).

Dessa forma, bebo também das formulações de Durval Muniz de Albuquerque Jr. (2003) que confronta a representação do homem nordestino, tratando da construção do simbolismo em torno do “autêntico homem brasileiro”. Albuquerque apontou a ideia euclidiana de “como a natureza do sertão, a natureza do homem brasileiro seria bruta” (Albuquerque, 2003, p. 226), enfatizando que o nordestino é inventado como um tipo regional, destinado a resgatar padrões de masculinidade que estariam em perigo. Seria “capaz de restaurar o lugar que seu espaço estava perdendo nas relações de poder em nível nacional” (Albuquerque, 2003, p. 226). A esse respeito, em diálogo com as formulações propostas por Connell, o autor destaca que, com o

advento da modernidade, constata-se um processo de “desvirilização” e, consequentemente, uma perda significativa dos valores do patriarcado. Pode-se dizer, sobre essa ideia de “natureza bruta do homem brasileiro”, inventada tal como a ideia de nordeste, que são duas estratégias utilizadas pelo patriarcado.

Com efeito, parecendo se preocupar pouco com a questão que se revela crucial para época, endossar o modelo de masculinidade hegemônica, que vivia o perigo da influência da homossexualidade, Rosa constrói uma percepção dissonante dos seus contemporâneos, direcionando-nos mais à compreensão sobre os conflitos que condicionam as masculinidades, haja vista que a natureza bruta do homem sertanejo, no sentido rosiano, é ampla, apresentando-se através de contradições que revelam um processo de embrutecimento cultural.

Rosa representa homens que resolvem seus problemas por meio da violência, mas, ao mesmo tempo, são capazes de se arrepender dos crimes cometidos. Às vezes perdoam os assassinos, escrevem poesias, amam outros homens, e, até mesmo, tem o sexo feminino. Ou seja, o estudo de Albuquerque, à luz dos dados já mencionados, nos ajudam a perceber o *gênero* e a *sexualidade* como duas importantes questões de um tempo consideradas, mas, simultaneamente transgredidas em *Grande Sertão*.

Com isso, percebe-se na *comunicação simbólica* um tipo de desenho cultural com grande potencial de significar os modos de configuração das identidades, no caso em questão, as *identidades masculinas* que analiso. Para ajudar nessa compreensão, também recorro ao livro *Gender Trouble: feminism and the subversion of identity* (1990), no qual Butler utiliza-se de três obras de Michel Foucault: *Vigiar e punir* (1975), *História da sexualidade: a vontade de saber* (1976) e *Microfísica do Poder* (1979). Para Foucault, poder não seria uma “entidade” ou “ideia”, mas uma prática relacional, exercitada com frequência pelos sujeitos, através de mecanismos sofisticados. Nessa visão, o poder, assim como o sexo e a sexualidade, está relacionado ao saber, sendo, portanto, um elemento sócio-histórico, constitutivo das inúmeras práticas de classificação e análise dos objetos. Os homens não são só um efeito do discurso de gênero que aprendem através dos muitos mecanismos, são, sobretudo, práticas “manufaturadas por signos corpóreos e outros meios discursivos” (Butler, 2003, p. 194).

Dessa forma, os personagens homens rosianos seriam um efeito dos discursos praticados. Pensando o meio social, o sertão, como o palco onde representam a masculinidade, percebe-se que as condições sociais fazem tanto de Riobaldo quanto de Reinaldo-Diadorim (que evidenciaremos nos capítulos seguintes), uma paródia dessa estrutura social que estabelece cercas e cerceia a liberdade de ambos, com destaque para Diadorim, personagem rosiano escolhido para colocar ambas as categorias, homem e mulher, no caldeirão das contradições, de

modo que é possível questionar, por meio dele, a matriz de gênero exposta por Butler, no trecho a seguir:

[...] a paródia que se faz é da própria ideia de um original [...], a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem. [...] a identidade de gênero pode ser reconcebida como uma história pessoal/cultural de significados recebidos, sujeitos a um conjunto de práticas imitativas que se referem lateralmente a outras imitações e que, em conjunto, constroem a ilusão de um eu de gênero primário e interno marcado pelo gênero, ou parodiam o mecanismo dessa construção (Butler, 2003, p. 197).

Conforme podemos compreender, ao considerar a estrutura binária e suas opressões, dentre estas, a heterossexualidade, Rosa, ao mesmo tempo em que jogou com a estrutura social sertaneja, apresentou uma grande questão para a época, o amor gay, por meio das masculinidades representadas por Riobaldo e Diadorim, em suas performances como homens, gays incubados, valentões sensíveis e poetas, enfatizou-se “a conexão da heterossexualidade com a posição de dominação social dos homens” (Connell, 1997, p. 37-38); o autor questionou conformação binária das relações; e embaralhou, não só os próprios modelos de masculinidades encarnados, mas, ainda, o das feminilidades, ao modo que confrontou a heteronormatividade. Essa linha de pensamento me leva a discordar da pesquisadora brasileira Márcia Tiburi (2013) que, sobre isso, escreveu:

O homoerotismo aparece apenas para que possa ser negado. Uma revolução sexual em nome da homoafetividade se anuncia e é, no instante derradeiro, negada. Como que julgada durante todo texto feito lei, ela é condenada enquanto, ao mesmo tempo, uma espécie de redenção heterossexual é alcançada com a imagem do corpo morto de Diadorim (Tiburi, 2013, p. 195).

Ou seja, a crítica de Tiburi não reconhece o potencial da obra para a época em que foi escrita e sua diferença peculiar, corajosa, de diálogo com as distintas subjetividades que transitam entre o sertão e a cidade, entre o gênero e a sexualidade. Rosa negocia com o leitor conservador, apresentando a outra metade feminina de Reinaldo-Diadorim, após ter provocado o momento de catarse, envolvendo os dilemas do que parece compor, em aproximadamente um terço da obra, um romance homossexual vivido no sertão mineiro, na transição do século XIX para o século XX. Inclusive, com essa atitude frente ao conservadorismo – um recuo sem recuar completamente –, aponta-nos não só a masculinidade, mas sobretudo a sexualidade, como questões sociológicas importantes para a época.

Para confirmar o exposto, retomamos o estudo citado na introdução deste trabalho, que instigou esta pesquisa, o caminho trilhado por Richard Miskolci e Fernando de Figueiredo

Balieiro (2011), que analisaram *O Ateneu* (1888) e seu autor Raul Pompeia (1863-1895). Em *O Ateneu*, o narrador-personagem Sérgio teria vivido uma pedagogia castrativa da sua sexualidade no orfanato do qual era interno. Nos moldes do pensamento conservador que segue em conflito com as perspectivas mais progressistas sobre o assunto, desde aquela época, Pompéia trata os atos como condenáveis, resquícios da monarquia que careciam de serem superados. Aliás, o desfecho da história centra-se na ação do personagem Américo, outro estudante, que coloca fogo no orfanato, ou seja, termina com uma metáfora bastante castrativa. Esse desfecho leva Mário de Andrade, dentre outros, a afirmar, depois de ter estudado a obra, em 1974, que, assim como a obra em seu todo, o incêndio consistiria numa vingança do próprio autor, que viveu uma experiência castrativa como interno em um orfanato.

A recepção do romance de Pompeia, revelou interrogações muito contudentes sobre a sexualidade do autor, levando-o à ação que julgou necessária para salvar a reputação masculinizada: o suicídio. Aliás, Richard Miskolci e Fernando de Figueiredo Balieiro, analisaram o evento da morte de Raul Pompeia, inclusive, o seguinte trecho extraído da carta fúnebre por ele deixada: “à notícia e ao Brasil declaro que sou um homem de honra”. Em suas análises, associam o bilhete ao dilema da honra ferida, devido a conflitos pessoais e a “disputas simbólicas do período, sobre um ideal de nação que se criava junto à consolidação do regime republicano” (Miskolci; Balieiro, 2011, p. 74).

Portanto, em *O Ateneu*, Raul Pompeia retrata algumas ideações de masculinidade em disputa pela hegemonia, demonstrando uma visão que é lida por alguns críticos como falso-conservadora. Dentre os rumores que acabaram compondo os conflitos e culminando no ferimento da honra de Pompeia, esteve o de nunca terem visto o autor com uma namorada, ou mesmo o “caráter persecutório [de seu comportamento] dentro dos ambientes masculinos de que participava” (Miskolci; Balieiro, 2011, p. 85). Os pesquisadores afirmam ainda que:

A pressão social para incorporar a masculinidade hegemônica fincada em uma vida heterossexual termina por se materializar no maior ato de violência contra si mesmo. Neste drama público, o que menos interessa é saber a real sexualidade do escritor, antes a força do espectro da degeneração sexual na elite brasileira de então. Diante dele, o autor de *O Ateneu* buscou – por meio do suicídio – virilizar-se e resgatar a sua honra. Muitos artigos de jornal no dia seguinte destacaram o caráter “honrado” da pessoa do escritor brasileiro e enfatizaram sua importância nacional, julgamento que não apagou essa mancha de sangue em nossa história (Miskolci; Balieiro, 2011, p.85).

Mais do que elencar curiosidades ou traços da vida pessoal do autor, o procedimento de contrastá-la com sua obra me parece interessante pelo valor heurístico que apresenta para a delinearção de questões sociais que se faziam relevantes na época de publicação de tais escritos,

além dos modos como, individualmente, foram acolhidas e tratadas. Dito de outra maneira, permite captar certos movimentos de *reflexividade* entre individualidades autorais e textuais que compõem o contexto em que é escrito *Grande Sertão: veredas*.

Se consideramos a literalidade da obra, ou mesmo a revelação que representa a entrevista com Aracy, esposa de Rosa, em que afirma sobre a mudança que houve quanto à sexualidade de Reinaldo-Diadorim, percebemos a centralidade das temáticas de masculinidade, e, sobretudo, da sexualidade na narrativa rosiana, que compõem o contexto de sua elaboração.

Ao descrever o grande dilema de sua vida: seu amor por Diadorim, a quem também se refere como “o demo”, o personagem Riobaldo provoca-nos então a perceber a potência escondida na neblina que também caracteriza o viver, afinal “a vida é o diabo na rua no meio do redemoinho” (Rosa, 1956, p. 32). Ou seja, Diadorim, o personagem sertanejo que confronta o gênero e a sexualidade, apresenta ambas categorias como abertas e embaralhadas, mesmo no sertão, onde o controle social está nas mãos dos coronéis e jagunços.

Antevendo uma conceituação que viria a ser mais difundida décadas depois, Diadorim pode ser lido como a primeira representação de homem trans da literatura brasileira. Mais que identificar um espaço reprimido do desejo, portanto, Rosa apresenta os conflitos que integram a masculinidade hegemônica, que continuamos a perseguir nos capítulos seguintes.

“Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de home não, Deus esteja” (Rosa, 1965, p.23). Desse modo, Rosa inicia a saga que descreveremos com mais minúcia no capítulo seguinte.

CAPÍTULO II: O GÊNERO NO SERTÃO

No romance *Grande Sertão: veredas*, ocorre um diálogo entre dois homens, os sertanejos Riobaldo, narrador da história, e o doutor, que toma notas. Para além disso, o autor explicita a coparticipação do Buriti (Palmeira de Deus), do amarelo – cor predominante do cerrado -, do Fogo-apagou, dos Anus brancos, do Manuelzinho-da-croa, da Seriema, da Coruja, do Sagui, do Lobo Guará, da Onça, da seca e dos riachinhos, dos rios “De-Janeiro” e “São Francisco”, ou seja, dos outros seres vivos que atuam juntamente com os homens jagunços, e as mulheres na teia social onde se expressam distintos modos de vida e hábitos – o sertão de Minas Gerais. Faz isso, demonstrando a parceria e a diferença entre nós e os demais seres vivos, por meio de uma racionalidade sertaneja que nos instiga a pensar, de forma diferente, o processo de construção social que compreendemos por cultura brasileira. Rosa trata de realidades geográficas, históricas e sociais, que engendram um cenário que acolhe, de forma conflitiva, o drama amoroso entre dois jagunços machos, os quais apresentaremos no curso deste capítulo.

2.1 A terceira margem do Grande Sertão

Nonada. Com esta palavra Rosa inicia a travessia. Na sequência, o personagem que narra a história já velho, Riobaldo, é atormentado por uma dúvida barulhenta e a expõe bem: afinal, o demônio existe? Ele que busca através do doutor uma verdade a este respeito, vai tecendo histórias e enaltecendo outros dilemas que envolvem o Sertão e os seus sujeitos. Contra a sua vontade, Riobaldo teria sido escolhido para ser chefe de um bando de jagunços quando jovem, ou seja, peça-chave para a manutenção das leis do Sertão. Mas para esse feito lhe faltava coragem, levando-o a firmar um pacto com o diabo. Segundo a lenda sertaneja, quem faz o pacto passa a saber de tudo e conquista uma certa autoridade

Condicionado a construir o enigmático pacto, que ocorre em uma região denominada por Rosa como “Veredas Mortas”, Riobaldo teria encerrado o evento proferindo a seguinte fala: “Aragem do sagrado. Absolutas estrelas! (Rosa, 1965, p. 422). Ele que fez o pacto com o diabo, lido como profano, afirma que a aragem de tal ato é do sagrado.

Após introduzir o questionamento sobre a veracidade da existência do demo ao doutor, o personagem narrador trata sobre outro grande tema universal, o amor. De modo que, a meu ver, com o pacto, talvez esse personagem também esteja em busca de saber o que está acontecendo com ele próprio, que passa a amar outro homem. Ele sugere desejar compreender o amor, sobretudo um tipo de amor condenado no sertão, por isso “o amor é pássaro que põe

ovos de ferro” (Rosa, 1965, p. 93). Lido como medroso, Riobaldo provoca-nos a pensar nos limites da liberdade impostos aos homens sertanejos. Evidencia que as decisões, sobretudo quanto à sexualidade, vão sendo moldadas pelo meio social que o atravessa: o sertão dos Gerais.

É denominada Gerais a região do norte do estado de Minas Gerais, formada por 89 municípios, com uma das culturas mais ricas do país. Ali moram os chamados geraizeiros, comunidades tradicionais que se concentram na região de transição entre o Cerrado e a Caatinga (Eichler; Ferraz, 2019). Destaca-se que essa parte do estado, retratada por Rosa e conhecida por Gerais, é marcada pelas dificuldades de acesso, composta por um número significativo de ex-escravizados e foi administrada por Salvador até 1750, conectando-se à capital mineira, Belo Horizonte, apenas na década de 1930. Antes, reportava-se economicamente a Porto Seguro, situada no sul da Bahia. As dificuldades de acesso têm um potencial significante sobre as identidades de seus personagens, como demonstra Rosa através do jaguncismo, que bordeja um enredo riquíssimo ao propósito de pensar o gênero e a sexualidade.

Ao discorrer sobre as dificuldades que têm potencial de moldar seus sujeitos, o Urutu Branco (nome que Riobaldo ganha após o dito “pacto”) apresenta a jagunçagem, uma relação de trabalho que estaria atrelada às consequências das relações de poder, visando ao controle desse território específico. Com vistas a dominar o meio de produção mais antigo, as terras, os coronéis acionam a prática da jagunçagem, um mecanismo de guerra, composto por batalhas que exigem uma participação mais efetiva dos homens. Nesse contexto, inserem-se os personagens rosianos, envolvidos em dilemas que sugerem extrapolar o limite territorial retratado por Rosa, como o dilema do amor gay, nutrido entre Riobaldo e o personagem de *Grande Sertão* que acumulou três nomes: Reinaldo, Diadorim e Maria Deadorina.

Para falar especificamente do evento em que conhece o menino Reinaldo, presente no início deste romance, Riobaldo descreve ao doutor a metafórica experiência de sua adolescência, dizendo:

Aí pois, de repente, vi um menino, encostado numa árvore, pitando cigarro. Menino mocinho, pouco menos que eu, ou devia de regular minha idade [...] Mas eu olhava esse menino, com prazer de companhia, como nunca por ninguém eu não tinha sentido (Rosa, 1965, p. 62).

Teria o personagem que narra a história experimentado, na ocasião, o que alguns designam como “amor à primeira vista”? O desenrolar da história revela o questionamento do narrador sobre a ocasião em que conhece Reinaldo, sugerindo que tal aproximação também seria uma espécie de castigo. Ele também diz:

Por que foi que eu conheci aquele Menino? O senhor não conheceu, compadre meu Quelemém não conheceu, milhões de milhares de pessoas não conheceram. O senhor pense outra outra vez, repense o bem pensado: para que foi que eu tive que atravessar o rio, defronte com o Menino? (Rosa, 1965, p. 89).

Riobaldo sugere estar agoniado, um tipo de reação comprehensível se pensamos no seu lugar social, o sertão. Como poderia, nessa ocasião (tempo histórico) e lugar (território), dois homens se amarem nos finalmentes, leia-se: trocando afetos entre o Sertão, e as Veredas? Esse mesmo episódio em que se conhecem e que introduz o romance pode ser lido como uma grande metáfora, afinal, em uma canoa, com um queijo, um pedaço de rapadura e dois estranhos, é Reinaldo que instiga a fazer a travessia; a confluência do “De-Janeiro” e “São Francisco”, que separam as duas metades do mundo, marcadas por conhecimentos e opressões, a confluência dos rios, também divide a vida do personagem que narra a história ao meio: em antes e depois de Diadorim.

Destaque-se o fato de que, ao chegar na fronteira entre os rios De-Janeiro e São Francisco, os personagens centrais têm uma discussão, quando Riobaldo, por temer aquelas águas estranhas, propõe que voltem, mas é interpelado por Reinaldo que enfatiza que é preciso ter coragem, dando ordens para o canoeiro seguir em frente.

A frase “é preciso ter coragem”, é repetida por Reinaldo, e mesmo por Riobaldo, em vários momentos do romance, sugerindo-se um instrumento pedagógico. Ou seja, é a repetição dessa frase, dentre outros aspectos, que pretende moldar a coragem desses sertanejos e não a natureza. Assim, à medida que aprende e internaliza o que é coragem, Reinaldo, a despeito do seu sexo, aprende e expressa o gênero associado a ela ou (por que não?) nos provoca a pensar que ela não é associada a um gênero específico.

Ainda sobre esse evento da travessia do São Francisco, Riobaldo agarra-se à canoa e descobre, por meio de Reinaldo, que era feita de peroba, a madeira mais propícia a afundar, quando, desesperado, contraria o modelo de masculinidade hegemônica e chora, justificando-se no fato de que não sabe nadar e ouvindo de Diadorim que também não sabe. Assim, o personagem que narra a história considera tais palavras como tranquilizantes ou, dito de outro modo, como coercitivas sobre a sua performance de gênero.

Os personagens que vão e vêm de uma a outra margem dos dois rios, “De-Janeiro” e “São Francisco”, ao chegarem na outra margem, representativa da cidade, deparam-se com um personagem e situação que são bastante significativos. Na perspectiva do personagem narrador, trata-se de um homem “mulato”(expressão racista que se origina da palavra *mula*, um animal derivado do cruzamento de um burro e uma égua e que, de forma preconceituosa, remete aos filhos e filhas de homens brancos com mulheres pretas), que teria intentado sexualmente contra

ele e Reinaldo. Segundo Riobaldo o evento se deu assim, com um gesto com a mão fechada e outra aberta, o homem sugeriu que ambos estavam ali com objetivo de terem relaxões sexuais, e manifestou o desejo de “participar”, demonstrando que a violência sexual, tema que será tratado no curso deste romance, também está presente na outra parte do mundo: a cidade. Esse desconhecido teria dito:

Vocês dois, uê, heim?! Que é que estão fazendo?” Aduzido fungou, e, mão no fechado da outra, meteu um figurado indecente. Olhei para o menino. Esse não semelhava ter tomado nenhum espanto, surdo sentado ficou, social com seu prático sorriso. –“Hem, hem? E eu? Também quero! – o mulato veio insistindo. E, por aí, eu consegui falar alto, contestando, que não estávamos fazendo sujeice nenhuma, estávamos espreitando as distâncias do rio e o parado das coisas (Rosa, 1965, p. 108).

O desfecho da história se dá com Reinaldo, sentando no colo do estranho, fazendo uma voz fina (lida como feminina) para, em seguida, cravar o canivete em uma de suas coxas, e com o estranho fugindo. Provocando-nos a atentar às estratégias de sobrevivência dos sujeitos que vivem nas duas partes do mundo. Destaca-se que em uma parte do mundo Reinaldo é condicionado a acionar a coragem associada à performance do homem sertanejo, já na sua outra parte, representa o avesso, afinal faz uma voz fina. Ou seja, os rios “De-Janeiro” e “São Francisco” funcionam como metáforas potentes para se pensar a sociabilidade no sertão: que é o mundo; em suas duas margens persistem “códigos” das relações amorosas entrelaçadas por gênero e sexualidades.

Aliás, apresento melhor Reinaldo, responsável por herdar o império do pai, o poderoso coronel Joca Ramiro. Em um território em que a masculinidade era condição para a manutenção do poder, consequentemente, não só para herdá-lo, mas para mantê-lo, forjado a ser homem, é ele quem espanta o agressor. O lugar social de Riobaldo e Reinaldo, portanto, é o sertão. E como ele próprio define esse lugar: “Bolas, ora. Senhor vê, o senhor sabe. Sertão é o penal, criminal. Sertão é onde homem tem de ter a dura nuca e mão quadrada” (Rosa, 1965, p. 126). Realidade que sugere exigir mais resistência (dura nuca), e prontidão para luta (mão quadrada; pronta para o ataque) dos seus personagens. Nesse escopo, embora o homem sertanejo ocupe uma posição de dominação em relação às mulheres, ambos precisam ser fortes o suficiente, a despeito de suas vontades. A propósito, Reinaldo, quem representa melhor a masculinidade hegemônica nesse evento metafórico, deixa uma mensagem subliminar com a repetição dos dizeres: é preciso ter coragem.

Quando se trata da dureza desse lugar que forma os seus, homens e mulheres sertanejas, também é ponto elementar da narrativa o dia da morte da mãe de Riobaldo, Bigri. Evento que

também se passa quando ele é jovem. Ela o orienta, instantes antes do encantamento, a procurar por seu padrinho, Solorico Mendes, que “lhe serviria de bom grado”. Este, um coronel do lugar, provavelmente seria também o pai do personagem que narra a história, configurando um embroglio que dá continuidade ao tema da violência sexual, presente no enredo, discussão que aparecerá em diversos momentos da travessia em *Grande Sertão: veredas*; evidenciando contornos da violência de gênero, no ambiente Sertão.

Solorico recebe *Riobaldo* e o oportuniza um professor, com consequentemente acesso a conhecimentos. A propósito, esse trecho nos ajudanda a perceber o privilégio de classe para o acesso aos conhecimentos pois, ao narrar a história, já velho, e na condição de fazendeiro, fruto de herança que recebera de Solorico, Riobaldo afirma que, enfim, pode “especular ideias”. Sugere assim, que, sendo agora um “homem de fé e posição”, pode dedicar tempo à ampliação dos seus conhecimentos, ou mesmo narrar os fatos com mais detalhes. Mais do que isso, ao comparar sua posição do momento com a do passado, ele endossa que “quem mói no aspro não fantaseia”. Ou seja, destaca sua nova “posição”, possibilitadora do acesso ao conhecimento como instrumento constituinte de quem ocupa uma posição de privilégio de classe nas relações de dominação e poder.

Essa condição, o acesso a estudos, oportunizada por seu “padrinho”, o aproxima, no primeiro momento, de Zé Bebelo, um ex-jagunço que dizia querer acabar com a jagunçagem no sertão. Objetivando ser deputado, Zé Bebelo quer pôr ordem nos Gerais e recruta os saberes de Riobaldo para o seu propósito, mas o personagem, que narra a história, não é convencido da empreitada. Pelo contrário, no dia em que marca o batismo de Riobaldo na jagunçagem – ironicamente ou não esse evento ocorre no córrego Bastistério, existente na localidade de Pirapora MG –, Riobaldo defronta-se com Reinaldo pela segunda vez, e é convencido por ele a integrar, com outros homens, o bando de jagunços que contrapunham-se aos representantes do governo que tinham como aliado Zé Bebelo. Por apego às tradições e também por afeição a Reinaldo, o narrador se alia, na sequência dos fatos, ao coronel Joca Ramiro, que representava a continuidade da jagunçagem e dos valores sertanejos. Integra-se a tais valores a defesa moral do território, que interessava sobretudo os coronéis.

Outro evento rosiano, que marca o início do personagem na jagunçagem, é justamente o julgamento de Zé Bebelo. Tal jagunço, aspirante de político, foi julgado pelo coronel Joca Ramiro, conformando um evento pouco comum para a época e o contexto. Na interpelação, o coronel-juiz questiona, dentre outros, a imposição das leis da cidade e a naturalidade de Zé Bebelo, proferindo a seguinte fala: “O senhor veio querendo desnortear, desencaminhar os sertanejos de seus costumes velho de lei... o senhor não é do Sertão! Não é da terra...” (Rosa,

1965, p. 199). Sendo interpelado corajosamente pelo réu: “Sou do fogo? Sou do ar? Da terra é a minhocá – que galinha come e cata: esgravata! (Rosa, 1965, p. 121). O evento, que além de apontar o papel soberano do coronel em relação à manutenção das leis do lugar – afinal os jagunços presentes na ocasião não têm poder de decisão, inclusive para parte destes Zé Bebelo sequer teria direito a um julgamento e defesa –, aponta a liderança de Joca Ramiro como peculiar para o contexto.

Destaca-se que a liderança do coronel oportuniza não só a defesa de Zé Bebelo, mas também a saída desse personagem controverso, desse pedaço do sertão mineiro com vida. Atitude lida como dissonante do modelo de masculinidade hegemônica e do código moral representados pela jagunçagem. Isso, aliás, subsidia Hermógenes e uma parcela do grupo a trair Joca Ramiro e o bando. A partir de então, ao narrar o momento em que reencontra Reinaldo, no córrego batistério, além dos eventos que marca sua chegada no bando, como o julgamento de Zé Bebelo, Riobaldo apresenta-nos o sertão, as lutas decorrentes desse lugar, os personagens com os quais conviveu, e introduz “melhormente” o dilema de amar outro de natureza igual.

Adiante, na história, Riobaldo narra duas mortes, a primeira, do coronel Joca Ramiro, assassinado por Hermógenes e Ricardão. A outra, de seu chefe, Medeiro Vaz¹⁰, que morre vítima de uma peste, encarregando a ele a tarefa de comandar o grupo e dar sequência à vingança contra Hermógenes e Ricardão. Com isso, o enredo se transporta de um pedaço do sertão mineiro, em uma longa travessia até o sul da Bahia, visando vingar a honra do grupo. Coube a Riobaldo, contra a sua vontade, o papel de liderar o bando no propósito de vingar a honra de Joca Ramiro, e, obviamente, garantir a manutenção do poder do espólio desse coronel, agora representado por seu filho, Reinaldo. Riobaldo, que não tinha coragem suficiente para a tarefa que lhe foi imposta, precisou tomar um gole dela com o reforço sobrenatural. Sobre o evento em que bebe um gole de coragem, o personagem disse:

Ao que fui, na encruzilhada, à meia-noite, nas Veredas Mortas. Atravessei meus fantasmas? Assim mais eu pensei, esse sistema, assim eu mesmo penso. O que era para haver, se houvesse, mas que não houve: esse negócio. Se pois o cujo nem não me apareceu, quando esperei, chamei por ele? Vendi minha alma algum? (Rosa, 1965, p. 441).

¹⁰Medeiro Vaz, antes de ser chefe do bando, herdou grandes extensões de terra. O personagem, após a morte de sua mãe, coloca fogo na sede da fazenda, constrói uma capela para ela e embrenha, sem rumo, sertão afora. História que dialoga com a de Manuelzão que, após a morte de sua mãe, constrói uma capela e dedica-se à função de capataz.

Ele, que não viu o demo, teria, desde então, sido agraciado com uma quantidade de coragem de que não dispunha, percorrendo com seu grupo a caminhada que levaria até terras baianas, a fim de surpreender o traidor Hermógenes. É curioso que Reinaldo, filho único de Joca Ramiro, herdeiro de seu império, não tenha sido o sucessor de Medeiro Vaz na empreitada. Sobretudo porque se aproximava mais do modelo de masculinidade hegemonic, condição da posição de homem e de chefe da jagunçagem. Talvez Rosa, com a atitude de escolher Riobaldo e não Reinaldo como o chefe, estivesse provocado, ou provocando a pensar até que ponto uma performance perfeita de gênero é garantia de uma posição de poder na hierarquia sertaneja, se deslocada do sexo.

Nesse contexto geográfico e temporal, a partir dos códigos inscritos em seus personagens, Rosa evidencia “a força da terra”, como observou Antonio Cândido em “O homem dos avessos” (2000), que molda seus homens jagunços. Tais personagens rosianos, representam o que Connell cunhou como *masculinidade hegemonic* e *masculinidade subalterna*. Retomando o que fora dito por essa pesquisadora, o patriarcado demarca a subordinação das mulheres e a dominação masculina nas sociedades ocidentais, bem como demarca uma subordinação entre os próprios homens, colocando uma parte em posição de subalternidade, devido aos marcadores sociais de classe, raça, etnicidade, geração e sexualidade, ou quando não traduzem, de forma satisfatória, os comportamentos valorizados culturalmente. Destaca-se que, no meio da jagunçagem, a exigência quanto à performance da masculinidade é hipervalorizada.

A propósito, as descrições dos demais jagunços, elaboradas por Riobaldo, são bastante ilustrativas a respeito do entrelaçamento entre a jagunçagem e masculinidade hegemonic, destacadas nos excertos a seguir:

Medeiro Vaz que, quando moço, de antepassados de posses, [...] recebera grande fazenda. Podia gerir e ficar estadonho. Mas vieram as guerras e os **desmandos de jagunços** – tudo era morte e roubo, e **desrespeito carnal das mulheres casadas e donzelas**, foi impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraiou nos gerais. Então Medeiro Vaz, ao fim de forte pensar, reconheceu o dever dele: largou tudo, se desfez do que abarcava, em terras e gados, se livrou leve como que quisesse voltar a seu só nascimento. [...] Daí, relimpo de tudo, escorrido dono de si, ele **montou em ginete, com cachos d'armas, reuniu chusma de gente corajada, rapaziagem dos campos, e saiu por esse rumo em roda, para impor a justiça** (Rosa, 1965, p. 60, grifos nossos).

Hermógenes – homem sem anjo-da-guarda. [...] Pouco, pouco, fui receando. O Hermógenes: ele estava de costas, mas umas costas desconformes, a cacunda amontoava, com o chapéu raso em cima, mas chapéu redondo de couro, que se que uma cabaça na cabeça. **Aquele homem se arrepanhava de não ter pescoço.** As calças dele como que se enrugavam demais da conta, enfolipavam em dobrados. As pernas, muito abertas; mas, quando ele caminhou uns passos, se arrastava – me

pareceu – que nem queria levantar os pés do chão. [...] Naquela hora, eu estava querendo que ele não virasse a cara. Virou. A sombra do chapéu dava até em quase na boca, enegrecendo (Rosa, 1965, p. 132-133, grifos nossos).

Ah, Zé Bebelo era o do duro – sete punhais de sete aços, trouxados numa bainha só! Atirava e tanto com qualquer quilate de arma, sempre certeira a pontaria, laçava e campeava feito um todo vaqueiro, amansava animal de maior brabeza – burro grande ou cavalo; duelava de faca, nos espíritos solertes de onça acuada, sem parar de pôr; e medo, ou cada parente de medo, ele cuspiria em riba e desconhecia. Contavam: ele entrava de cheio, pessoalmente, e botava paz em qualquer rutuba. Ô homem couro-n’água, enfrentador! Dava os urros. E mesmo, para ele, parecia não ter nada impossível (Rosa, 1965, p. 146, grifos nossos).

[...]o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em acume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça — era o homem mais afamado dos dois sertões do rio: célebre do Jequitinhonha à Serra das Araras, da beira do Jequitaí à barra do Verde Grande, do Rio Gavião até nos Montes Claros, de Carinhanha até Paracatu; maior do que Antônio Dó ou Indalécio; o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-àunha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o rompe-racha, o rompe-e-arrassa: Seu Joãozinho Bem-Bem (Rosa, 1965, p. 389, grifos nossos).

Marcelino Pampa, que “Era ouro”, e não se vê muito assim, com tão legítimo valor, capaz de ser e valer, sem querer parecer [...]. De certo dava para grande homem-de-bem, caso tivesse nascido em grande cidade (Rosa, 1965, p. 598, grifos nossos).

Como destaco nos grifos, as caracterizações não só explicitam tipos particulares do sertão, que carregam o peso da “força da terra”, que forjam os seus sujeitos num contexto específico, a transição do século XIX para o século XX. O mundo da jagunçagem é apresentado por Rosa nos moldes do que também é, uma relação de exploração e trabalho entre coronéis e jagunços, um tipo de polícia rural que se estabeleceu devido a incentivos providos no segundo Império. Esse grupo, em Grande Sertão, opera de forma paralela ao Estado que tenta colocar as ordens da cidade e no sertão, ou seja, no centro desse ordenamento estão os interesses dos poderosos, coronéis e Estado, que acabam resultando em conflitos. Esses conflitos explicitam nuances da masculinidade hegemônica e masculinidades subalternas, atravessadas pelas relações de poder.

Destaca-se, sobre tal fenômeno social da jagunçagem que, com o período regencial, visando reafirmar e proteger o território nacional, o imperador Dom Pedro II cria a guarda nacional e sua principal patente, que passa ser controlada pelos “donos” de terras e de pessoas escravizadas, os coronéis. Isso resulta em uma rede de poder complexa, na qual estes passam a acumular, de forma “natural,” o poder policial, jurídico e político, conformando uma rede que se impunha aos seus trabalhadores armados, jagunços, mulheres, e grupos locais rivais. Vale destacar ainda que, embora o fenômeno do coronelismo seja anterior à Primeira República, é

nesse contexto que os coronéis ampliam o seu poder, quando muitos conseguem ampliar a hegemonia local, ocupando, por vezes, um protagonismo político, regional e nacional.

Para compreender um pouco melhor o contexto, considera-se ainda que com a ascensão de Getúlio Vargas à presidência, na década de 1930, o Estado passa a se movimentar de forma diferente, visando centralizar o poder, nomeando intervenções nos estados, os quais indicavam os intervenções nos municípios. Tecendo realidade e ficção, Rosa apresenta a mudança institucional que ocorreu no Brasil, resultando em conflitos entre o Estado, os coronéis e os seus jagunços.

Adentrando mais minuciosamente na caminhada trilhada por ambos personagens, rumo à defesa dos seus interesses, que visavam à morte de Hermógenes, nota-se que Riobaldo e Reinaldo aproximam-se mais, o que oportuniza viverem a conflituosa e cerceada história de amor gay. É em uma dessas ocasiões que Reinaldo se apresenta em segredo para Riobaldo como Diadorim; sem revelar por completo o segredo maior escondido nesse outro nome. Aliás, sobre a caminhada, mais especificamente em relação aos momentos em que estavam juntos e sozinhos, o personagem que narra a história afirma que foi quando aprendeu a admirar as “belezas sem dono” (Rosa, 1965, p. 42). Diadorim teria posto “o rastro dele para sempre em todas essas quisquilhas da natureza” (Rosa, 1965, p. 42).

Os ensinamentos vieram de Diadorim que, para Riobaldo, tratava-se de um homem diferenciado: ao mesmo tempo em que era dono de finas feições, era o mais valente dos jagunços. Uma ambivalência que já sinaliza a ruptura com a masculinidade hegemônica, por este que melhor a representa. Nesse sentido, no primeiro momento, Riobaldo discorre que “o valor de um homem (jagunço) é medido por sua capacidade de guerrear, e, principalmente, pela manifesta coragem” (Alves, 2013, p. 11). Contudo, revela mais que uma contradição da performance masculina, ou seja, outra forma de expressar o gênero. Nas palavras do próprio Riobaldo, “Diadorim, digo. Eh, ele sabia ser homem terrível” (Rosa, 1965, p. 154). Essa fala me leva a ter aqui uma ilustração perfeita da fissura que busco tomar conta adentro, à luz da teorização de gênero feita por Judith Butler (2016), Reinaldo evidencia melhor o *gênero* como performance, discurso, socialmente difundido e incorporado.

Ao discorrer mais sobre a travessia que oportuniza a esses personagens a vivência de muitas experiências coletivas e a socialização de impressões sobre elas nos tempos de “descuido” (folga), quando também viviam suas experiências particulares, Riobaldo diz ao doutor que, em certa ocasião quando o grupo contava histórias de estupro, como se estivessem duelando com vistas a provar quem era mais macho, Diadorim teria dito “mulher é gente tão infeliz” (Rosa, 1965, p. 133). Riobaldo opina a respeito, com “Deus me livrou de endurecer

nesses costumes perpétuos[...]" (Rosa, 1956, p. 458), indicando que também teria cometido tal violência e, sobretudo, naturalizando a violência como parte do costume, construída e reiterada socialmente. Com isso, Riobaldo dá destaque a prática cultural do estupro e aos contornos do gênero e de sua reprodução, enquanto desigualdade e violência no sertão.

Aliás, quando estão em foco as representações rosianas de mulheres, ou seja, as mais prejudicadas pela masculinidade hegemônica, vítimas do que esse modelo produz e reproduz, é possível notar que Rosa apresenta personagens que também revelam o conflito com a matriz da estrutura em que estão inseridas, uma vez que também seguem, em parte, o *script* social imposto pelo patriarcado. Isso pode ser percebido na figura de Bigri, que fora chefe de família a vida inteira, inclusive morrendo sem revelar o segredo capaz de gerar algum desconforto para Solorico; ou de Nhorinhá, a quem Riobaldo se refere como "prostitutriz", sugerindo a fusão das palavras prostituta e imperatriz, uma mulher que detinha algum poder dentre os poderosos. Ambas, de lugares diferentes, uma doméstica e outra prostituta, são vítimas da produção e reprodução do gênero, trazendo outra característica em comum, a capacidade de serem chefes ou aquilo que Connell (1995) compreendeu como reversão local da estrutura social machista, dada a própria natureza machista expressa pelo patriarcado.

Ainda sobre a forma como Riobaldo apresenta tais mulheres ou como Rosa as representa, é importante não perder de vista a santificação de parte delas. Otacília é desenhada como uma mulher santa para casar, com características de uma mulher submissa. Enquanto Maria Mutema, uma assassina a sangue frio que matou o marido dormindo, sendo o padre da cidade a única pessoa que sabe do seu crime. Após assumir publicamente os crimes, aos poucos, é perdoada e santificada. Destaca-se, sobre Maria Mutema, que, diferentemente dos homens, precisa assumir seus crimes e ser perdoada, para então ocorrer "a ordem natural das coisas", sua santificação, outra representação rosiana sutilmente transgressora dos problemas de gênero.

Afinal, a tradição literária à época, representando um drama de séculos, condicionava as mulheres adúlteras à morte. Dentre tantos exemplos a respeito, e em distintas temporalidades estão, "Otelo, o Mouro de Veneza", de William Shakespeare, escrita em 1603; "O primo Basílio", de Eça de Queiroz, publicado em 1878; e "Dom Camurro", de Machado de Assis, publicada em 1899, com os quais se constata o que se configura atualmente como feminicídio, crime também perpassado pela desigualdade de gênero.

Riobaldo e Diadorim, entre o *Grande Sertão* (o diabo na rua no meio do redemoinho) e as *Veredas* (paraíso: lugares de descanso), revelam um modo de vida que integra a natureza, bem como as relações de poder que força os jagunços e forja identidades masculinas e femininas peculiares. Consequentemente, essa realidade hipermachista é também hiper-heterossexual,

impelindo Riobaldo e Diadorim de viverem o dilema de um amor *gay*, inconcebível para a época, o lugar e a posição social. A propósito, a seguir são descritos dois trechos em que tal dilema de cerceamento do *amor gay* se expressa:

Tinha tornado a pôr a mão na minha mão, no começo de falar, e que depois tirou; e se espaçou de mim. Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada. Coração – isto é, estes pormenores todos. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento (Rosa, 1965, p. 35).

Diadorim e eu, nós dois. A gente dava passeios. Como assim, a gente se diferenciava dos outros – porque jagunço não é muito de conversa continuada nem de amizades estreitas: a bem eles se misturam e desmisturam, de acaso, mas cada um é feito um por si. De nós dois juntos, ninguém nada não falava. Tinham a boa prudência. Dissesse um, caçoasse, digo – podia morrer (Rosa, 1965, p. 44).

Ambos, Riobaldo e Diadorim, sugerem negar o amor como estratégia para a manutenção de autoridade no sertão, bem como no grupo de jagunços do qual faziam parte. E Riobaldo era o chefe. Onde já se viu um chefe da jagunçagem *gay*? Essa contextualização permite-nos seguir no rumo do desfecho da história contada por Riobaldo ao doutor. São quase seiscentas páginas, nas quais se destacam o mundo do trabalho, expresso na jagunçagem o poder dos homens e a subjugação das mulheres, bem como o amor *gay* por Diadorim. Ambas as dimensões são experimentadas na maior parte do tempo no sertão, relativa ao campo, composta por outros seres vivos, contexto que nos ajuda a perceber de forma poética as particularidades que envolvem a masculinidade, como descritos nos trechos a seguir:

Assim, uns momentos, a menos eu guardava a licença de prazo para me descansar. Conforme pensei em Diadorim só pensava era nele. Um joão-de-barro cantou. Eu queria morrer pensando em meu amigo Diadorim, mano-oh-mão, que estava na Serra do Pau d'Arco, quase na divisa baiana, com nossa outra metade dos sô-candelários... Com meu amigo Diadorim me abraçava, sentimento meu ia, voava reto para ele (Rosa, 1965, p. 19).

E ele se chegou, eu do banco me levantei. Os olhos verdes, semelhantes grandes, o lembraço das compridas pestanas, a boca melhor bonita, o nariz fino, afiladinho. Arvoamento desses, a gente estatela e não entende; que dirá o senhor, eu contando só assim? Eu queria ir para ele, para abraço, mas minhas coragens não deram. Porque ele faltou com o passo, num rejeito, de acanhamento (Rosa, 1965, p. 92-93).

Com isso, o personagem revela outros elementos sobre a contradição que os acometeram, amar e não poder viver livremente o amor, afinal, eram homens, localizados dentro do sistema da jagunçagem, embasado, dentre outros, na heterossexualidade que sustenta a masculinidade. Ou seja, precisavam manter e viver minimamente o que sentiam em segredo, para evitar constrangimentos e mesmo para garantir a manutenção da condição de privilégio: a masculinidade. Nesse rumo, nota-se, em dado momento da narrativa, que Riobaldo defende sua posição ao perder a paciência com outro jagunço, seu colega de jagunçagem que teria citado o

diminutivo de Diadorim duas vezes, sugerindo ter descoberto, de alguma maneira, a intimidade dos dois; o segredo. Reiterando sua preocupação com a manutenção de sua honra masculina, Riobaldo engrossa para o lado do colega.

A seguir, apresento outros trechos a respeito dos conflitos envolvendo a masculinidade hegemônica e subalternas, representadas pelos personagens centrais deste romance na sexualidade:

Homem muito homem fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra os vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito. Então – o senhor me perguntará – o que era aquilo? Ah, lei ladra, o poder da vida [...] Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Diga o senhor: como um feitiço? Isso. Feito coisa feita. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice [...] o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava (Rosa, 1965, p. 98).

Meu corpo gostava de Diadorim. Estendi a mão, para suas formas; mas, quando ia, bobamente, ele me olhou – os olhos dele não me deixaram. Diadorim, sério, testalto. Tive um gelo. Só os olhos negavam. Vi – ele mesmo não percebeu nada. Mas, nem eu; eu tinha percebido? (Rosa, 1965, p. 165).

Ou seja, o amor *gay* que viveram tratava-se de um vício a ser evitado para sustentar a posição de homens sertanejos, de jagunços num sistema de luta pelo controle do território e, como tinha dificuldades de negar, afinal a norma social não conseguiu controlar por completo o seu desejo, Riobaldo encara o sentimento também como uma maldição. Isso me provoca a perceber a máxima da reversibilidade de Rosa que, além de apresentar um personagem que é e não é homem, apresenta-nos um romance que é e não é *gay* e, a meu ver, também apresenta uma “maldição” que exige dos homens sertanejos coragem para ser vivida. Destaca-se que, até então, Diadorim era só homem.

Durante grande parte da história a sexualidade de Diadorim é um segredo. Um segredo que ele promete contar a Riobaldo “daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você” (Rosa, 1965, p. 450), mas que não conta até que ocorre, em uma região denominada Paredão, a batalha final, enfrentando o traidor Hermógenes, quando morre Diadorim. Sem que os personagens centrais se amassesem com direito aos toques que Riobaldo afirmou ter desejado, o corpo de Reinaldo-Diadorim-Maria Deadorina revela o seu segundo sexo, feminino. É revelado que Riobaldo não consegue enxergar por detrás daquelas “finas feições” e “delicadeza” que nebulosamente percebia: “Diadorim é a minha neblina” (Rosa, 1965, p. 20). O mesmo Reinaldo, Diadorim, evidencia a estratégia para a sua sobrevivência,

nos moldes do clássico *Luzia Homem*, de Domingos Olímpio (1991); *Memorial Maria Moura*, de Rachel de Queiroz (1992), ambas masculinizadas, dada a dureza do lugar: “Chapadão. Morreu o mar, que foi” (Rosa, 1965, p. 565).

Vale ressaltar que apenas três personagens ficam sabendo que Diadorim tinha o sexo feminino, a primeira é a mulher de Hermógenes, que depois conta para Riobaldo, o segundo. É curioso que tenha sido uma mulher a ver primeiro a metade feminina do personagem e que tenha sido justamente a mulher do jagunço traidor abatido, uma personagem que, pelas circunstâncias, teria sido duplamente silenciada. O terceiro personagem escolhido para saber de tudo é justamente um cego, o Borromeu, que ouviu, mas não viu, ou seja, silenciado pela deficiência visual.

Riobaldo fica sabendo o segredo e, endoidecido, apenas consegue ordenar aos jagunços que enterrem o corpo de Diadorim separado dos demais corpos abatidos na batalha. Ou seja, os demais jagunços ficaram sem saber o segredo. Para eles, Diadorim sempre foi um homem. Isso me leva a questionar se, de fato, era para as pessoas saberem o segundo sexo de Diadorim. Talvez Rosa tenha escrito bem mais para as pessoas navegarem nesta metáfora-travessia.

A propósito, ao reler a obra para esta pesquisa, me pergunto: será que Diadorim precisa ser mulher? Precisa ser homem? No final das contas é o amor gay que Rosa evidencia, esse é o grande tema encoberto. Contudo, penso que Rosa apresenta o humano, que é uma infinidade de coisas que não cabe no binarismo de gênero, de modo que, além de representar a alma do ser humano (ambivalente), o ser e o não ser, também demonstra o ser e ser. Não é só o ser-tão que está em toda parte, Riobaldo evidencia com tudo que “o Sertão é dentro da gente...”. Ele que também diz que “o diabo não há! Existe é homem humano. Travessia” (Rosa, 1965, p. 624), e provoca-nos a perceber as fissuras desse homem humano e, para além dele, afinal, ele é moldado pelas relações de poder que se fazem no sertão.

Assim, o sertão que impõe o jaguncismo e, com isso, riscos aos homens, como os confrontos em batalhas, e sair dos limites impostos pela heterossexualidade, demonstra de forma diferente o que motiva as pessoas a fazerem o gênero. Como o gênero e a sexualidade se revelam próteses, a masculinidade seria, desse modo, algo produzido, atualizado, utilizável e removível pelos sujeitos, dadas às relações de poder. Aliás, uma prótese que o próprio escritor coloca e tira. E não digo isso apenas pelo fato de João Guimarães Rosa ter jogado com o sexo e a sexualidade dos personagens centrais, haja vista que, só no final, revela que "Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita" (Rosa, 1965, p. 530), mas, sobretudo, porque foi Diadorim quem melhor performou a masculinidade.

Com isso, é possível dizer que Rosa apresenta um sertão que também é estrutural ao sertanejo, sugerindo que ali as formas de ver, agir e pensar o mundo, por sua característica geral, exterior e coercitiva, são atenuadas: “Tem muita verdade que se carece de aprender, do encoberto, e que ninguém não ensina: o bêco para liberdade se fazer” (Rosa, 1965, p. 503). Ambos, Riobaldo e Diadorim, sugerem ter ciência a respeito desse condicionamento, o beco para as suas liberdades: “Deixei meu corpo querer Diadorim; minha alma? (Rosa, 1965, p. 525). Nesse sentido, *Grande Sertão* é uma travessia de vida e o tema que engloba toda sua literatura é o amor gay na perspectiva do sertanejo.

Portanto, ao se analisar o conjunto das falas do personagem Riobaldo, pode-se dizer que ele sugere uma chave de forma implícita para compreender a coragem sobre as masculinidades. Inicialmente, essa coragem pode ser confundida com a coragem de matar ou de defender-se com uma faca, revólver, de defender a honra masculinizada ferida. A meu ver, no entanto, trata-se de um tipo de coragem que o jagunço, no caso Riobaldo, precisava ter. A coragem de amar outro ser, de natureza macha. Coragem relegada pelos homens nas duas partes do mundo: sertão e cidade, nesse sentido o *ser-tão* está em toda parte. Para dar um nó nessa perspectiva, apresento a seguinte interpretação do romance de Brasinha; conterrâneo de Rosa que entrevistei em julho de 2023, na cidade de Cordisburgo:

Ser-tão feliz, Ser-tão infeliz, Ser-tão triste, Ser-tão normal, Ser-tão anormal, sabe? É o que está dentro da gente, sabe? O que acontece com o ser humano desde que ele chega no mundo, até a hora de sua despedida, pra mim é uma travessia. A humanidade está representada em Grande Sertão, está representada no sagrado, está representada no profano, a partir de pessoas mais simples, quem fala é o Riobaldo, o doutor que vem de fora não fala nada, afinal ele vai falar o que depois de todas essas falas de Riobaldo? (Brasinha, 2023).

A propósito, em diversas entrevistas, Rosa afirma que, em suas obras objetivou descrever a delicadeza da alma do ser humano, uma espécie de delicadeza que todas as pessoas teriam. Acrescento: uma espécie de delicadeza que se choca com o modelo binário que conhecemos e que caracteriza o ser homem e o ser mulher e, sobretudo, com a masculinidade hegemônica performada no contexto representado. Por falar em contexto, cabe atentar um pouco mais sobre o criador dessas representações. Farei isso, mais minuciosamente, na próxima seção.

2.2 O entre-lugar de Rosa

O poeta mineiro Carlos Drummond Andrade, por meio de uma homenagem-poesia póstuma, apresenta “Um chamado João” (1958):

João era fabulista?
 fabuloso?
 fábula?
 Sertão místico disparando
 no exílio da linguagem comum?
 Projetava na gravatinha
 a quinta face das coisas,
 inenarrável narrada?
 Um estranho chamado João
 para disfarçar, para farçar
 o que não ousamos compreender?
 Tinha pastos, buritis plantados
 no apartamento?
 no peito?
 Vegetal ele era ou passarinho
 sob a robusta ossatura com pinta
 de boi risonho?
 Era um teatro
 e todos os artistas
 no mesmo papel,
 ciranda multívoca?
 João era tudo?
 tudo escondido, florindo
 como flor é flor, mesmo não semeada?
 Mapa com acidentes
 deslizando para fora, falando?
 Guardava rios no bolso,
 cada qual com a cor de suas águas?
 sem misturar, sem conflitar?
 E de cada gota redigia nome,
 curva, fim,
 e no destinado geral
 seu fado era saber
 para contar sem desnudar
 o que não deve ser desnudado
 e por isso se veste de véus novos?
 Mágico sem apetrechos,
 civilmente mágico, apelador
 e precipites prodígios acudindo
 a chamado geral?
 Embaixador do reino
 que há por trás dos reinos,
 dos poderes, das
 supostas fórmulas
 de abracadabra, sésamo?
 Reino cercado
 não de muros, chaves, códigos,
 mas o reino-reino?
 Por que João sorria
 se lhe perguntavam
 que mistério é esse?
 E propondo desenhos figurava
 menos a resposta que

outra questão ao perguntante?
 Tinha parte com... (não sei
 o nome) ou ele mesmo era
 a parte de gente
 servindo de ponte
 entre o sub e o sobre
 que se arcabuzeiam
 de antes do princípio,
 que se entrelaçam
 para melhor guerra,
 para maior festa?
 Ficamos sem saber o que era João
 e se João existiu
 de se pegar.

Drummond e *Grande Sertão: veredas*, em alguma medida, apresentam o pesquisador-autor João Guimarães Rosa, homem de um contexto histórico específico. Nesta seção utilizei recortes de cartas e jornais que encontrei no arquivo pessoal do autor, depositados no arquivo do Museu Mineiro, situado em Belo Horizonte, e no arquivo da ABL, situado no Rio de Janeiro para descrevê-lo.

Nascido em 1908, no burgo do coração, como também é conhecida a cidade de Cordisburgo, situada no início dos Gerais, Rosa viveu em uma casa grande, dos moldes da arquitetura colonial do Brasil, que abrigava residência e, no cômodo da frente, a venda (uma espécie de mercearia e bar) de seu pai, Florduardo Pinto Rosa. Ambiente bastante estimulante, por ser o ponto de socialização de diversos causos contados por aqueles que frequentavam ou passavam por ali, provavelmente, em suma maioria homens.

Rosa cresceu em um ambiente de contemplação de cenas, pessoas, sociabilidades e particularidades potentes como a prática que começou a desenvolver desde criança, o registro. Importante observar que, sobre esses espaços rurais, a exemplo deste em que viveu Rosa, o fato de que, na ausência de equipamentos públicos de sociabilidade, são os bares, vendas, casa de comadre e compadre, que ocupam tal função de socialização com mais frequência. É nesses lugares que os mais antigos costumam se reunir.

Alguns desses espaços e conversas por vezes são uma realidade vivida só pelos homens, haja vista que uma divisão sexual do trabalho confinou as mulheres camponesas de forma contundente ao interior de suas casas e quintais, de modo que definiu a dimensão do trabalho doméstico. Enquanto os maridos trabalhavam fora ou vendiam a força de trabalho, consequentemente iam às compras e frequentavam espaços como bares. Segundo esta lógica, as crianças também não frequentam todos esses espaços.

Elucidando, apresento parte da entrevista que realizei com Brasinha, um personagem do sertão rosiano que conviveu com Juca Bananeira (amigo e personagem de Rosa):

Ah, Brasinha, quando eu era menino, era o companheiro de Guimarães Rosa; ele não gostava de jogar bola, tomar banho no córrego, pegar passarinho. Ele gostava era de ler revistas em outras línguas, de brincar de celebrar missa, escutar as histórias dos mais velhos. E aí eu acho que o pai dele pensou: “esse menino vai dar em quê, se ele não gosta de nada?” E me chamou para brincar com ele. Aí eu saí de lá pensando, Guimarães Rosa colocou o nome de um dos vaqueiros de *Sagarana* de Juca Bananeira, ou seja, não tem como fazer uma ficção sem o real, não dá para partir da ficção para o real, mas do real para ficção sim, pensei. E comecei a procurar o real dentro da obra, lugares, pessoas, sabe? (Brasinha, 2023).

Rosa teria partido do real, do lugar onde viveu toda a sua infância, de onde saiu ainda na adolescência, migrando para a casa dos seus avós, localizada em Belo Horizonte, com o objetivo de estudar, para fazer sua ficção. Em Belo Horizonte cursou o antigo secundário, no Colégio Santo Antônio. Na capital permaneceu até 1930, quando se formou em medicina, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Então graduado, começou a exercer o ofício na cidade de Itaúna, mas ali não permanece. Estudioso de outras linguagens e conhecimentos, em 1938 foi aprovado para o concurso do Itamaraty, tornando-se diplomata do Brasil na Europa e, posteriormente, na América Latina. Período em que se dedicou com mais afinco à prática da escrita; há quem diga, inclusive, que com o objetivo de também lidar com a saudade do sertão. Como observou Drummond, teria sido a forma que encontrou de ter “pastos e buritis plantados no apartamento”.

Outro dado fundamental sobre sua trajetória, que me interessa particularmente, é uma viagem ou travessia que ocorreu em 1952, denominada como *a boiada*. Na ocasião, João Guimarães Rosa retomou às origens com um propósito, caminhar por cerca de 40 léguas - 240 quilômetros, com os vaqueiros que trabalhavam na fazenda Sarandi, situada em Três Marias, de propriedade do seu tio Adonias, vaqueiros que são peças-chave para a constituição das representações presentes na obra que o eternizou *Grande Sertão: veredas*. Sobre a viagem, afirmou Manuelzão, personagem real, representado na ficção rosiana: “ele, Manuelzão, me disse que Rosa perguntava e tomava nota da viagem quase que o tempo todo, mesmo nas horas mais impróprias. Ele me disse que chegava a ser chato, sabe? Que, às vezes, no meio da madrugada, quando todo mundo estava dormindo e acordava, pegava ele escrevendo, no escuro, apenas com a luz da lamparina acesa” (Entrevista, Brasinha, 2023). Manuelzão era o chefe do grupo de vaqueiros que construiu essa viagem e que ficou mundialmente conhecido - embora os registros apontem que foi com o vaqueiro Zito, que João Rosa manteve uma relação de mais proximidade durante a viagem. Essa proximidade provavelmente seja justificada no objetivo do autor, uma vez que Rosa teria “pegado” o trem rumo a Cordisburgo em 1952, com o propósito investigativo que culminaria em *Grande Sertão: veredas*. Zito, além de acumular a

função de cozinheiro, o que oportunizava mais proximidade com o grupo, também descrevia a viagem-travessia em versos, em uma caderneta, chamando a atenção de Rosa de uma forma especial, como revelam as anotações presentes na caderneta de viagem de Rosa, publicada recentemente. Os demais vaqueiros, que também estiveram com ele na ocasião, Tião Leite, Santana, Sebastião de Jesus, Gregório e Bindóia, também são citados. A viagem terminou em Andrequicé, destino final de *a boiada*.

Outro dado curioso sobre Rosa que me interessa é a percepção de que teria sido “delicado demais para a sua época” (como o definiu Brazinha, em entrevista, em 2023). Uma explicação para tais dizeres, é o fato de que Rosa teria performado diferentemente a masculinidade, comparado-se com o modelo de masculinidade hegemônica comum à época. Brazinha não questiona a sexualidade de Rosa, muito menos eu faço isso; na verdade, seu comportamento aponta um tipo de homossociabilidade pouco comum para um homem no seu contexto. Foi Brasinha que me informou quanto à existência de correspondências de João Guimarães Rosa preservadas, que analisei no arquivo do Museu Mineiro.

Dentre as correspondências analisadas¹¹, me chamou a atenção um tipo de tratamento pouco convencional para a época, como o que segue direcionado ao seu amigo de infância Pedro Barbosa: “A você um abraço demorado, forte, do seu João”; “E assim, com os melhores votos, e comovido, vai um forte abraço do seu Joãozito”. Ou mesmo esta, direcionada ao Pavão¹²: “E agora o abraço, mais forte como poucos, e saudoso, saudoso, como você mesmo não sei se imagina” .

Nessas correspondências, bem como nas entrevistas concedidas e nos jornais publicados no contexto de sua obra, é possível perceber bem mais que o rigor de um estudioso. Destaca-se uma subjetividade bastante singular que confronta a matriz de gênero, sobretudo no contexto em que viveu. Entretanto, essa singularidade navega sem romper por completo com tal estrutura. Para além do que foi exposto, por exemplo, Rosa, ao se separar de sua primeira esposa, se casa novamente com uma mulher divorciada, Aracy. Demonstrando que pouco se importava com um modelo de masculinidade hegemônico, pautado pelo patriarcado da época, que rechaçava fortemente uma mulher divorciada. Destaca-se que ele não só se casa com uma

¹¹ Anexos 2, 3 e 4 (p. 99 -101): Pedro Barbosa era amigo de infância de Guimarães Rosa, com quem estabelecia diálogos constantes. Nesses diálogos, por exemplo, Rosa solicitava informações acerca dos sertões e dos sertanejos, que comporiam seus contos, além de assuntos cotidianos. Percebe-se que a relação de amizade entre ambos era diferente do modelo da relação entre dois homens à época.

¹² Anexo 1 (p. 98): correspondência destinada a Pavão, a quem Guimarães trata de forma pouco usual, diferente da qual dois homens se tratavam na época, evidenciando um exemplo destoante do modelo de masculinidade hegemônica. Pavão, destinatário da carta, provavelmente se refere a Ary Pavão, escritor e músico brasileiro que foi diplomata contemporaneamente a Rosa.

mulher divorciada, como também estabelece com ela uma relação de troca de receitas, em um tempo em que a prática de cozinhar era compreendida como da posição social da mulher.

Acrescenta-se a essa perspectiva, a informação de que Rosa se maquiava, conforme proferido pela professora Letícia Malard, da Faculdade de Letras da UFMG. Ela diz que, ao convidá-lo para uma palestra, quando era professora no Colégio Estadual Central (também conhecido como Escola Estadual Governador Milton Campos), teria ficado impressionada ao se deparar com um homem maquiado. Em tais expressões, portanto, João Guimarães Rosa demonstra uma homossociabilidade alternativa à homossociabilidade tradicional brasileira clássica. Características que dizem bem mais que sobre o autor, lido por muitos críticos, a exemplo de Antonio Cândido, como um homem conservador. Ou seja, não são só as representações rosianas que causam impacto por questionar o gênero, revelando conflitos, o próprio autor também se expressa de forma dissonante com o modelo de masculinidade hegemônica.

O conjunto desses dados explicitam a relação do indivíduo (Rosa) com o tempo, a estrutura social e sua identidade masculinizada, também paradoxal. Lugar social que explica outra evidência fundamental sobre o acervo de suas publicações, o protagonismo dos homens, com uma homossociabilidade pouco comum, haja vista a preservação da vida de traídores assassinos, e até mesmo a preservação das vidas das mulheres adúlteras.

Vale dizer ainda que, além da forte presença de homens na história que analisei em *Grande Sertão: veredas*, nota-se, em algumas obras, como os contos *Famigerado* e *Irmãos Dagobé*, ambos publicados em 1962, no livro Primeiras Estórias, a exclusividade de representações masculinas, e isso também não se dá por acaso, razão pela qual apresento brevemente essas obras.

Em relação ao primeiro conto, *Famigerado*, é possível dizer que um velho jagunço é adjetivado pelo representante do governo como famigerado. Como se tratava de uma palavra estranha, e sobretudo visando proteger sua honra, o jagunço vai com seu bando até ao arraial buscar por ajuda, encontrando ali o doutor, a quem obriga explicar o significado da palavra. Destaca-se que o personagem e seu bando que intimidou o doutor teriam dito: “Pois... e o que é que é, em fala de pobre, linguagem de em dia-de-semana? — Famigerado?” Coube ao doutor ajeitar bem as palavras e dizer que o significado de famigerado é positivo e que, provavelmente, o funcionário do governo quis dizer que o jagunço era uma figura notável. Evento que culminou com a atitude do jagunço de pedir aos demais do bando para se retirarem do local, para então agradecer ao doutor, tecendo elogios ao conhecimento de que dispunha, sugerindo também que

não é comum a um homem sertanejo agradecer outro seu, de natureza macha, publicamente. Em nenhum momento uma mulher aparece em tal história.

Em *Irmãos Dagobé*, ocorrem conflitos em função da morte de um jagunço poderoso. Curiosamente, quem mata vai ao velório de sua vítima, encontrando ali seus irmãos valentões que ensaiam vingar a honra do irmão. Mas o desfecho da história não termina com outro assassinado, pelo contrário. Rosa entrega outra atitude bastante controversa por parte de tais irmãos, homens sertanejos: ambos perdoam o assassino. Pode-se dizer que *Famigerado* e *Irmãos Dagobé* tratam-se de contos “bem machos”, nos quais João Guimarães Rosa apresenta outra face do homem sertanejo, capaz de perdoar.

Em *Tarantão, meu patrão*, outro conto publicado em Primeiras Estórias, algo semelhante ocorre. Um homem muito poderoso e valente do sertão adoece, recebendo ajuda do sobrinho médico que faz uma lavagem intestinal no doente, via ânus. Após o procedimento, o sobrinho despede-se, deixando o tio remoendo o que julgou ser um atentado contra a sua honra (a realização do procedimento). Passado um tempo, o coronel decide matar o sobrinho em seu casamento e, para isso, recruta (a exemplo de Dom Quixote), no caminho até a localidade do casamento, pessoas para ajudá-lo no propósito. Dentre as pessoas recrutadas estão um doido e um casal; a quem o coronel adverte que estavam errados. Nessa história, aparece uma mulher puxando o cavalo, enquanto o marido descansa no lombo do animal. Todos o seguem sem saber o que o motiva a querer matar o sobrinho. Quando, por fim, no local do casamento, o homem desiste da vingança e, mais que isso, participa da festa.

Em *Cara-de-Bronze*, outro conto de João Guimarães Rosa, presente em outra obra, no livro "No Urubuquaquá, no Pinhém" (Corpo de Baile), publicado em 1956, a centralidade também é dada a um homem, um personagem que não aparece, um fazendeiro vindo do Maranhão, o *Bronze* (apelido dado ao fazendeiro), que divide a história com os vaqueiros. Dentre esses, destaca-se Grivo, a quem o fazendeiro encomenda a busca pelo “quem das coisas”; dito de outro modo, a poesia das coisas. No final dessa história, um dos vaqueiros grita com os bois desse modo: “Aí, Zé, opa!”. Lido de trás para frente nos deparamos com apo-ezia. Em todas essas histórias, a exemplo de *Grande Sertão: veredas*, Rosa retrata o sertão e sua gente valente, de um jeito diferente para a época.

Com isso, podemos dizer que Rosa representa em suas obras, de forma repetida, personagens como jagunços, doutores, coronéis. Além dos conflitos decorrentes da disputa pelas terras, bem como aqueles vividos internamente pelos homens, demonstra outros homens que sentem afeto, cantam e escrevem poesia (como o vaqueiro Zito) e personagens preocupados com uma honra masculinizada.

Pode-se dizer, assim, que Rosa, com suas representações, mostra a coragem e delicadeza no homem sertanejo, de modo que, por meio de tais representações, confronta a matriz de gênero. Por tudo, não se pode perder de vista que são as impressões de um homem que andava um tanto fora da linha da masculinidade hegemônica da época, sobre o universo do sertão. De acordo com Rosa (1965):

Se você me chama de “homem do Sertão” (e eu realmente me considero como tal), e queremos conversar sobre este homem, já estão tocados no fundo os outros pontos. É que eu sou antes de mais nada este “homem do sertão”; e isto não é apenas uma afirmação biográfica, mas também, e nisso pelo menos eu acredito tão firmemente como você, que ele, esse “homem do sertão” está presente (em *Grande Sertão: veredas*) como ponto de partida mais do que qualquer outra coisa” (Entrevista concedida por João Guimarães Rosa a Gunter W. Lorenz, em Genova, em janeiro de 1965).

Desse modo, no próximo capítulo focarei nas representações rosianas que demarcam as diferenças entre estar e ser homem no sertão. Importa-me compreender, para além do gênero, a sexualidade, devido às representações demonstrarem que está fortemente associada à masculinidade. Tratarei das representações que ilustram os limites do gênero e da sexualidade e que resultam em um modo de vida bastante peculiar: homem sertanejo; discutirei as representações, a exemplo da de Diadorim que transita pelos papéis de gênero, associados ao homem e mulher, e de Riobaldo que, embora tenha experimentado amar outro homem, observa com rigor os valores culturais sertanejos. Riobaldo que, além de jagunço, é poeta!

Antes de adentrar com mais afinco nas representações de masculinidade presentes no romance, apresento outro trecho dessa valiosa entrevista concedida por João Guimarães Rosa a Gunter W. Lorenz, em Gênova, em janeiro de 1965, ora citada. Nela, o autor caracteriza sua literatura e dá pistas, a meu ver, quanto às grandes questões que atravessam o romance *Grande Sertão:veredas*: o gênero, e a sexualidade.

[...] A lógica, prezado amigo, é a força com a qual o homem algum dia haverá de se matar. Apenas superando a lógica é que se pode pensar com justiça. Pense nisso: o amor é sempre ilógico, mas cada crime é cometido segundo as leis da lógica (Entrevista concedida por João Guimarães Rosa a Gunter W. Lorenz, em Genova, em janeiro de 1965).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que o amor é sempre ilógico, mas a publicização de um amor gay na primeira metade do século XX, só segundo as leis da lógica. Travessia: afinal o que nos aponta o remoinho-olhar de Rosa? Concordo com a percepção do pesquisador Abilio Mendes Almeida (2016) de que a

Literatura não é autobiografia, apesar de poder ser, em muitos momentos, autobiográfica. Mas também não podemos negar que um objeto de criação possa possuir muito do seu criador: seus discursos, suas ideologias, suas hipóteses diante da

vida, suas crenças, suas conquistas, suas desilusões, suas experiências... (Almeida, 2016, p. 20).

Como o próprio Rosa respondeu em entrevista a Gunter Lorenz, que lhe indagou se seria *Grande Sertão: veredas* um romance autobiográfico: “É, desde que você não considere uma autobiografia como algo excessivamente lógico. É uma ‘autobiografia irracional’, ou melhor, minha auto-reflexão irracional. Naturalmente, que me identifico com este livro” (Lorenz, 1994, p. 58-59). Portanto, não seria demais afirmar que a literatura rosiana também é um espaço do seu alter ego, isto é, de representação de questões que compõem a sua subjetividade.

Rosa, em outra entrevista, para Mary L. Daniel Miss, aponta as bases da sua escrita: 1. um certo horror ao lugar comum retratado, a partir de um olhar e escrita viciados; 2. uma necessidade de verdade nas pessoas e coisas, e suas dinâmicas de existência; e 3. um prazer em saborear as palavras, sugerindo que estas, além do seu significado, têm um valor de objeto, os quais são utilizados para lidar com a saudade e os mistérios que atravessam os sertanejos. De alguma maneira, Rosa se apresenta, e apresenta o seu contexto histórico. Para o autor, o vocabulário do sertão que o origina, preservaria a linguagem arcaica que, antes de ser afetada pela tentativa de abrasileiramento da nossa língua, combinava o português e as outras linguagens que nos constituem: indígenas e africanas.

Por tudo, Rosa demonstra para além de sua escrita metódica, na qual valoriza as palavras e prosas constituintes dos sertanejos, que, mais complexo que seu vocabulário em relação ao vocabulário da outra parte do mundo, a cidade, são as práticas sociais que compõem o modo de vida que apresenta.

Reafirmo, com o cuidado que cabe, que analiso uma obra literária, ou seja, uma ficção. Destaco, entretanto, que a todo momento é possível nos depararmos com o real na escrita rosiana, seja nos nomes de espécies e lugares representados, correspondentes aos reais, seja em personagens reais representados, como os que já citamos a exemplo de Juca Bananeira, Manoelzão e Zito, seja nas representações que caracterizam e moldam o homem sertanejo, que até considera o amor gay, mas de forma bastante cuidadosa, ou na sua fé, multiculturalista, também representada, que o impulsiona a compreender mais o mundo, no caso, um desejo especial por compreender um recorte do mundo: o sertão.

Ah, Pedro, que saudades das lobeiras e pequizeiros, do lombo e linguiça de porco, do frango com quiabo e angu, do cavalo alazão e do cachorro amarelo do Pedro Figueiredo, da inteligente, suave e bondosa presença e conversa da dona Joaquina: Que saudade de vocês todos: Com longas lembranças, vos abraçamos: Olga, Você, Môças e Rapazes. Até quando? Seu: Joãozito (Correspondência, 1949, anexo 7, p. 104).

Nessa correspondência, ao citar dona Joaquina, que seria a Lina, de uma história presente em seu livro *No Urubuquaquá, no Pinhém* (Corpo de Baile, 1956), também confirma que a matéria-prima de sua escrita são as memórias do sertão, conectada a memórias de outros interlocutores do lugar, que aliviam a sua saudade com histórias importadas via correspondências. Há quem identifique Riobaldo em Guimarães Rosa. Para tanto, é utilizada como justificativa a estrutura narrativa que sugere que o doutor conversa consigo mesmo. Brasinha, estudoso e conterrâneo de Rosa, o qual entrevistei, é uma dessas pessoas. Para ele, “Rosa é uma invenção de Riobaldo” (Entrevista com Brasinha, 2023).

Considerado por muitos o maior escritor brasileiro do século XX, João Guimarães Rosa escreve diversas obras, dentre elas, *Grande Sertão: veredas*, na qual explicita o entre-lugar em que se situa, homem, sertanejo do mundo, supersticioso, católico que “bebia de outras religiões”, lido como conservador, mas que se maquiava. Lugar em que se mantém imerso, dialogando com o realismo mágico e o regionalismo que entrelaça suas obras a outras obras clássicas do mundo ocidental e oriental e a temáticas estruturantes das duas partes do mundo em que navega, como o gênero e a sexualidade.

Uma trajetória que endossa a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1963, e que nos ajuda a compreender sua demora para tomar posse da cadeira número 2 da ABL. Supersticioso como seu personagem Riobaldo, Rosa adiou a sua posse na Academia por quatro anos, porque uma cigana havia lhe alertado que, após uma grande solenidade, morreria. Isso ocorreu. Três dias após sua posse, em 1967, no Rio de Janeiro, João Guimarães Rosa encantou-se (morreu). Esse dado, dentre outros sobre sua trajetória, encontrei em reportagens presentes no seu acervo pessoal, depositadas no Museu Mineiro e no arquivo da ABL.

Criador e criatura *Grande Sertão: veredas*, são representações de pessoas de carne e osso, pertencentes a um território caracteristicamente diferente do urbano, seja pelos aspectos geográficos, seja pelas consequências de tais aspectos emaranhadas a uma cultura particular aos sertanejos da região de Minas, denominada Gerais. Apontando um ordenamento e ação social específicos e, para serem compreendidos melhor, exigem que coloquemos determinados óculos, o símbolo do infinito com o qual João Guimarães Rosa termina a história, o seu redemoinho, que coloca o gênero e a sexualidade em movimento para pensarmos um território, um tempo e seus sujeitos. Não por acaso, o autor dá ênfase a questões(gênero e sexualidade), que busco analisar dentro de Grande Sertão, como em uma correspondência direcionada a Pedro Dantas, em que ele diz:

[...] Todos, do sertão, sabem querer atalhos. Queremos o mágico. O pacto. As supremas superações, a trans-vida. Eis a senha: queremos voltar de avião! Vamos

voltar de avião...Voltar para a minha Vista Alegre (hoje, Cordisburgo). Aqui há estrelas indóceis: arco-íris indomáveis. (Carta a Pedro Dantas, 31 de julho de 1957)

Buscando analisar melhor as representações que Rosa analisa como supremas superações, a “trans-vida” presente nesta teia social sertão, onde ele afirma existir estrelas indóceis e arco-íris indomáveis, apresento o capítulo seguinte.

CAPÍTULO III: A FIGURAÇÃO DA MASCULINIDADE EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS

Vimos até aqui, uma dimensão do romance que considero suficiente para percebermos como a realidade comunicada à obra, produz os efeitos de verossimilhança e, assim, permite questionamentos e leituras sobre a sociedade. Percebe-se, por tudo, que a literatura é uma forma em si mesma de compreensão da realidade e que a estrutura narrativa de Rosa em *Grande Sertão* é formalmente ambivalente, é uma fonte poderosa. Por isso, em um primeiro momento, neste capítulo, relaciono gênero e sexualidade, e, em um segundo momento, apresento a discussão acerca da sexualidade para pensar o gênero e a masculinidade; além de focar em Diadorim, *personagem que atravessa as dimensões de gênero e sexualidade*.

3.1 O Homem no redemoinho

Bem no início da travessia de *Grande Sertão: veredas*, o personagem que narra a história, Riobaldo, diz que “a vida é o diabo na rua no meio do redemoinho” (Rosa, 1956, p. 32). Só no final do enredo revela a identidade do cujo (o Diabo). Suas últimas palavras direcionadas ao doutor, que toma nota do balanço de suas memórias foram “o diabo não há! É o que eu digo, se for... Existe é o homem humano. Travessia.” (Rosa, 1956, p. 624). Assim, João Guimarães Rosa me faz enxergar seus personagens centrais, os homens sertanejos que integram o sertão com as mulheres, e demais seres vivos. Esses personagens, de “naturezas (cultura) machas”, apontam para a potência do encontro das veredas do gênero e da sexualidade no romance. De modo que a vida também pode ser lida como o homem exposto à coerção do gênero e da sexualidade.

A partir dessa visão, *gênero e sexualidade* compõem uma construção social, ou seja, são fenômenos da cultura, no caso, da cultura sertaneja. De modo que, podemos dizer que o sexo com o qual nascemos, bem como outras características grudadas no corpo, lidas como biológicas, configuram o que se comprehende como natureza. Já o gênero, a identificação e atribuição de papéis sociais de homem e mulher, com base no sexo, comprehende-se como cultura. Nesse rumo, a pesquisadora Lilian Moritz Schwarcz, em sua obra intitulada *Sobre o Autoritarismo Brasileiro*, publicada em 2019, definiu sexo como o resultado visível de diferenças anatômicas, enquanto gênero traduz o sexo: uma distinção, construída pelos indivíduos, que ultrapassa a evidência biológica a partir de categorias (papéis) binárias.

Em seu estudo Schwarcz apresenta um conjunto de evidências sobre a questão do gênero no Brasil em intersecção com outros marcadores sociais, como sexualidade, classe e raça. Particularmente, me interessa a visão dessa autora ao apontar que a leitura construída pela sociedade sobre o *sexo* origina outra marca social que gruda como uma tatuagem em nós: o *gênero*. Um exemplo desta inscrição é Reinaldo que também fora Maria Diadorina da Fé Bitencourt e Diadorim (só em segredo para Riobaldo). Afinal, Rosa trata de tatuar de o *gênero* de forma contrária a norma binária, ou seja, a despeito do *sexo* de nascimento desse personagem, demonstrando como o fato de “Ser Homem” é uma performance, ou, lido de outra forma, uma construção cultural.

Com isso em vista, é possível afirmar que em *Grande Sertão: veredas*, João Guimarães Rosa demonstra como os marcadores sociais da diferença, que estabelecem uma ideia de superioridade e inferioridade baseada sobretudo no *sexo*, que condicionam o *gênero*, são apropriados pelo homem sertanejo, moldando a cultura sertaneja de forma peculiar. A meu ver também, demonstra como um homem que performa adequadamente a homossociabilidade pode gozar de mais prestígio social na sociedade camponesa se comparado às mulheres desse mesmo lugar. Essa correlação provoca-me a pensar que isso até é possível para esconder algumas marcas de nascença (a exemplo, o sexo de Diadorim), no entanto, não é possível para esconder o gênero. Lida como tatuagem, essa marca funciona como código de acesso que carece estar à mostra.

A propósito, a masculinidade embasada no sexo condiciona os sujeitos de tal maneira que, para além de obrigar Diadorim a esconder seu segundo sexo, também impõem ao personagem que narra a história, Riobaldo, o feito de ser chefe, obrigando-o fazer um pacto com o diabo. Esse ritual que, talvez, também represente sua capitulação diante de um amor gay que não pode viver no contexto em que se encontra. Riobaldo, que não podia comer do fruto proibido (amor gay), devido à moral cristã e às leis de ferro e fogo do sertão, precisa traduzir o papel de chefe do bando de jagunços. Não tendo coragem suficiente para chefiar o grupo ou para amar outro seu (de “natureza” macha), faz o pacto. Desse modo, negocia com os homens um beco sem saída para sua liberdade, caminho que, como demonstra a narrativa, uma vez que se enverede nele, não tem volta. Por isso, os personagens tomam todos os cuidados e se reprimem.

Não por acaso, para o personagem Riobaldo ou para o seu criador João Guimarães Rosa, o homem e o diabo são sinônimos. Considerando ter feito o pacto e, ao mesmo tempo negando, afinal ele não viu o diabo, o personagem evidencia que a existência do ente sobrenatural também se trata de uma construção social ambivalente e que, na ausência física do primeiro, o

segundo ocupa o seu lugar. Mais do que isso, Riobaldo apresenta outra dimensão fundamental à compreensão das contradições de um estado de autovigilância da performance de um modelo de masculinidade, pautado pelo meio social que molda o diabo, o homem, fazendo com que experimente uma “confusão em grande demasiado sossego... e a vida é ingrata no macio de si, mas transtraz a esperança mesmo do meio do fel do desespero” (Rosa, 1956, p. 192).

Todavia, Rosa, que apresenta um homem que precisa da dimensão sobrenatural, para ter coragem suficiente de comandar o grupo, aponta outra evidência importante, para além da dimensão do conjunto de crenças, baseado no cristianismo e que dá suporte à masculinidade de diversas formas. Com efeito, a crença do personagem Riobaldo, numa dimensão sobrenatural é tão grande quanto o seu medo, sugerindo um nexo causal. Nessa perspectiva, considerando que ele não sabe se fez um pacto com o *demon* e os homens, passa a temer a dimensão sobrenatural, e também a terrena e busca sabedoria para lidar com essa realidade. Ou seja, ele tem mais de um motivo para se apoiar nas diversas dimensões do sagrado, para se proteger, como demonstram os trechos a seguir:

Hem? Hem? O que mais penso, testo e explico: todo-o-mundo é louco. O senhor, eu, nós, as pessoas todas. Por isso é que se carece de religião: para desendoidecer, desdoidar. Reza é que sara da loucura. No geral. Isso é que é a salvação-da-alma... Muita religião, seu moço! Eu cá, não perco ocasião de religião. Aproveito de todas. Bebo água de todo rio... Uma só, para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo; e aceito as preces de compadre meu Quelemém, doutrina dele, de Cardéque. Mas, quando posso, vou no Mindubin, onde um Matias é crente, metodista: a gente se acusa de pecador, lê alto a Bíblia, e ora, cantando hinos belos deles. Tudo me quieta, me suspende. Qualquer sombrinha me refresca. Mas é só muito provisório. Eu queria rezar – tempo todo. Muita gente não aprova, acham que lei de Deus é privilégios, invariável. [...] Olhe: tem uma preta, Maria Leôncia, longe daqui não mora, as rezas dela afamam muita virtude de poder. Pois a ela pago, todo mês – encomenda de rezar por mim um terço todo santo dia, e, nos domingos, um rosário. Vale, se vale. Minha mulher não vê mal nisso. E estou, já mandei recado para uma outra, do Vau-Vau, uma Izina Calanga, para vir aqui, ouvi de que reza também com grandes meremerências, vou efetuar com ela trato igual. Quero punhado dessas, me defendendo em Deus, reunidas de mim em volta... Chagas de Cristo! (Rosa, 1965, p. 32).

Esse seria o meio social Sertão: onde dois homens não podiam se amar sem colocar em risco o privilégio da masculinidade, demandando dos seus uma proximidade com as diversas manifestações do sagrado e exigindo destes mais valentia; onde se apaga parcialmente uma mulher ou se forja um homem trans, justamente para que este herde o império de seu pai (refiro-me a Maria Diadorina, condicionada a ser Reinaldo, que na maior parte desta análise apresentei como Diadorim); onde, não por acaso, a relação entre coronéis e jagunços demonstra um território em que a lei da cidade não governa, ao modo que se tem valores morais e mecanismos

próprios de controle social, inclusive mais castrativos; e onde se evidencia, ainda, uma maior permissividade da violência de gênero e sexual.

Contudo, as representações de gênero rosianas, não são fidedignas às normatizações de gênero ou, pelo menos, não são um exemplo perfeito do modelo de masculinidade e feminilidade hegemônicos. Elas apresentam tratativas diferentes daquelas apoiadas na heteronormatividade, afinal, seus homens são e não são brutos e desenvolvem uma capacidade de se amarem. Ou seja, os personagens centrais do romance, que podem ser lidos como homem gay (Riobaldo), e homem trans (Diadorim), são peças-chave que se complementam para evidenciar dilemas silenciados na época. Nos moldes do que adverte Connell, a masculinidade, na medida em que o termo pode ser definido, é um lugar nas relações de gênero, nas práticas pelas quais homens e mulheres ocupam esse espaço, e os efeitos de tais práticas na experiência corporal, personalidade e cultura (Connell, 1997, p. 35).

Haja vista que, ao definir Diadorim, Riobaldo não só define um homem de forma peculiar para a época, mas também apresenta as contradições e fissuras que compõem a *masculinidade*, praticadas e vigiadas com mais proximidade nas relações de poder, e que diferenciam esse território, situado na outra margem do São Francisco. Exemplificando o exposto, ao contrário de Riobaldo, Diadorim não precisa de nenhum aditivo para ter coragem, performava bem a masculinidade de acordo com os valores morais vigentes no lugar. Inclusive, Reinaldo (Maria Diadorina) teria encorajado Riobaldo a fazer a travessia na junção do rio “De-Janeiro” com o rio “São Francisco”, situação em que reage à tentativa de violência por parte de um estranho, cravando-lhe um canivete. A mulher travestida de homem (como lêem alguns críticos), Diadorim, – destaco que o vejo como homem trans! -, não teme o rio, muito menos os perigos constituintes de suas duas margens.

A propósito, esse evento rosiano que trata das duas margens do Velho Chico é bastante importante para minha linha de raciocínio, razão pela qual o retomo mais de uma vez neste trabalho. Como já vimos, nele fica evidenciado que a coragem foi um atributo aprendido socialmente por Maria Diadorina da Fé Bitencourt, batizada por Reinaldo desde criança. Ele aprendeu com o pai, Joca Ramiro, que não podia ter medo, e ensinou isso a Riobaldo. No sentido butleriano, ele adquire, bem cedo, a prótese do gênero que gruda no seu corpo com o tempo. Nesse caso, é o primeiro homem trans representado na literatura brasileira a ensinar um homem cisgênero, Riobaldo, como representar o modelo de masculinidade hegemônica.

Esse personagem, Reinaldo-Diadorim, convenceu Riobaldo a fazer duas travessias, a mais perigosa delas expressa na jagunçagem, que objetivava a defesa dos interesses dos homens do lugar. Vale relembrar que o grupo de jagunços que Riobaldo e Diaodrim integravam,

primeiro objetivavam proteger os interesses do coronel Joca Ramiro, que concentrava terras e dinheiro e que, adiante, é assassinado por Hermógenes e Ricardão - feito que introduz o tema da defesa da honra masculina ferida como outra questão a ser considerada pelo grupo e, portanto, analisada para compreender a masculinidade representada por Rosa. É importante destacar, ainda, que o ferimento de um dos componentes do bando de jagunços, no caso o ferimento de morte do coronel, configura um constrangimento para todo grupo.

Com isso, é possível perceber que os interesses do bando de Joca Ramiro, que se chocavam com os interesses de outros coronéis e com a recém república, como revelam as representações construídas por Rosa, oportunizam conflitos bastante significativos. Ou seja, à medida que vai tecendo as temáticas, o autor também trata da transição de um sistema político, de conflitos que revelam as relações de poder que privilegiam os homens poderosos do lugar, em detrimento dos de fora, destacando os poderosos em relação aos seus subordinados, geralmente empobrecidos pelo sistema devido à construção histórica e social brasileira, que opera de forma bastante particular os marcadores sociais de gênero e sexualidade, bem como os de classe e raça, com os quais não trabalho devido em razão da pouca ocorrência no romance analisado.

Ainda sobre a morte de Joca Ramiro, que configura um exemplo de consequência dos conflitos por poder no sertão, e que traz o tema da honra masculinizada, é preciso atentar ainda ao fato de que as leis do sertão orientam o grupo social ferido a lavar a honra coletiva com o sangue de quem a manchou. Nesse caso, a honra pautada na “natureza macha” é diminuída pelo oponente que o mata, que também atenta contra os valores morais do grupo. Ademais, Hermógenes, o homem sem anjo da guarda, vence Joca Ramiro, contribuindo com os interesses dos seus adversários, os de fora, que visavam ao controle do território. Nesse caso, a honra é medida pela capacidade de guerrear e vencer a batalha, com consequências práticas sobre quem irá, além de tudo, dominar o território.

“Mas o Sertão era para, aos poucos e poucos, se ir obedecendo a ele; não era para à força se compor. Todos que malmontam no Sertão só alcançam de regrer em rédea por uns trechos; que sorrateio vai virando tigre da sela” (Rosa, 1965, p. 270). Por isso, no sertão, um pai precisa preparar bem o filho para a sucessão, quase que como preparar um soldado para a guerra, guerra que, por vezes, se vive dentro de sua cela interior. Por isso, Joca Ramiro além de preparar o seu herdeiro, forma um bando de jagunços. Tal motivação pode ser associada à defesa da honra, atrelada à defesa dos interesses econômicos, políticos, sociais e sexuais do lugar. O que nos remete a pensar na ideia de honra, trabalhada por Pierre Bourdieu em “Dominação masculina” (2012).

Assim como a moral da honra masculina pode ser resumida em uma palavra, cem vezes repetida pelos informantes, cabe enfrentar, olhar de frente e com a postura ereta (que corresponde à de um militar perfilado entre nós), prova da retidão que ela faz ver, do mesmo modo a submissão feminina parece encontrar sua tradução natural no fato de inclinar, abaixar-se, curvar-se, de se submeter (o contrário de pôr acima de”), nas posturas curvas, flexíveis, e na docilidade correlativa que se julga convir à mulher (Bourdieu, 2012, p. 38).

Ou seja, Bourdieu fala de condições estruturais de pensamento que são compartilhadas, consequentemente enraizadas dentro de nós, estabelecendo o desenvolvimento de duas ideias: homem e mulher. Ideia que conforma a *misoginia*, por exemplo: Maria Diadorina não pode herdar o império do pai. Nesse sentido, a dominação masculina é simbólica, naturalizada muitas vezes de forma inconsciente, domesticada, a ponto de perpassar o simbolismo, resultando na violência simbólica, que cobra dos homens a performance do papel de dominação e das mulheres terem um comportamento de dominadas. Destaca-se que ambos, homem e mulher, são violentados, embora as mulheres sejam mais. Seriam cúmplices e, ao mesmo tempo, adversários de uma estrutura que reproduz a dominação masculina. Ilustrando o argumento, Riobaldo assume:

Que isso foi o que sempre me invocou, o senhor sabe: eu careço de que o bom seja bom e o ruim ruim, que dum lado esteja o preto e do outro o branco, que o feio fique bem apartado do bonito e a alegria longe da tristeza! Quero os todos pastos demarcados [...] (Rosa, 1965, p. 201).

O personagem que narra a história mais que carece que as coisas sejam do modo como foram apresentadas a ele, separadinhas; ele tem o dever de proteger tal estrutura. Uma estrutura que foi estruturada por homens, com o objetivo de ser estruturante sobre os indivíduos de modo geral. Desse modo, as coisas são, e precisam ser, separadinhas: Deus e o diabo, bem e mal, homem e mulher. Tais divisões explicitam nuances do complexo quadro que Bourdieu definiu como “doxa”, para discorrer sobre como se estrutura a desigualdade. Por isso, “a vida é ingrata”! Valoriza os homens em detrimento das mulheres, bem como o amor heterossexual em detrimento do amor homossexual. Essas são pistas importantes quanto às peculiaridades do patriarcado no sertão, que exige uma performance à altura dos seus homens, como revela o trecho a seguir: o brigar acabou sendo obrigação de vivente, conciso dever de homem (Rosa, 1965, p. 374).

“O brigar”, a luta, propriamente dita, parece não ser uma opção para os sertanejos, sobretudo, não pode ser uma opção para os homens, que enfrentam desde um clima hostil a relações de poder mediadas por esse clima e pelo império dos interesses econômicos, dos

coronéis e da república, que sobre o sertão tinha pouca influência. Com isso, é possível perceber, por meio de tais sujeitos, que muitas vezes perdem as suas vidas em batalhas, o peso da violência simbólica. Nos termos de Bourdieu, são vítimas do modelo de masculinidade hegemônica, no qual estrutura-se uma hierarquia que privilegia a performance masculina. Riobaldo e Diadorim foram vítimas dos valores, normas e leis que acionam.

Que é que a gente sente, quando se tem medo? – ele indagou, mas não estava remoqueando; não pude ter raiva. – ‘Você nunca teve medo?’ – foi o que me veio, de dizer. Ele respondeu: – ‘Costumo não...’ – e, passado o tempo dum suspiro: – ‘Meu pai disse que não se deve de ter...’ Ao que meio pasmei (Rosa, 1965, p. 121).

Demarcando a valentia e a coragem como dois atributos do homem sertanejo, o diálogo entre Riobaldo e Diadorim, descrito acima, reforça aspectos dos papéis de gênero que sustentam o poder masculino. Assim, Diadorim performa melhor a masculinidade hegemônica e Riobaldo a vivencia com menos êxito, no sentido da vigilância constante da dominação masculina defendida por Bourdieu, e que, certamente, implicam um nível de violência sobre ambos, no exercício da performance. Há que se considerar, ainda, os aspectos geográficos e sociais do território em que estão inseridos os personagens rosianos por oportunizarem adereços diferentes a tais recursos: valentia e coragem, bem como as características de tais recursos, uma vez que, na parte sertão onde vivem, são os próprios homens, jagunços e coronéis que fazem e fiscalizam o cumprimento das leis, dentre estas, as “leis de gênero”.

Essa posição social masculinizada torna a vida de Riobaldo e Diadorim um martírio, reforçando o impacto negativo da normatização de gênero no modo de vida dos sujeitos. Riobaldo diz:

O judas algum? – na faca! Tinha de ser nosso costume. Eu não sabia? Não sou homem de meio-dia com orvalhos, não tenho a fraca natureza (Rosa, 1965, p. 53).

Não há como que as grandes machas duma pessoa instruída! (Rosa, 1965, p. 61).

Nos trechos anteriores, o personagem que narra a história não só reforça o argumento aqui apresentado. Por meio deles, Rosa apresenta o essencialismo de gênero, materializado na dualidade homem e mulher, forte e fraco, já que também irá confrontá-lo. Tal essencialismo de gênero é moldado pelos valores morais e costumes do lugar, por exemplo, não se trata de uma identidade masculina anterior à expressão de atos masculinos, não há uma identidade que seja anterior e configure causa dos seus atos. São esses atos, feitos repetidamente, que produzem a aparência de uma substância fixa e estável, que produzem uma identidade masculina que tem a aparência de ser permanente, ainda que seja instável e exija um fazer contínuo de atos culturalmente significados como masculinos, que orientam os personagens deste romance

clássico. Assim, “o gênero não é algo que somos, mas algo que fazemos” (Salih *apud* Firmino; Porchat, 2017, p. 57).

Em *Grande Sertão*, portanto, o gênero é feito em condições geográficas e culturais específicas e determinantes, como, por exemplo, nas situações de desigualdade que oportunizam a entrada de seus homens na jagunçagem. Eles ingressam nessa prática, visando à materialidade de suas vidas, a partir de relações de trabalho análogas à escravidão. Destaca-se que é significativo o percentual de homens jagunços que morrem em confronto no campo. Inclusive, a recente divulgação do atlas da violência no campo (2020) traz números que revelam nuances dos conflitos pela titularidade das terras e desigualdades sociais nos territórios camponeses, demonstrando que a ficção segue, encontrando base na realidade concreta. Tais estudos apontam a vinculação da violência no campo “a fatores que caracterizam o meio rural e seus efeitos sobre as formas de sociabilidade no campo” (IPEA, 2020, p. 49); como a relação coronel-jagunços que sobrevive na atualidade de forma mais velada.

Ou seja, realidade e semelhanças presentes na ficção oportunizam pensar em um processo de condicionamento diferente, dadas as características de territórios, períodos históricos, personagens e lutas sociais diferentes. Os estudos de Ellen Woortmann são importantes para compreendermos melhor o surgimento da propriedade (no Brasil, com o advento da Lei de Terras, na metade do século XIX). A pesquisadora aponta para a imposição de uma ordem burocrático-legal estranha não só ao campesinato, mas a toda a sociedade regional, indicando que é devido a isso que o acesso à terra passou a depender do acesso ao cartório. Ressalte-se que por falta de informação e recursos financeiros, muitos não conseguiram legalizar a situação de suas terras e foram, em menor ou maior espaço de tempo, expropriados destas terras. A autora ainda observa que não raro as terras de uso comum pelo campesinato tornaram-se terras de uso privado do criador/fazendeiro e com as “soltas” (criação de gado de maneira extensiva), restringindo o acesso do campesinato a recursos fundamentais à sua reprodução. Tal processo histórico de ocupação de terras entrelaça-se com os conflitos representados por Rosa.

Ou seja, os estudos que revelam a instabilidade pela qual passou boa parte do campesinato brasileiro são de fundamental importância para compreendermos a travessia rosiana. Como demarca Wanderley (1996), por meio deles demonstram-se características particulares do campesinato brasileiro, por exemplo, a população camponesa, em geral, sempre necessitou de constante deslocamento das áreas das culturas, uma vez que não dispunha de meios – esterco do gado, por exemplo – para manter os solos sempre férteis para plantação dos gêneros de subsistência. Em suas palavras, “quando os solos se esgotam e a terra disponível

não é mais suficiente, do que resulta, frequentemente, o deslocamento da população local para outras áreas, onde recomeçará o ciclo” (Wanderley, 1996, p. 9). Deslocamento que passa a ser cercado de forma diferente nos diferentes períodos históricos do Brasil, como explicitado anteriormente com a “lei de terras”.

Essa conformação social, marcada por desigualdades de acesso ao território, produz uma relação de trabalho análogo à escravidão, denominada jagunçagem. Esse processo histórico de exclusão, também afetará as mulheres sertanejas, resultando, em muitos casos, no que Connell tratou como reversão local da estrutura patriarcal das relações de poder, nesse caso, quando a mulher passa a ocupar o lugar de chefe da família seja porque seus maridos morreram nas batalhas, seja quando o pai dos seus filhos são homens poderosos e casados. Aliás, estes geralmente são seus algozes tendo violentado-as sexualmente. Um exemplo de reversão local da estrutura patriarcal das relações de poder, relacionado a tal violência, presente no romance, como já mencionado, é justamente o da mãe do personagem que narra a história, Bigri (nome da mãe de Riobaldo), na representação de uma provável mulher negra que engravidou do patrão, o coronel Solorico Mendes.

O exposto sugere que o homem pode quase tudo no Sertão. Dois exemplos deste poder já mencionados são que ele pode matar, e pode ter qualquer mulher que queira, independente da vontade desta. Aliás, a prática do estupro não só é lida como um custume por Riobaldo, ele revela ao doutor que, como chefe do bando, permite tal feito. Sobre este tema, os dados atuais do relatório de Conflitos no Campo Brasil (IPEA, 2020) dizem mais, apontando que as principais vítimas de agressões, detenções, estupros, lesões corporais, intimidações, entre outros, foram as mulheres quilombolas e indígenas. Os dados demonstram como a compreensão do “destino biológico” - a ideia de natureza forte descrita por Riobaldo anteriormente - associado à ideia que estabelece uma hierarquização dos indivíduos e modos de vida, e reprodução da vida, resulta em desigualdade, afetando sobretudo, as pessoas que vivem no campo, no caso, as mulheres campistas. Esses são dados importantes para se pensar no entrelaçamento de opressões, presentes na ficção rosiana.

Como explicitado anteriormente nos estudos da pesquisadora Raewyn Connell, as relações de trabalho são chaves fundamentais para se pensar as relações desiguais de produção, impactando as relações sociais, o que se expressa pelas representações rosianas na relação entre os jagunços e coronéis e nas relações desiguais entre os homens e mulheres representados. Nessa perspectiva, as relações sociais configuram as dimensões de poder, envolvendo a produção e reprodução da vida social como fenômenos conexos dos discursos e simbolismos, presente nas relações entre – e produtoras de – homens e mulheres. Compreensão que leva-me

perceber as mulheres sertanejas representadas como fundamentais para se pensar a masculinidade hegemônica e as relações de poder como um todo. Inclusive, ao revelar como o meio social forja, independentemente do sexo, a masculinização, Rosa indica uma inflexibilidade maior do gênero no sertão.

Como se evidencia, no campo as mulheres até pegam no pesado, mas não estão representadas nas posições de elevado prestígio e não é porque não sejam capazes de ocupar tal função como demonstra, do ponto de vista biológico, o jagunço Diadorim. Bigre que fora chefe de família a vida inteira, Nhorinhá, a quem Riobaldo se refere como prostitutriz; uma mulher que detinha algum poder dentre os poderosos. Maria Mutema, que matou o marido dormindo, além de Ana Duzuza, Hortência, Izina Calanga, Maria Leôncia, Maria-da-Luz e a própria mulher do Hermógenes - que descobre o grande segredo da narrativa primeiro. Todas estas mulheres são exemplos de mulheres que também desafiam a estrutura de gênero, devido às suas condições sociais do lugar.

Como exemplifica o personagem enigmático Reinaldo, filho único do coronel Joca Ramiro, que generifica o papel social de herdeiro e jagunço, “uma economia capitalista apoiada na divisão sexual do trabalho é, necessariamente, um processo de acumulação [das desigualdades] de gênero. Dessa forma, não é um acidente estatístico, senão parte da construção social da masculinidade, que sejam homens e não mulheres os que controlam as principais corporações e as grandes fortunas privadas” (Connell, 1997, p. 37). Por todo o exposto, nos advertiram Connell e Butler, de maneiras distintas, que homens e mulheres são categorias indissociáveis. Ou seja, fundamentalmente complementares para se pensar gênero. Ambas as categorias apresentam uma “ordem natural das coisas”, que embora se sustente e seja bastante coercitiva em relação a seus sujeitos, não são inflexíveis - talvez “a ordem” representada, seja apenas mais inflexível que a estrutura de gênero na outra parte do São Francisco: a cidade.

A propósito, vejamos algumas formas com que Rosa utilizou para definir os homens e mulheres sertanejos. Quanto aos homens, dentre outras, ele utiliza estas: do duro, couro-n’água, arranca-toco, treme-terra, come-brasa, pega-à-unha, fecha-treta, tira-prosa, parte-ferro, rompe-racha, rompe-e-arrasa, bruto, corajoso com medo, forte, terrível, chefe, sem anjo da guarda, profano, o diabo. Já em relação as mulheres, elas são apresentadas como fracas, mas também são fortes, delicadas, sensíveis, donzelas, mulheres perfeitas, moças de família, prostitutas, sagradas, santas. Constatase papéis de gênero que operam a fim de estabelecerem os limites do que é ser e estar, homem e mulher, no sertão, oportunizando aos sujeitos deste lugar viverem mais e menos conflitos para serem e existirem e, dessa forma, . revelam-se personagens

atravessados pelas desigualdades de gênero, consequentemente pela heteronormatividade que estrutura a sexualidade, como demonstra o narrador, Riobaldo:

Num nu, nisto, nesse repente, desínterno de mim um nego forte saltou! Não. Diadorim, não. Nunca que eu podia consentir. Nanje pelo tanto que eu dele era louco amigo, e concebia por ele a vexável afeição que me estragava, feito um mau amor oculto – por meio isso, nimpes nada, era que eu não podia aceitar aquela transformação: negócio de para sempre receber mando dele, doendo de Diadorim ser meu chefe, nhem, hem? Nulo que eu ia estuchar. Não, hem, clamei – que como um sino desbadala:
– “Discordo.” (Rosa, 2001, p. 98).

No trecho anterior, Riobaldo provoca-nos a perceber a heterossexualidade como um componente igualmente organizador da dominação masculina. Ao modo que ao se perguntar como pode ser chefiado por outro homem, revela apreço por seu lugar de privilégio, e enfatiza o lugar do homem no redemoinho rosiano: ele ocupa a posição central; da qual o narrador não quer abrir mão. Ele se beneficia do “principal pilar de poder nas relações de gênero [que] é a subordinação geral das mulheres e a dominação dos homens – estrutura que a Liberação das Mulheres denominou patriarcado” (Connell, 1997, p. 37), no caso o patriarcado do sertão dos Gerais.

Por isso tudo, tanto gênero como sexualidade, tratam-se de *fatos sociais*, no sentido durkheimiano, formas de ver, agir e pensar o mundo, por sua característica geral, exterior e coercitiva, que incide no tratamento de homens e mulheres como portadores de tipos de caráter polarizados, que são performados. Portanto, gênero e sexualidade, categorias relacionais, demonstram-se potencialmente presentes na travessia rosiana. Para enveredar mais pela sexualidade, devagar, de modo a pensar a masculinidade, os trechos da narrativa a seguir nos ajuda:

Mas eu gostava dele, dia mais dia, mais gostava. Era ele estar perto de mim, e nada me faltava. Era ele fechar a cara e estar tristonho, e eu perdia meu sossego. Era ele estar por longe, e eu só nele pensava. E eu mesmo não entendia então o que aquilo era? Sei que sim. Mas não. E eu mesmo entender não queria. Acho que. Aquela meiguice, desigual que ele sabia esconder o mais de sempre. E em mim a vontade de chegar todo próximo, quase uma ânsia de sentir o cheiro do corpo dele, dos braços, que às vezes adivinhei insensatamente – tentação dessa eu espairecia, aí rijo comigo renegava. Muitos momentos (Rosa, 1965, p. 163).

Diadorim — mesmo o bravo guerreiro — ele era para tanto carinho: minha repentina vontade era beijar aquele perfume de pescoço: a lá, aonde se acaba e remansava a dureza do queixo, do rosto... Beleza? — o que é? E o senhor me jure! Beleza, o formato do rosto de um: e que para outro pode ser decreto, é para destino destinar... [...] Mas, dois guerreiros, como é, como iam poder se gostar, mesmo em singela conversação — por detrás de tantos brios e armas? (Rosa, 1965, p. 327).

Como é que dois guerreiros podem se gostar? Riobaldo faz questão de repetir isso para o doutor, ou lido de outra maneira, o doutor faz questão de repetir isso para a gente, por meio

de seu personagem. Mirem, nas duas hipóteses de desfecho para *Grande Sertão: veredas*: 1. a leitura oficial que conhecemos, com base no sexo revelado que manifesta parcialmente, com a morte de Diadorim, uma identidade metade feminina - (com todas as controvérsias, a exemplo, somo-me aos que o vêem como homem trans); ou 2. a que Aracy entrega, o ocultamento do romance gay. Ambas apontam para o poder simbólico da dimensão da sexualidade estruturada pelo gênero e pelo sexo. Por essa razão, organizo a sexualidade em uma vereda separada do gênero.

3.2 A travessia da sexualidade

À medida que os personagens centrais do romance avançam sertão a dentro, rumo ao propósito de matar o traidor, Hermógenes, que teria ferido a honra do bando e desafiado as leis do sertão, no momento parado das coisas (as horas de descanso), desenvolvem a castrativa história de amor gay que começou na adolescência. Nesses momentos em que ambos fazem um beco só deles, Riobaldo e Reinaldo; que se revelarão como Diadorim, mas que conhecem os pormenores da natureza, questionam as próprias “naturezas”. É quando ambos contemplam as muitas espécies que compõem a região de transição do cerrado para caatinga – inclusive é Diadorim que ensina Riobaldo o prazer dessa prática, de modo que expressam de forma poética sobre o que contemplam e têm mais tempo para perceber um no outro, ou no que sentiam um pelo outro. Exemplos a esse respeito, estão expressos na narrativa de Riobaldo:

—‘É aquele lá: lindo!’ Era o manuelzinho-da-croa, sempre em casal, indo por cima da areia lisa, eles altas perninhos vermelhas, esteiadas muito atrás traseiras, desempinadinhos, peitudos, escrupulosos catando suas coisinhas para comer alimentação. Machozinho e fêmea – às vezes davam beijos de biquinque – a galinhola gem deles. — ‘É preciso olhar para esses com um todo carinho’ [...]”(Rosa, 2001, p. 55).

O mesmo também diz:

Tudo turbulindo. Esperei o que vinha dele. De um acesso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empacar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre [...] (Rosa, 2001, p. 55).

Não sorriu, não falou nada. Eu também não falei. O calor do dia abrandava. Naqueles olhos e tanto de Diadorim, o verde mudava sempre, como água de todos os rios em seus lugares ensombrados. Aquele verde, arenoso, mas tão moço, tinha velhice, muita velhice, querendo me contar coisas que idéia da gente não dá para se entender – e acho que é por isso que a gente morre (Rosa, 2001, p. 305).

Uma ideia de sexo que traduz o gênero, bem como um modelo heterossexual sinônimo de uma sexualidade aceitável, nos ajudam a compreender a figuração social do desejo descrito nas narrativas anteriores. O amor gay, grande tema representado em *Grande Sertão: veredas*, está totalmente comprimido no jogo de interdição social e libertação individual que revela outra dimensão da relação entre o indivíduo e a sociedade. Dada uma lógica diferente da cidade, afinal, ao modo que estão deslocados de outras redes de controle social, são os próprios sertanejos representados que fiscalizam as normas de gênero. Reproduzindo, à maneira do Sertão, o controle social, e conformando um espaço onde, a princípio, tudo pode, mas a potência do desejo não se desenvolve o suficiente.

Assim, os personagens centrais rosianos demonstram como uma forma de direcionamento das emoções, provocada pelo processo de socialização e subjetivação, limita o amor gay no sertão. Nesse sentido, são representativos da idéia de *catexia*, desenvolvida por Connell (1997) para explicar as masculinidades hegemônicas. Ambos têm dificuldade de se amarem, demonstrando as complexidades internas à masculinidade sertaneja, expressando os conflitos decorrentes da dificuldade de lidar com a estrutura social que internalizaram por profundo apreço aos valores morais do lugar que tinham o dever de zelar devido à posição de privilégio que mantinham. Por questões de estratégia de sobrevivência não chegam sequer a trocar um beijo nesses momentos só deles.

Nesse sentido, é possível formular questões acerca do envolvimento das personagens que dizem respeito à conexão da heterossexualidade com a posição de dominação social dos homens, do sertão de Minas Gerais. Lembro que Riobaldo só teve certeza de que a natureza (sexo) de Diadorim era diferente da sua no final da história, como explicitado no capítulo anterior. Para seu assombro e angústia maior, é no final da travessia que o corpo de Diadorim revela sua outra metade: o sexo feminino. O que conhecia era o homem Reinaldo, mais macho e viril que a maioria do bando, a melhor personificação do diabo.

A tragédia revela bem mais que a outra metade de Diadorim, trata de uma dimensão que envolve a problemática da construção da masculinidade hegemônica no Sertão. Nesse sentido, o sexo ajuda a moldar os modos de estar e ser homem nesse lugar (sertão), além de originar as contradições e conflitos decorrentes de performances que trans-gridem ao transitar dentro, e fora, das normas heterossexualizadas que complementam as normas de gênero. Ao mesmo tempo, como demonstra Diadorim, o sexo pode ser burlado (escondido).

No sertão não vale “a lei de rei” (lei da cidade), como enfatizou Riobaldo sobre o contexto representado, transição do século XIX para o século XX. Se na cidade a homossexualidade era pouco debatida, ou vivida de forma castrada em espaços lidos como armários maiores, a exemplo das “saunas gay”, “cabines de cinema gay”, a configuração social camponesa inviabiliza becos maiores para se viver a liberdade. No sertão, se vivida a homossexualidade, tinha que ser “na moita”(escondido). Pode-se dizer, portanto, que, sendo a homossexualidade fortemente condenada no sertão, um homem *gay* também precisa escondê-la com mais rigor, por exemplo, sendo bem machudo e violento.

Em *Grande Sertão* estamos diante da representação de homens sertanejos, completamente cuidadosos com a sexualidade. No entanto, Rosa insinua, por meio do romance, que o personagem é e não é *gay*, por meio da atitude de estranhamento, a desconstrução e reconstrução das formas de olhar para a sociedade e outros elementos que constituem esses indivíduos dela integrantes. Nesse sentido, como o gênero, o sexo ajuda a compreender as relações de poder.

Eu estava me sabendo? Meu corpo gostava do corpo dele, na sala do teatro. Maiormente. As tristezas ao redor de nós, como quando carrega para toda chuva [...] Que é que queria? Não quis o que estava no ar; para isso, mandei vir uma ideia de mais longe. Falei sonhando: - “Diadorim, você não tem, não teria alguma irmã, Diadorim?” – voz minha; eu perguntei (Rosa, 1965, p. 84).

Com essas palavras, Riobaldo revela o conflito que vivia consigo mesmo ou com o ordenamento social em que estava inserido, o qual tinha o dever de preservar devido à posição de chefe da jagunçagem. Ao perguntar para si mesmo se Diadorim, filho único, não teria uma irmã, revela seu desespero diante de uma homossexualidade que começa a experimentar, afinal, seu corpo queria Diadorim. Realidade vivida por muitos sertanejos contemporâneos a Rosa, e mesmo nos dias atuais. A seguir, ele continua expressando o seu estado de agonia:

De um aceso, de mim eu sabia: o que compunha minha opinião era que eu, às loucas, gostasse de Diadorim, e também, recesso dum modo, a raiva incerta, por ponto de não ser possível dele gostar como queria, no honrado e no final. Ouvido meu retorcia a voz dele. Que mesmo, no fim de tanta exaltação, meu amor inchou, de empapar todas as folhagens, e eu ambicionando de pegar em Diadorim, carregar Diadorim nos meus braços, beijar, as muitas demais vezes, sempre (Rosa, 1965, p. 39).

Não fosse um, como eu, disse a Deus que esse ente eu abraçava e beijava (Rosa, 1965, p. 179).

Nos trechos descritos anteriormente, o narrador apresenta seu descontentamento, devido ao fato de não poder gostar de forma “honrada” e “final” de Diadorim, sugerindo que as leis do

lugar consideram apenas o amor heterossexual como legítimo. Por tais leis, baseadas numa moral cristã, um homem sertanejo não pode abraçar, muito menos beijar outro homem, menos ainda gozar do prazer final. Um homem, demônio, com outro homem, demônio, não pode prevalecer! No Sertão mais que na cidade, o homem precisa do sagrado, –representado pela mulher, –haja vista que Riobaldo vê Nossa Senhora em Octacília, mulher com quem se casa após a batalha final. Ou seja, um homem precisa ser Homem com H maiúsculo! não pode ser gay. Como forma de endossar o argumento, Riobaldo diz mais:

Mas ponho minha fiança: homem muito homem que fui, e homem por mulheres! – nunca tive inclinação pra aos vícios desencontrados. Repilo o que, o sem preceito (Rosa, 1965, p. 146).

Gostava de Diadorim, dum jeito condenado; nem pensava mais que gostava, mas aí sabia que já gostava em sempre. Ôi, suindara! – linda cor... (Rosa, 1965, p. 165-166).

A homossexualidade, tratada ora como doença, ora como vício, ora apagada, é sempre desencorajada. Mais que isso, tratada como ilegal ou castigo, é criminalizada! Isso ocorre no tempo em que se passa a obra, mais que nos dias atuais; no meio social em que se passa, sertão, mais que na outra beira do Velho Chico, a cidade. Um vício ilegal não se vive livremente ou, dito de outro modo, publicamente, realidade que atravessa o mundo. Por essa razão, nossos personagens não a vivem direito, melhor dizendo, não gozam do prazer que habita no “final”. Constroem um beco, compatível com a estrutura social na qual vivem. “Alegria de um pobre caminhozinho, no dentro do ferro de grandes prisões” (Rosa, 1965, p.280). Tal caminhozinho trilhado por ambos é bem descrito em:

Quase que a gente não abria a boca; mas era um delem que me tirava para ele – o irremediável extenso da vida. Por mim, não sei que tontura de vexame, com ele calado eu a ele obedecendo quieto. Quase que sem menos era assim: a gente chegava num lugar, ele falava para eu sentar; eu sentava. Não gosto de ficar em pé. Então, depois, ele vinha sentava, sua vez. Sempre mediante mais longe. Eu não tinha coragem de mudar para mais perto (Rosa, 1965, p. 280).

“A vai, coração meu foi forte. Sofismei: se Diadorim segurasse em mim com os olhos, me declarasse as todas palavras? Reajo que repelia. Eu? Asco!” (Rosa, 1965, p. 50). Vejamos, Riobaldo tem em algum momento “asco”, ou precisa repelir o pensamento, demonstrando além do medo, a incorporação da estrutura heterosexual e a reprodução desta como violência simbólica nos termos bourdesianos. Ele deseja um olhar de Diadorim com mais intensidade, inclusive ouvir dele uma declaração explícita de amor, mas isso não ocorre. Aliás, este personagem que assume em diversos momentos da travessia ter amado e desejado, Diadorim,

às vezes, sem julgamento moral, em determinado momento, também julga negativamente o que sente. É possível dialogar com Almeida a esse respeito:

Riobaldo, assim como a grande parte dos homens da nossa sociedade, é obrigado a fornecer demonstrações diárias de comportamentos, que julga ser “o normal”. No caso da personagem, a sua principal luta é representada pelas tentativas de reafirmar a própria masculinidade, o que acaba por reprimir o seu amor por “outro jagunço”, levando-o a assumir um discurso homofóbico (Almeida, 2016, p. 60).

A falta de coragem de ambos os personagens para viverem o que sentiam um pelo outro justifica-se, portanto, na homofobia sertaneja e pelas relações de poder e trabalho constituintes da estrutura social “sertão”. Com isso, talvez seja a repetição da frase “é preciso ter coragem”, a máxima da representação rosiana. Afinal, quanto mais zelam pela manutenção da ordem, devido à posição social de jagunços, mais revelam o temor quanto às consequências que poderiam enfrentar, caso decidissem fazer do “caminhozinho” uma grande estrada. Uma honra pautada na heterossexualidade, não por acaso, foi perseguida por ambos durante as suas vidas. E, no final, já velho, narrando toda história ao doutor, tal personagem se apresenta com certo arrependimento que indica o desejo de ter construído um caminho inverso. Mas como, naquele tempo e território?

Nesse sentido, cabe refletir sobre um estudo do processo de colonização escravista no Brasil. Esse estudo aponta que, ao redimensionar o patriarcado que já existia aqui com os indígenas, os colonizadores criminalizaram e condenaram identidades que desafiavam a heteronormatividade, impondo relações sexuais aceitáveis, que conformaram as bases de outro tipo de autoritarismo influenciado pelo padrão europeu. Mais tarde, impuseram o mesmo modelo às demais pessoas do continente africano que foram trazidas à força pra cá, e escravizadas. Ou seja, as raízes desse modelo de masculinidade hegemônica brasileira que tem um cunho colonial, que envolvem as relações de trabalho, também interferem em uma dimensão mais íntima da vida dos indivíduos. A esse respeito, o pesquisador João Silvério Trevisan, no seu Livro *Devassos no Paraíso* (2018), apresenta o relatório da Santa Inquisição que registro na citação a seguir.

Decide o Visitador do Santo Ofício que, vistos os Autos, declarações das testemunhas e a confissão que fez depois de preso o sodomita SALVADOR ROMERO, [...] o qual confessou que já foi preso na Ilha de São Tomé e mandado para Portugal preso onde andou remando nas galés por fazer as torpezas do pecado de molícies [masturbação] e outrossim mostra-se que depois disso o réu fez e efetivou por muitas vezes o horrendo e nefando crime de sodomia, sendo umas vezes agente e outras vezes paciente, com pouco temor de Deus e esquecido da salvação de sua alma. E outrossim mostra-se o réu muito notado e infamado de sodomítico e cometedor de tais torpezas, no qual caso

as leis e Ordenações do Reino mandam que qualquer modo que o fizesse, seja queimado e feito por fogo em pó, para que de seu corpo e sepultura nunca mais haja memória e todos os seus bens sejam confiscados pela Coroa Real posto que descendentes tenha ou ascendentes, e que seus filhos e descendentes fiquem inábeis e infames como os daqueles que cometem o crime de lesa-majestade. Vendo porém como réu de misericórdia, a qual ele pediu confessando sua culpa depois de preso, com muitas provas de arrependimento, condenam o réu SALVADOR ROMERO que vá ao alto público descalço, em corpo, com a cabeça descoberta, cingindo com uma corda e com uma vela acesa na mão, e seja açoitado publicamente por esta vila e vá degredado para galés do Reino por oito anos, para onde será embarcado na forma ordinária, nas quais servirá os ditos oito anos ao Reino, remando sem soldo, fazendo penitência de tão horrendas e nefandas culpas, e pague as custas do processo. Olinda, Capitania de Pernambuco, 04 de agosto de 1594. Heitor Furtado de Mendonça, visitador. (Relatório da Santa Inquisição *apud* Trevisan, 2018, p. 151-152).

Esse relatório confirma que, em uma sociedade heteronormativa, as identidades sexuais não hegemônicas também carecem ser controladas, sendo o recurso à criminalização um processo cultural, portanto histórico, impactando no fenômeno da desigualdade. Nessa obra, Silvério demonstra como a sexualidade é controlada, compondo o conjunto de crenças que estruturam o poder masculinizado. Com isso, Silvério explicita como foi instaurada uma hierarquia social no Brasil, que consideramos com base nas representações construídas por Rosa. Afinal, essas representações estão diretamente relacionadas a uma hierarquia conformada da junção dos marcadores que utilizei para este trabalho, *gênero e sexualidade*.

Silvério aponta ainda que, os filhos dos coronéis da época (império), em muitas situações, iniciavam a vida sexual com homens escravizados, provocando-me pensar nesse tipo de violência sexual, o estupro, por um prisma diferente. Não por acaso a prática homossexual de estupro de homens, lida como iniciação sexual, historicamente é apagada, afinal, não se ostenta um crime que fere as regras sociais. Todavia, como demonstra Rosa através dos seus persoangens, a prática de estupro contra as mulheres não fere uma moralidade que sustenta o patriarcado, pelo contrário, são naturalizadas e, ao mesmo tempo, consideradas como um trunfo para os homens, por isso os jagunços em *Grande Sertão* ostentam os estupros de sua responsabilidade como uma espécie de troféu de virilidade. Lastro que nos ajuda a compreender um pouco mais porque Riobaldo, estrategicamente, tira e coloca a prótese, no sentido butleriano: o sertão é penal com os seus homens que saem da linha da heterossexualidade.

Aliás, menos corajoso que Diadorim para a arte da guerra, se iguala a ele no medo de viver o amor gay no sertão, e ambos não tomam nenhum gole de coragem a respeito. Ambos contentam-se em trocar afagos nos momentos de segredo, só dos dois. Afinal, o que poderiam fazer neste contexto e a partir das condições sociais e materiais que dispunham? Acabaram vivendo muito pouco o que sentiam um pelo outro, embora Riobaldo tenha sugerido que teria vivido o suficiente para o seu descanso: “qualquer amor já é um pouquinho de saúde (no caso

dos dois), um descanso na loucura” (Rosa, 1965, p. 284). Ou seja, mais que um conflito interno e externo a si próprio, Riobaldo reproduz a estrutura de pensamento que o opõe, ao modo que tenta lidar com os conflitos decorrentes dela.

Com isso, Rosa também trata de suavizar a homossexualidade dissonante, da heterossexualidade compulsória, afinal, Riobaldo respeita em alguma medida as normas de gênero. A todo momento esse personagem questiona o que sente mediante tais normas, revelando uma luta moral, na qual toma o partido conservador ao não se posicionar, a fim de viver o desejo como projeta, explicitando, contudo, que as normas interferem nas ações dos sujeitos quase sempre em meio a conflitos, pequenas e grandes resistências.

Talvez Riobaldo tivesse descansado mais na loucura do amor gay que protagoniza, na transição do século XIX para o século XX, se Diadorim tivesse sido mais “claro”. Talvez propusesse ao amado uma longa viagem até o Rio de Janeiro (ou outra grande cidade), a fim de experimentarem uma vida mais livre ali, mas não foi o que Rosa representou. Aliás, utilizei um exemplo de uma pergunta que me veio à cabeça na primeira leitura que fiz de *Grande Sertão*, “Porque os dois não foram viver o amor deles em uma cidade grande?”. Talvez, porque naquela ocasião fosse o movimento que eu planejava para viver a minha sexualidade, aliás, um movimento migratório comum dentre as estratégias de diversos LGBTQIA+ camponeses. Pontuo essa possibilidade que inventei, apenas com o propósito de evidenciar os contornos dessas estratégias dos camponeses para viverem a sexualidade mais livremente, afinal, é um fenômeno social que diz muito sobre as diferenças de ambos os territórios: sertão, e cidade.

Atendo-me aos fatos, ou melhor dizendo, à literatura rosiana, mesmo o bravo guerreiro Diadorim também toma cuidados com o que sente, como demonstram os trechos a seguir:

Tinha tornado a pôr a mão na minha mão, no começo de falar, e que depois tirou, e se espaçou de mim. Mas nunca eu senti que ele estivesse melhor e perto, pelo quanto da voz, duma voz mesmo repassada. Coração – isto é, estes pormenores todos. Foi um esclaro. O amor, já de si, é algum arrependimento. Abracei Diadorim, como as asas de todos os pássaros (Rosa, 2001, p. 35).

Mas Diadorim, conforme diante de mim estava parado, reluzia no rosto, com uma beleza ainda maior, fora de todo comum. Os olhos – vislumbre meu – que cresciam sem beira, dum verde dos outros verdes, como o de nenhum pasto. E tudo meio se sombreava, mas só de boa doçura. Sobre o que juro ao senhor: Diadorim, nas asas do instante, na pessoa dele vi foi a imagem tão formosa da minha Nossa Senhora da Abadia! A santa... Reforço o dizer: que era belezas e amor, com inteiro respeito, e mais o realce de alguma coisa que o entender da gente por si não alcança (Rosa, 2001, p. 511).

O que molda a sexualidade, portanto, são os valores morais externos aos indivíduos, às vezes praticados devido às normas e as consequências, socialmente construídas e enraizadas no

bojo de uma disputa de poder. Riobaldo, assim como grande parte dos homens da nossa sociedade, é obrigado a fornecer demonstrações diárias de comportamentos, que julga ser “o normal”, de acordo com a estrutura patriarcal. Ou seja, também é uma batalha reafirmar a própria masculinidade que acaba por reprimir o seu amor por “outro jagunço”, levando-o a assumir um discurso homofóbico, consonante com o papel de homem valente sertanejo. Isso o leva a perceber o que Connell e parte do movimento feminista destacam: apesar dos privilégios dos homens em relação às mulheres, nas relações de poder propriamente ditas, fundadas no campo simbólico, eles também são oprimidos.

Nesse rumo, vale reafirmar as diferenças deste lugar social que opõe nossos personagens, o patriarcado opera-se no sertão, e forja de maneira mais coercitiva seus homens e mulheres. As pesquisadoras Maria de Nazaré Wanderley, e Elisa Guaraná de Castro, em 2007, ao descreverem a diversidade sexual no meio rural, lançam mão de dados que dialogam com essa linha de raciocínio. Embora centralize a categoria *jovem rural*, Wanderley oferece percepções fundamentais, . sobretudo porque demonstra que o sertanejo se trata de um tipo diferente para se pensar o gênero e a masculinidade. É possível dizer que os sertanejos observados por ela, a exemplo dos que são representados na travessia rosiana, são condicionados, devido à carência maior e a relações de trabalho mais precarizadas, de forma diferente dos cidadãos, a agirem estratégicamente, objetivando a sobrevivência.

Todavia, a diferença geográfica, essa sim podendo ser lida como natural, influencia as relações sociais e sexuais, produzindo relações “bastante heterossexualizadas” e, consequentemente, impactando as desigualdades. É preciso demarcar que o tempo histórico que Rosa representa também é determinante. Pode-se dizer que a masculinidade hegemônica, bem como a heterossexualidade, eram mais vigiadas e cobradas entre os séculos XIX e XX. Uma moral patriarcal, masculinizada, heterossexualizada, que generifica o desejo com base na fé cristã, operava com mais influência nesse contexto, se comparado aos dias atuais. Haja vista que o próprio autor, Rosa, atento à estratégia para fazer sua literatura emergir, teria alterado o desfecho gay do romance, garantindo-se na estrutura social patriarcal. Nesse sentido, tanto Riobaldo e Diadorim quanto o seu criador Rosa, na arte do mineirês de contar uma história, navegando devagar, com uma riqueza de dados e poesia, são homens brasileiros diferenciados pelo modo como observam seus valores morais, e como os subvertem com todo cuidado!

Trata-se de um tempo em que para se falar de sexo oral, por exemplo, cuidadosamente os poetas se referiam desta maneira “mamãe eu quero, mamãe eu quero mamá, dá a chupeta, dá a chupeta pro bebê não chorá...” (Música "Mamãe Eu Quero"), a famosa marchinha de carnaval de 1937. A propósito, outra marchinha de carnaval, que embora caracterize um

contexto posterior à obra é bastante representativa. Ela diz o seguinte: “Maria Sapatão, sapatão, sapatão, de dia é Maria, de noite é João” (a Música “Maria Sapatão”, foi uma das marchinhas de carnaval mais executadas do Carnaval de 1981, de autoria de João Roberto). Ou seja, o tempo retratado no romance, e posterior a ele, o início da década de 1980, aponta a sexualidade como um tabu maior evitado do que nos dias atuais; falar e viver a sexualidade (sejam as alinhadas ao modelo aceitável, e principalmente aquelas em desacordo com ele), exigia ter cuidado. As músicas citadas também endossam a percepção de que, na cidade, embora dentro do armário, o tabu era menos coercitivo.

Por tudo, a sexualidade é uma vereda fundamental para compreendermos o homem no redemoinho rosiano. Seu potencial de influência sobre a vida dos homens, que viviam no Sertão e na cidade, é bastante evidente. Como o próprio Rosa afirmou em entrevista para Mary L. Daniel Miss, ao apontar as bases da sua escrita, ele tinha certo horror ao lugar comum retratado, a partir de um olhar e escrita viciados e uma necessidade de verdade nas pessoas e coisas, e suas dinâmicas de existência. Por isto ele dialogou com uma parcela significativa dos leitores conservadores da época, inclusive com aqueles gays conservadores incubados, através de um personagem que deseja outro homem, mas através de códigos (como muitas gays incubadas viviam, e vivem). Além do mais, ele (Riobaldo) não chega a viver os finalmente do seu amor, o que lhe confere certo prestígio, um exemplo a ser seguido. Todavia, Rosa coloca Diadorim no espaço nebuloso de sua travessia, que traduz o tema polêmico para a época.

Engenhosidade discursiva que entrelaça de forma enigmática dilemas ditos universais, ou metafísicos, ao gênero e sexualidade, destacando e silenciando, ao mesmo tempo, o tema da homossexualidade. Diadorim, que balança a matriz binária de gênero, colocando o gênero e a sexualidade para girar no ritmo do redemoinho, ao modo que apresenta-se como modelo sósia da masculinidade hegemônica. Como Riobaldo fez questão de enfatizar, Diadorim é o Diabo! Por esta razão trato especificamente dele na próxima seção.

O senhor saiba – Diadorim: que, bastava ele me olhar com os olhos verdes tão em sonhos, e, por mesmo de minha vergonha, escondido de mim mesmo eu gostava do cheiro ele, do existir dele, do morno que a mão dele passava para a minha mão (Rosa, 2001, p. 505).

3.3 Diadorim e nossa neblina

Visando compreender o homem no redemoinho de Rosa, é preciso destacar que Diadorim apresenta maior potencial significante em *Grande Sertão: veredas*, por atravessar de

forma mais problemática as veredas(dimensões) de gênero e sexualidade. Um personagem que endossa o que Simone de Beauvoir tratou em sua obra *O Segundo Sexo*, um clássico do movimento feminista publicado originalmente em 1949: “não se nasce mulher, torna-se mulher”, ou seja, ser mulher é uma construção social, uma performance no sentido butleriano. No caso em questão ele, Reinaldo (Diadorim), nasce com o sexo feminino, mas torna-se homem quando criança, demonstrando ao longo de sua vida cumprir bem o papel atribuído pela sociedade patriarcal sertaneja.

O único personagem que, na travessia rosiana, acumula três nomes: Reinaldo, Diadorim e Maria Deadorina, configura um deslizamento do significante, provocando-nos a refletir sobre o que escreveu Ana Maria Machado (2002), ao dizer que o nome é um fato social e na literatura pode ser um elemento motivador, exemplo “Dia”: podendo ser lido como corruptela de “Dia(bo)”. Nessa visão, Diadorim representa, através da ambivalência e dualidade de valores, uma dificuldadeposta na literatura rosiana. Não por acaso, tudo é, e não é, a um só tempo, afinal, é a estratégia encontrada pelo autor para o dilema do conservadorismo da época em torno da sexualidade, Rosa contudo apresenta a lógica da convivência das diferenças.

O único condicionado a um segundo sexo, ao modo que atravessa o peso social atribuído a ambos. Forçado a performar a masculinidade a vida inteira, devido à condição de herdeiro do coronel Joca Ramiro, com o nome social de Reinaldo, representa através de seu corpo, a expressão de gênero emaranhada na sexualidade, o símbolo de infinito com o qual Rosa termina o romance. Talvez, por isso seja visto por Riobaldo como a representação da neblina: uma névoa, bruma, nuvem baixa que esconde um mistério. Mistério que não se revela por completo, afinal, o personagem leva consigo, para o caixão, o que sugere querer contar. Por trás dessa neblina, portanto, nos defrontamos com o gênero e a sexualidade fraturados.

Reinaldo, que tinha olhos verdes e finas feições, que tinha “a voz mesma, muito leve, muito aprazível. Porque ele falava sem mudança, nem intenção, sem sobejo de esforço, fazia de conversar uma conversinha adulta e antiga [...]” (Rosa, 1965, p. 92), era diferente dos demais. O próprio narrador reconhece isso. Diferença (mistério) que trata de embaralhar durante toda a sua vida. Preservado o segredo, o personagem evidencia a força, as contradições que integram o gênero e o modelo de masculinidade hegemônica no Sertão. Aliás, além de não falar grosso, “Diadorim – mesmo o bravo guerreiro – ele era pra tanto carinho” (Rosa, 1965, p. 525). Ou seja, o personagem é a representação máxima do que viso analisar na obra rosiana, as representações conflitivas da masculinidades. Ele demonstra que o homem sertanejo pode ser rude, sensível aos pormenores da natureza, poeta, e ainda ter o sexo feminino.

“Calma. É só aos poucos que o escuro fica claro”, disse Rosa por meio de Riobaldo. Sem romper com o seu propósito por completo, João Guimarães Rosa, que teria sido condicionado a mudar o rumo de *Grande Sertão: veredas*, mantém os dilemas que visou representar, através do recurso enigmático que envolve Reinaldo-Diadorim, na maior parte do enredo, um homem *gay*. Nele, enxergamos na escuridão, a ponte para compreendermos as condicionantes que contornam as representações de gênero no Sertão, bem como as representações de sexualidade associadas ao gênero.

Reinaldo, ou como é mais conhecido o personagem rosiano, Diadorim, trata-se de um retrato dos efeitos da perversa misoginia do patriarcado sertanejo que não reconhece o poder de uma mulher de controle do processo produtivo. Neste caso, o retrato é um sujeito nascido com o sexo feminino, condicionado ao papel social de homem, a fim de herdar e manter o império do pai ou, por que não, do que conhecemos hoje como homem trans. Outra hipótese é de que talvez Diadorim tivesse sido homem cisgênero, nascido com a “natureza macha” (sexo biológico masculino), se o contexto social em que viveu e escreveu o autor fosse outro. Aliás, Diadorim teria vivido entre o final do século XIX e início do século XX, enquanto João Guimarães Rosa viveu as primeiras seis décadas do século XX.

Pois bem, Diadorim apresenta-se primeiro na narrativa quando criança, no Porto do “De-Janeiro”, encostado numa árvore de forma bastante viril, pitando cigarro. Evento em que ele transita de uma margem a outra da confluência dos dois rios, De-Janeiro e São Francisco, acompanhado de Riobaldo, o canoeiro, um pedaço de rapadura e um queijo, quando performa muito bem a masculinidade, encorajando Riobaldo a fazer a travessia e dizendo que aprendeu com o pai que “é preciso ter coragem”. Coragem que ele reafirma na outra margem do São Francisco (representativa da cidade), quando faz uma voz fina, sentando no colo de um personagem anônimo que surge na narrativa intentando sexualmente contra ele e Riobaldo, com o objetivo de cravar um canivete em uma de suas coxas, feito que espanta o abusador.

Ora performando a masculinidade, ora a uma voz fina associada à feminilidade, revela, com isso, a necessidade de utilizar próteses diferentes e de adaptar-se bem à troca de tais recursos, a masculinidade e a feminilidade. Curioso que, em uma parte do mundo, o sertão, para se defender, Diadorim performa a masculinidade, consequentemente a heterossexualidade. E que na outra, urbana, ele performa a homossexualidade ou, lido de outra forma, a feminilidade. Vale relembrar que sua posição social de classe, de filho do coronel Joca Ramiro, lhe vale apenas na margem sertão. De modo que, do outro lado do São Francisco, a cidade, essa posição vale pouco.

Também não dá para perder de vista que, ao longo do enredo, já adulto e jagunço, é Diadorim quem apresenta os perigos da jagunçagem a Riobaldo e que, mais adiante, no deleite dos momentos de folga, ensina Riobaldo a perceber as belezas do sertão. Com referência a espécies da região de transição do cerrado para a caatinga mineira, como o pássaro manuelzinho-da-croa, Diadorim evidencia que a sensibilidade, como os demais atributos associados à feminilidade, pode ser aprendida por ambos os gêneros e sexos, e que é um atributo que pode andar de mãos dadas com a coragem. Demonstrando que internalizou o que está para além das palavras, incorporou a estrutura social, expressando o gênero como estratégia para enfrentar os perigos do lugar: sertão-mundo, em meio a conflitos internos.

Quando se trata dos momentos só deles, de Diadorim e Riobaldo, o primeiro vai dando pistas quanto ao seu segredo. Complexificando esse entrelace, que confronta o que é estar e ser homem no Sertão, vai explicando porque é preciso ter coragem. Afinal, vivem em um contexto sócio-histórico com características bastante tradicionalistas, legitimadas na religiosidade, coronelismo e jagunçagem.

Essa lógica comprehende que mais poderes são dados aos homens, que irão utilizá-lo a seu favor na relação com o território e os demais seres vivos que o compõem, como as mulheres, obviamente pautados pela concepção cristã de que a família é a junção do homem e da mulher, com os quais as relações sexuais podem resultar na continuidade da sociedade, dogma que criminaliza o *amor gay*. Nesse sentido, adia o sentimento que desenvolve na travessia que faz junto a Riobaldo. A propósito, ele teria dito:

[...] Riobaldo, o cumprir de nossa vingança vem perto... Daí, quando tudo estiver repago e refeito, um segredo, uma coisa, vou contar a você.... Ele disse, com o amor no fato das palavras. Eu ouvi. Ouvir, mas mentido. Eu estava longe de mim e dele. Do que Diadorim mais me disse, desentendi metade (Rosa, 1965, p. 464).

As evidências apontam que o segredo a que se refere o personagem, talvez, seja o seu segundo sexo, revelado no corpo morto. Portanto, o que se sabe é que na memória do narrador, e de todo o bando ele foi homem a vida toda, caminho trilhado para se garantir na estrutura social que privilegia os homens em detrimento das mulheres, experimentando, ao mesmo tempo, o gosto também amargo que é ser e estar homem no sertão.

Diadorim viveu como pode, por meio de códigos como o próprio nome e com poucas palavras, afinal, jagunços são de poucas palavras a respeito dessa dimensão do desejo – como sugere Riobaldo. E ele não era qualquer um do bando, era o mais corajoso, segundo Riobaldo, ou seja, quem melhor performava a masculinidade hegemônica. Ao modo que o mesmo, ao

repetir ao longo da narrativa mais de uma vez “é preciso ter coragem”, talvez esteja traduzindo e apontando para outra possibilidade de enxergar e exercitar a coragem. Evidencia-se, dessa forma, que uma coisa é a coragem de pegar numa faca para guerrear, outra, mais difícil, pode ser a coragem de amar, haja vista que Diadorim aproxima-se com cuidado do amado, como revela Riobaldo, ou seja, mesmo Diadorim, o corajoso, teme a homofobia sertaneja e, por isso, ajeita uma forma de sentar perto de Riobaldo.

O estado de vigilância quanto ao modelo de masculinidade hegemonic que estabelece o que é ser homem no sertão, apresenta um conjunto de regras fundadas no gênero e na heterossexualidade que produz um estado paranoíco também em Diadorim. Isso o leva a arquitetar um plano para simplesmente sentar-se ao lado de Riobaldo, fazendo-me perguntar: afinal, qual o limite de distância entre dois homens sertanejos?

Em determinado momento da obra, Riobaldo sugere que Diadorim também tinha medo de “segurá-lo com os olhos” (Rosa, 1965, p.55), o que pode ser lido por medo de encará-lo olho no olho. Vale destacar que ambos tinham o costume de conversar por horas. Esse entrelace representa o que a crítica rosiana afirmou sobre *Grande Sertão: veredas*, trata-se de uma obra literária importantíssima ao pensamento social brasileiro, ou seja, é um recorte fundamental sobre um tempo, um território e as grandes questões colocadas a esse tempo e território explícita e implicitamente.

Como vimos no texto *Construção das masculinidades rurais em Grande Sertão: veredas*, elaborado pelos pesquisadores Santos, Lima-Santos, Araujo e Oliveira (2023), os processos de generificação, na perspectiva da construção da masculinidade rural é diferente. Analisando a relação entre os personagens Riobaldo e Diadorim, os autores afirmam que gênero não se trata de uma substância, embora reproduza efeitos substanciais, enfatizando a “generificação dos corpos” como recurso. Todavia, se os analistas apontam para as distintas versões de masculinidades performadas pelos personagens rosianos, destacam pouco a compreendida pelas ações de Diadorim, uma ponte entre o gênero e a sexualidade.

Diadorim teria experimentado o estado de vigilância de forma mais tênue que os outros homens representados, afinal, tinha mais razões que eles para temer a homofobia, para reafirmar o seu gênero. “Eh, ele sabia ser homem terrível. Suspa!” (Rosa, 1965, p.154). Assim, pode-se dizer que Diadorim, que também fora Maria Diadorina e, na maior parte do tempo, Reinaldo, não vive no entre-lugar por acaso, esse espaço silencioso que marca as obras rosianas. No silêncio que oportuniza inúmeras travessias, Diadorim satisfaz os leitores conservadores da época, década de 1950, primeira metade do século XX. Ou, pelo menos, uma parte deles.

Com efeito, também satisfaz os leitores progressitas, afinal, Diadorim, que teria um segundo sexo, além de expressar de forma mais emblemática as categorias *gênero* e *sexualidade*, atravessa ambas. Revela-se justamente na travessia: momento em que não é possível que seja apagada sua performance masculina exemplar, ou seja, revela-se sem que pudessem enxergar por completo. Isso ilustra o que Riobaldo afirma em “Diadorim é a minha neblina...” (Rosa, 1965, p. 20), no caso a nossa neblina. É quem melhor demonstra que gênero e a sexualidade são formas de ação fluídas. Melhor dizendo, são dispositivos acionados pelos personagens na medida em que julgam coerentes aos propósitos que lhe foram atribuídos.

É possível dizer que Rosa também coloca Diadorim na terceira margem, lugar da literatura que é compatível com o conservadorismo calcado na masculinidade; produtos do patriarcado. Afinal de contas, o que tem na terceira margem rosiana? Linha de pensamento que me leva a trazer para a cena outra obra de Rosa, o conto *A Terceira margem do Rio*, publicado em 1962. Nele, o autor escreve sobre a decisão corajosa de um pai que abandonou a família e a sociedade para viver dentro de uma canoa em um grande rio. Em um enigma que instiga todas as reflexões esse homem permanece ali. A seguir, trechos que tratam da dimensão dessa obra:

Nosso pai era homem cumpridor, ordeiro, positivo; e sido assim desde mocinho e menino, pelo que testemunharam as diversas sensatas pessoas, quando indaguei a informação. Do que eu mesmo me alembro, ele não figurava mais estúrdio nem mais triste do que os outros, conhecidos nossos. Só quieto. Nossa mãe era quem regia, e que ralhava no diário com a gente — minha irmã, meu irmão e eu. Mas se deu que, certo dia, nosso pai mandou fazer para si uma canoa (Rosa, 1962, p. 32).

Nossa casa, no tempo, ainda era mais próxima do rio, obra de nem quarto de léguas: o rio por aí se estendendo grande, fundo, calado que sempre. Largo, de não se poder ver a forma da outra beira. E esquecer não posso, do dia em que a canoa ficou pronta (Rosa, 1962, p. 32).

Sem alegria nem cuidado, nosso pai encalcou o chapéu e decidiu um adeus para a gente. Nem falou outras palavras, não pegou matula e trouxa, não fez a alguma recomendação. Nossa mãe, a gente achou que ela ia esbravejar, mas persistiu somente alva de pálida, mascou o beiço e bramou: – cê vai, ocê fique, você nunca volte (Rosa, 1962, p. 32).

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia (Rosa, 1962, p. 32).

Como vimos, o filho, outro personagem homem rosiano, é quem narra a história, apresentando o pai, a mãe, a irmã e o irmão. Ele destaca o pai por razões óbvias: trata-se de um homem que aparentemente se enquadraria dentro dos padrões de normalidade que caracterizam um homem sertanejo, mas que resolve por vontade própria fazer a travessia do rio São

Francisco, grande, deixando para trás a família. Como expressa a observação elaborada por Caetano Veloso e Milton Nascimento, por meio da música de nome *A Terceira Margem do Rio*, lançada no ano de 1990, esse personagem (o pai) fica “fora da palavra, quando mais dentro aflora”. Como tal personagem, Diadorim fica fora da palavra, e no caso é a sexualidade que o projeta para este lugar que tem um grande potencial significante. Ambos fazem a travessia, deixando-nos instigados a saber o que tem na terceira margem que também os caracteriza.

É importante relembrar que, na batalha final do bando de jagunços em *Grande Sertão*, no Paredão, Riobaldo, o menos corajoso, aquele que nunca tinha matado ninguém, transfere para Diadorim a missão de vingar a morte de seu pai: matar Hermógenes (que não tinha anjo da guarda!) e Diadorim, em confronto com Hermógenes, o mata, mas também morre. E que morto, seu corpo revela parte do segredo apenas a três pessoas, para a mulher do Hermógenes, quem vê primeiro e conta para Riobaldo; para Riobaldo, obviamente; e com o detalhe de um terceiro personagem, que ouve sobre o segredo, mas que não pode afirmar que viu, afinal, se trata do cego Borromeu. Assim, a dúvida que movimenta todo romance revela, contudo, que a lietartura não resolve os problemas que coloca. Nos termos do que comprehende Simone de Beauvoir e, sobretudo, Butler e Connell, Diadorim praticou ser homem a vida inteira, homem foi!

Diadorim demonstra, portanto, que o gênero não tem uma essência, não é fruto da natureza. De modo similar, o sexo e sua dimensão biológica podem ser burlados. Nessa perspectiva, gênero e sexo são, e não são, produto da natureza e da cultura, o que me leva a pensar de forma pontual no conceito da *estética da existência*, elaborado pelo pesquisador francês Michel Foucault (1976), em cuja perspectiva o sujeito que desenvolve uma arte de viver estrategicamente, confronta a ideia de essência comum ao ser humano, justamente por fazer emergir uma outra natureza, desconhecida e original. Em síntese, para este autor a vida é uma obra de arte e o indivíduo é a obra de arte de si mesmo, que se constrói através da experiência, performando para além das normatizações vigentes. “Diadorim – em que era que ele devia estar pensando? É o que eu não soube, não sei, à minha morte esta pergunta faço” (Rosa, 1962, p. 526).

Contudo, as sociedades, de modo geral, sertaneja e citadina, impõem, no primeiro momento, aos indivíduos a marca do sexo, baseada pela genitália e por outras características biológicas e, num segundo momento, ela traduz o sexo, impondo uma segunda marca, o gênero, práticas, ou performances culturais, associadas às construções que conhecemos por “ser homem” ou “ser mulher”. Molda, por consequência a sexualidade desses indivíduos, estabelece um padrão heterossexual de relações, que é utilizado como um terceiro dispositivo entrelaçado

com o sexo e o gênero. A despeito desta conformação, ao sertão (que é o mundo), Rosa apresenta-nos personagens que sugerem ser possível confrontar tal lógica binária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaco que reler a obra *Grande Sertão: veredas*, no curso da pesquisa, foi duplamente interessante. Primeiro, por superar a primeira leitura que fiz, provocada por uma professora de Língua Portuguesa do ensino médio, Elizabeth Expedito. Nessa primeira leitura, foquei nas representações do cerrado, que me remetiam à casa da bisa, em aspectos do jaguncismo, realidade que teria sido vivida por meu bisavô, e obviamente, no amor gay, que não via representado no território em que vivia. Desse modo, também me projetei na obra, afinal, eu era um adolescente gay, num território perigoso para quem desafiava a heteronormatividade. Segundo, porque esse exercício foi bastante desafiador e importante na minha formação como cientista social.

Foi possível perceber, por meio das representações rosianas, os limites e desafios colocados para o gênero. Coloco em destaque o patriarcado, nos moldes com que se estruturou no sertão, a partir de figuras como o coronel, que acumula uma posição de muito relevo na hegemonia masculina, e os seus comandados, os jagunços. Por meio de tais personagens, que interagem com mulheres sertanejas, Rosa demonstra o quanto as relações de gênero no sertão se complexificam. É notório que a relação de subordinação das mulheres em relação aos homens é mantida e garantida pelos homens, moldados nas condições sociais do lugar.

Além do mais, fica evidente que a sexualidade, principalmente, a forma de direcionamento das nossas emoções, provocada pelo processo de socialização no sertão, é mais delimitada, fazendo com que, mesmo os homens de muita coragem, temam a homofobia. Rosa, ao sugerir que a sociedade sertaneja seria mais heteronormativa que a citadina, demonstra um estado de vigilância intenso, permanente por parte dos homens que se autoavaliam, como fazem em relação ao gênero. Com isso, forçam a barra para também cumprirem o papel sexual imposto, revelando um processo sócio-histórico diferente, responsável por pressionar a ambivalência que atravessa a diversificação dos papéis sociais. Figurando, assim, uma condição da sexualidade não heteronormativa no sertão (que é o mundo), que só pode ser performada apenas por trás de uma neblina.

O autor apresenta mais que os homens com comportamentos delicados, atento aos pormenores da natureza e poesia das coisas, lidos como homens desviantes do modelo de masculinidade hegemônica. Rosa constrói homens com uma homossossiabilidade diferente, capazes de se apaixonarem por outros de naturezas machas, mas incapazes de viverem os finalmentes de seus sentimentos. Ou seja, o autor dá notoriedade aos conflitos que compõem o dilema dos que transitam entre a masculinidade hegemônica e as subalternas, entre a

heterossexualidade e outras possibilidades de viver a sexualidade. Contudo, ajeita a homossexualidade como uma temática, demonstrando dentre outros, Diadorim, personagem que transita entre o gênero e a sexualidade.

Se, ao reler tal obra nos dias atuais, dispomos de nomenclaturas que não existiam na época em que o autor escreve *Grande Sertão*—por exemplo, não se falava na primeira metade do século XX de pessoas trans não binárias— Rosa, nesse sentido, tem um olhar inovador. Na primeira metade do século XX o escritor apresenta um personagem que pode ser lido como uma representação de um homem trans, não binário, Diadorim. Com isso, provoca-me a pensar nas categorias gênero e sexualidade como concepções que se entrelaçam, duas veredas que se cruzam e conformam as desigualdades sociais. Instantaneamente, tais veredas nos levam a pensar em uma terceira vereda, pouco explorada pelo autor, muito provavelmente devido a seu lugar social de homem branco, refiro-me a marca social que conhecemos por *raça*.

Nesse sentido inovador, embora limitado pelo tempo e lugar social, Rosa apresenta de forma nebulosa uma grande questão colocada para os homens e mulheres de sua época, situados no sertão e na cidade: a sexualidade. Um homem que transita entre a masculinidade hegemônica e subalterna, entre o aertão e a cidade, Rosa destaca as condições que fazem da vida dos seus sujeitos mais e menos perigosa, presentes nas nuances que caracterizam os conflitos inerentes às relações de poder. *Grande Sertão: veredas*, por tudo, ao evidenciar o aertão que oportuniza pensar em condições sociais que constrangem os homens de forma bem particular, sugere um forte processo de coerção neste território da vida social. O Sertão impõem, de forma diferente aos seus sujeitos,—por exemplo, os homens—a agirem de acordo com valores culturais que os colocam na posição de oprimidos.

Por outro lado, os dados adicionais encontrados sobre a obra, igualmente evidenciam estar presente no outro lado do rio São Francisco, a cidade, múltiplas formas de ser homem, além da homofobia que constrangem a sexualidade desviante do padrão heterossexual. Destaca-se que, o próprio João Guimarães Rosa é um exemplo de que se pode ser homem de distintas formas, com uma homossociabilidade bastante diferente para época. Sobretudo, embora as masculinidades hegemônicas e subalternas evidenciem nas duas partes do mundo os dilemas que compõem o gênero e a sexualidade, acentua-se os aspectos de como tal fenômeno se dá no sertão. Como demonstra o trecho a seguir, presente em *Grande Sertão: veredas*:

“[...] Diadorim e eu, nós dois, como já disse. Homem com homem, de mãos dadas, só se a lentia deles for enorme. Aparecia que nós dois ja estávamos cavalhando lado a lado, par a par, a vai-a-

vida inteira. Que coragem – é o que o coração bate; se não, bate falso. Travessia – do sertão — a toda travessia” (Rosa, 1956, p. 458)

Por todo o exposto, é preciso ter coragem. Não é uma tarefa simples ser e estar homem. Representar a masculinidade hegemônica, um ideal que Rosa sugere ser inalcançável, ao modo que fortemente cobrado. Muito menos viver as diversas dimensões do amor, que é antes de tudo humano, e agênero. No sertão, que é o mundo, a vida é perigosa para quem decide viver fora do binarismo. É como Riobaldo sugere ao doutor, “O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Porque ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é o que é o viver, mesmo.” (Rosa, 1956, p. 532).

Travessia...

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. Um chamado João. In: ANDRADE, C. D. **Em memória de João Guimarães Rosa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- ALBUQUERQUE, Jr., D. M. de. **Nordestino**: uma invenção do falo – uma história do gênero masculino (*Nordeste 1920-1940*). Maceió: Edições Catavento, 2003.
- ALMEIDA, A. M. de. **Masculinidade no jagunço Riobaldo**: uma perspectiva étnico-gendrada. Jequié, UESB, 2016.
- ALMEIDA, E. R. F. de. **Nação e masculinidade em Grande Sertão**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- ALVES, C. S. A formação dos homens e a violência em Grande Sertão: veredas. **Revista Literatura em Debate**, 2013.
- BASTOS, L. M. P. C. **Diadorim Trans? Performance, Gênero e Sexualidade em Grande Sertão: Veredas**. In: Anais do 14^a Semana de Letras da UFOP, 2016.
- BEAUVIOR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução de Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2014.
- BOAS, F [1938]. As primeiras manifestações culturais. In: **A mente do ser humano primitivo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- BOTELHO, A.; HOELZ, M.; BITTENCOURT, A. **A sociedade dos textos**. Belo Horizonte: Relicário, 2022.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.
- BROCK, A. The Queer Temporality of Grande Sertão: veredas. **Chasqui - Revista de literatura latino-americana**. n. 47.2, p. 190-203, 2018.
- BUTLER, J. **Gender Trouble**: Feminism and the Subversion of Identity. New York: Routledge, 1990.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. São Paulo: Editora Record, 2012.
- CANDIDO, A. O. Homem dos avessos. In: **Tese e antítese**. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.
- CARNEIRO, M. J. Rural como categoria de pensamento. **RURIS**, v. 2. n.1, 2008.

CARRASCOSA, D. Confessando a carne em Grande Sertão: veredas. In: **Revista Inventário**. 4. ed. jul. 2005. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/04/04dcarrascosa.htm>. Acesso em: 12 jul. 2022.

CARVALHO, R. [1924]. Bases da nacionalidade brasileira. In: CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). **À margem da história da República**. Brasília: Ed. da UNB/Câmara dos Deputados, 1981.

CASTRO, G.; BESSA, L. Crítica do silêncio temático em Grande Sertão: veredas – uma leitura de Diadorim. **Revista Mídia e Cotidiano**. v. 14, n. 2, maio-ago. de 2020. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/41441>. Acesso em: 22 abr. 2023.

CASTRO, A. C. D. M. de. **Política e literatura em Grande Sertão**: Veredas. 2013. 123f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

CHALHOUB, S. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: Ed. Cia das Letras, 2001.

CONNELL, R. **Gender and power**: society, the person and sexual politics. Stanford University Press, Stanford, 1987.

CONNELL, R. **Masculinities**. Cambridge: Polity Press; Sydney: Allen & Unwin; Berkeley: University of California Press, 1995.

CONNELL, R. “La organización social de la masculinidad”. In: T Valdés & J Olavarría (eds.). **Masculinidades**: poder e crisis. Ediciones de las Mujeres, Isis Internacional, n.34, Santiago, 1997, p. 31-48.

CONNELL, R. G. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**. v. 20, n. 2, 1995.

COSTA, J. F. **O vestígio e a aura**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics**. The University of Chicago Legal Forum, n. 140, p. 139-167, 1989.

CUNHA, E. da. **Os sertões**: campanha de Canudos. São Paulo, Abril Cultural, 1982.

CUNHA, E. da. (1902). **Os sertões**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

DURKHEIM, É. **As regras do método sociológico**. 9. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1978.

EICHLER, J.; FERRAZ, N. **Geraizeiros**: uma história de luta pelo Cerrado brasileiro. UnB Ciência. 2019. Disponível em: <https://www.unbciencia.unb.br/humanidades/50-antropologia/631-geraizeiros-uma-historia-de-luta-pelo-cerrado-brasileiro>. Acesso em: 22 abr. 2023.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994. Título original: Die Gesellschaft der Individuen.

- FANON, F. **Peles Pretas, Máscaras Brancas.** São Paulo: Ubu editora, 2008.
- FAVARETO, A. S. A longa evolução da relação rural-urbano. **Ruris**, vol.1, n. 1, 2007, p.157-190.
- FAVRET-SAADA, J. “Ser afetado”. **Cadernos de Campo**. São Paulo: USP/FFLCH, ano 14, n. 13, 2005, p. 155-161.
- FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes.** São Paulo: Globo, 2008.
- FIRMINO, F. H.; PORCHAT, P. Feminismo, identidade e gênero em Judith Butler: apontamentos a partir de “problemas de gênero”. **Rev. Bras. Psicol. Educ.** v.19, n.1, jan./jun. 2017, p. 51-61.
- FLEMING DOS SANTOS, Cleverson da Silva. **Cotejando o gênero:** figuras de masculinidades na obra de Gilberto Freyre. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, 2023.
- FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- FRITSCH, I. A. M. de C. Eles se amaram de qualquer maneira: figurações de masculinidade e homoerotismo no ambiente de trabalho em obras literárias. **Nau Literária**, UFRGS, v. 16, n.2, 2020.
- FOUCAULT, M. (1976). **História da sexualidade I:** a vontade de saber. 13.ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.
- FOUCAULT, M. (1975). **Vigiar e punir:** história da violência nas prisões. 41.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GEERTZ, C. **Uma descrição densa:** por uma teoria interpretativa da cultura. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje.** Anpocs, p. 223-244. 1984.
- HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- IPEA. **Retrato das Desigualdades de Gênero e de Raça.** Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/retrato/apresentacao.html>. Acesso em: 10 out. 2019.
- IPEA. **Atlas da Violência no Campo no Brasil: condicionantes socioeconômicos e territoriais.** Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=36100&Itemid=432. Acesso em: 25 de jul. 2020.

- JUNIOR, D. M. de A. **Nordestino**: invenção do “falo” uma história do gênero masculino (1920-1940). 2013.
- KIMMEL, M. “A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas”. **Horizontes Antropológicos**, v. 4, n. 9, p.103-117, 1998.
- LAPERRIERE, A. Os critérios de científicidade dos métodos qualitativos. In: Jean POUPART et.al. (Orgs.). **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos (Org.) Petrópolis, RJ: Vozes, p. 410-435, 2015.
- LÉVI-STRAUSS, C. [1949]. **As estruturas elementares do parentesco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982.
- LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, M. I. **Juventudes do Campo**. Belo Horizonte, Editora Autêntica, 2015.
- LORENZ, Günter. Diálogo com Guimarães Rosa. In: ROSA, João Guimarães. **Ficção Completa**, v. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. p. 27-61.
- LIMA, N. T. **O Sertão Chamado Brasil**. São Paulo, SP: Hucitec; 2013.
- LUZIA-HOMEM. **Grande encyclopédia Larousse cultural**. São Paulo: Universo, 1990
- MANNHEIN, K. **As funções do isolamento social**. São Paulo, SP: Companhia editora nacional, 1961.
- MARTINS, J. S. O tempo da fronteira: retorno à controvérsia sobre o tempo histórico da frente de expansão e da frente pioneira. In: MARTINS, J. S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. SP: Contexto, p. 131-179, 2009.
- MATA-MACHADO, B. **História do Sertão Noroeste de Minas Gerais**. 1690 – 1930. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1991.
- MACHADO, Ana Maria. Como e por que ler os clássicos universais desde cedo. São Paulo: Editora Objetiva, 2002.
- MISKOLCI, R.; BALIEIRO, F. de F. O Drama Público de Raul Pompeia - Sexualidade e política no Brasil finissecular. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75. São Paulo, 2011.
- OLÍMPIO, D. **Luzia-Homem**. 11. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- OLIVEIRA, L. de B. **Imagens e imaginário de diadorim**: uma perspectiva queer em grande Sertão: veredas. Brasília, 2019.
- PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Tradução de Marie-Hélène Bourcier. São Paulo, 2017.

PRECIADO, P. B. O que é contrassexualidade? Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PROJETO PORTINARI. Disponível em:
<http://www.portinari.org.br/#/acervo/obra/2733/detalhes>. Acesso em: 20 fev. 2023.

QUEIROZ, Rachel de. **Memorial de Maria Moura.** 9. ed. São Paulo: Siciliano. 1992.

ROCHA, I. C. L. A construção da masculinidade em grande Sertão: uma Interpretação do Primeiro Encontro Entre Riobaldo e Diadorim. **Revista do Instituto de Ciências Humanas**, v.17, n. 27, 2021.

RONCARI, Luiz. **O Brasil de Rosa:** mito e história no universo rosiano: o amor e o poder. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROQUETTE-PINTO, E. **Seixos rolados:** estudos brasileiros. Rio de Janeiro: Mendonça, Machado & Companhia, 1927.

ROSA, J. G. **No Urubuquaquá, no Pinhém.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1956.

ROSA, J. G. **Primeiras estórias.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.

ROSA, J. G. **Grande Sertão:** veredas. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1965.

ROSA, J. G. Entrevista. **Revista Vila Cultural**, 163, 2017.

SALIH, S. **Judith Butler e a Teoria Queer.** Tradução de Guacira Lopes Louro. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

SANTOS, M. A.; LIMA-SANTOS, A. V. S.; ARAÚJO, J. S.; OLIVEIRA, W. A. Construção das masculinidades rurais em *Grande Sertão: veredas*. **Rev. Estud. Fem.** v. 31, n. 1, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/HVTtZXbVypQVHzsQhgMNndM/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 22 abr. 2023.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCHWARZ, R. **Um mestre na periferia do capitalismo:** Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades Ed. 34, 2000.

STOLKE, V. Sexo está para gênero assim como raça para etnicidade? **Estudos Afro-Asiáticos.** Rio de Janeiro, v. 20, p. 101-119, 1991.

STOLKE, V. O Enigma das Interseções: classe, “raça”, sexo, sexualidade. A formação dos Impérios Transatlânticos do século XVI a XX. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 14(1):336, janeiro-abril, 2006, pp. 15-41.

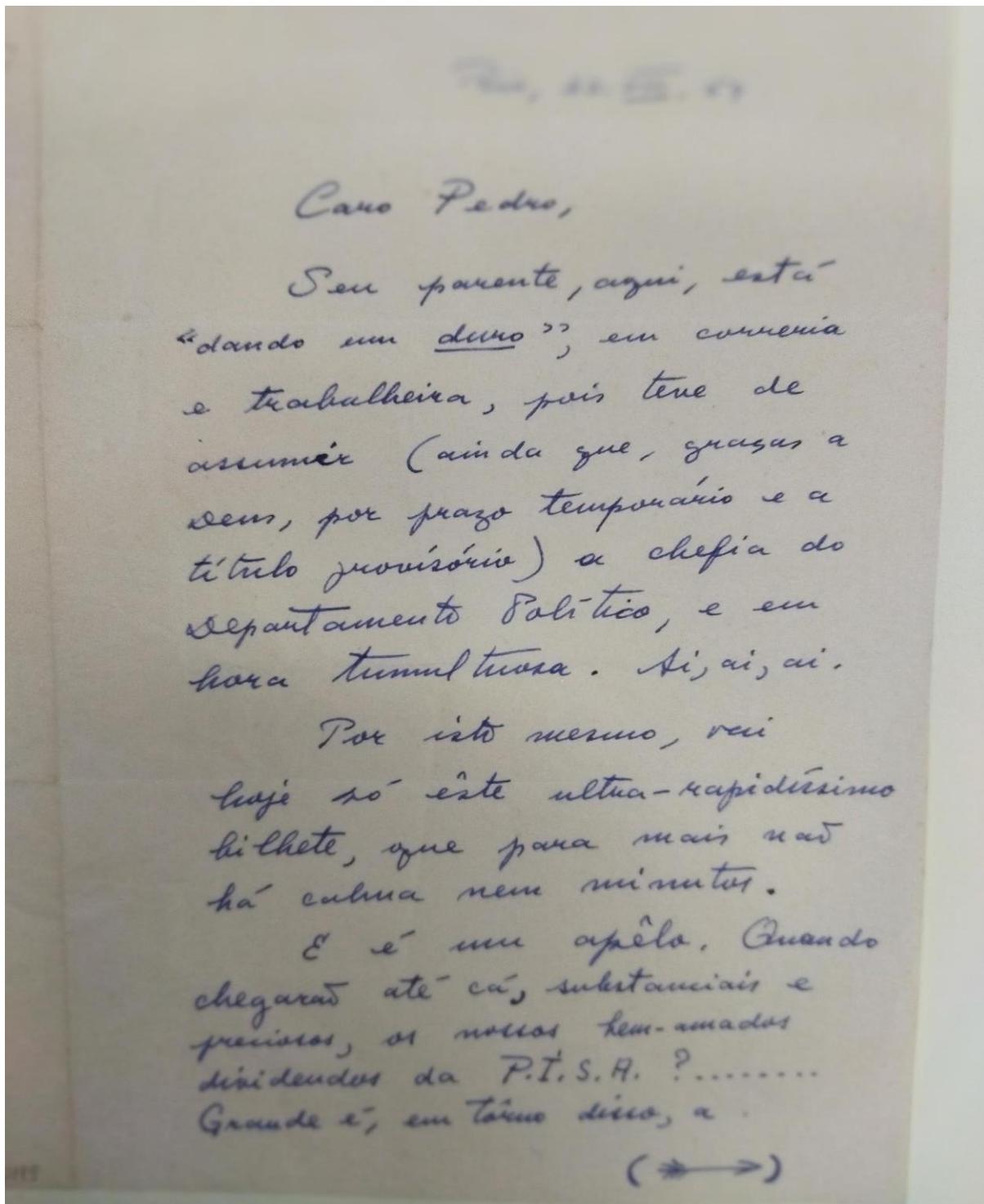
- TIBURI, M. Diadorim: biopolítica e gênero na metafísica do Sertão. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 21, n. 1, p. 191-207, janeiro/abril. 2013.
- TREVISAN, J. S. (1986). **Devassos no paraíso**: A homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- TYLOR, E. B. [1871]. A ciência da cultura. In: CASTRO, C. (Org.). **Evolucionismo Cultural: textos de Morgan, Tylor e Frazer**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- VILLELA, M. P. A escrita acadêmica: do excessivo ao razoável. **Rev. Bras. Educ.** v.18 n.52, Rio de Janeiro, jan./mar. 2013.
- WEBER, M. 1864-1920. **A "objetividade" do conhecimento nas ciências sociais**. São Paulo: Ática, 2006.
- WANDERLEY, M. N. B. **Raízes históricas do campesinato brasileiro**. XX Encontro anual da ANPOCS, GT 17, Processos Sociais Agrários. Caxambu, MG. Outubro 1996.
- WANDERLEY, M. N. B. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos para o futuro. In: CARNEIRO, M. J.; CASTRO, E. G. (orgs.). **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

LISTA DE FONTES

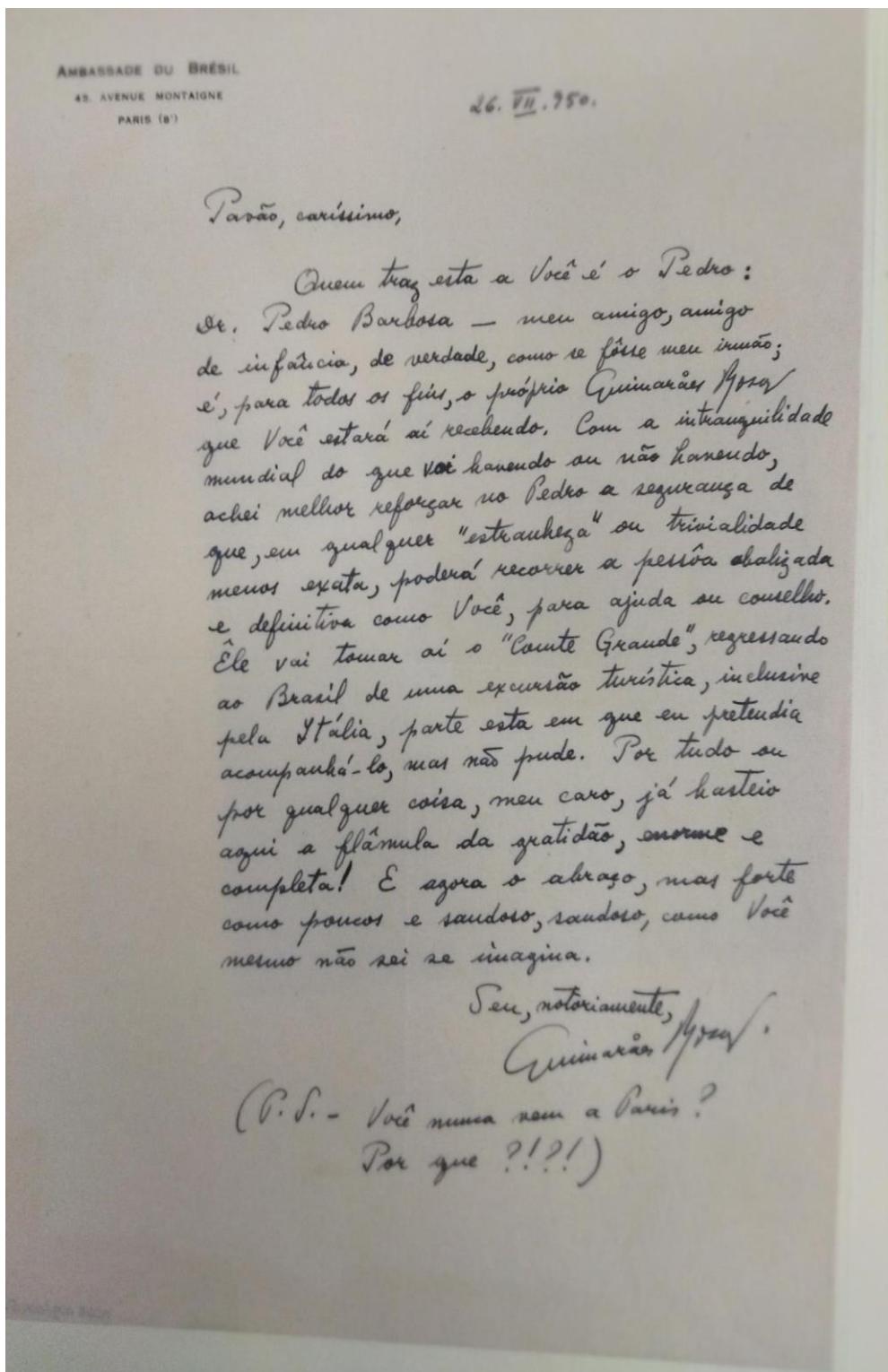
- Correspondência destinada a Pavão - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 1)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 2)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (continuação) - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 3)
- Cartão postal enviado ao amigo Pedro Barbosa - Arquivo Museu Mineiro, (Anexo 4)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa -Arquivo Museu Mineiro (Anexo 5)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 6)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 7)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (continuação) - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 8)
- Correspondência enviada ao pai - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 9)
- Correspondência enviada ao pesquisador de sua obra - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 10)
- Correspondência enviada ao pesquisador de sua obra (continuação) - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 11)
- Correspondência enviada ao pesquisador de sua obra (continuação) - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 12)
- Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa - Arquivo Museu Mineiro (Anexo 13)
- Nota de Jornal - Arquivo ABL (Anexo 14)
- Nota de Jornal - Arquivo ABL (Anexo 15)

ANEXOS

Anexo 1 - Correspondência destinada a Pavão (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 2 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 3 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (continuação)

expectativa. O fato é que a gente tem de declarar os dítes, para o imposto-de-renda, e, agora, está-se tendo de comparecer com o respectivo pagamento, nos guichês do Tesouro. Oh, vida! Oh apertos!

Pedrinho, agita e vasculha aí essa caixa, caixa alta, e põe seu secretário a agir, enviando-nos cheques. E que deus te abençoe.

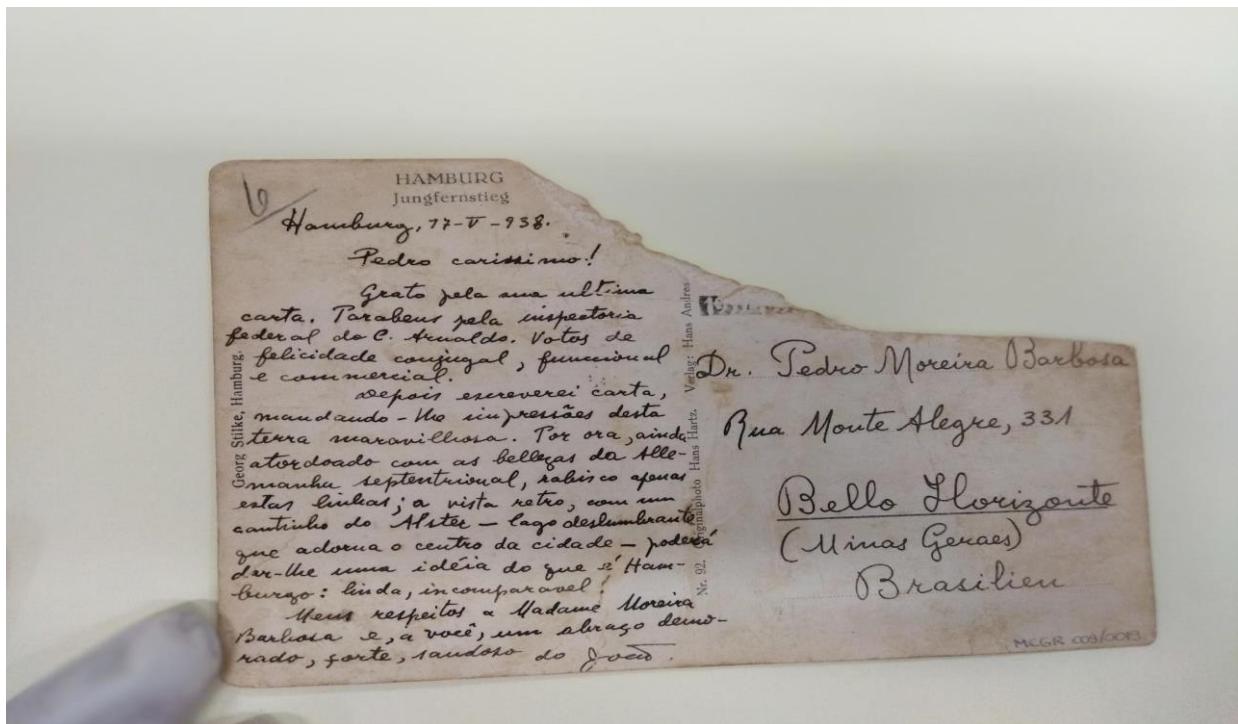
No mais, saúde e saudades. Siga, a felicemente, nossas lembranças amigas, a Olga e à Magada admirável.

E abrace, fonte, o

seu

Joaquimto.

Anexo 4 - Cartão postal enviado ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 5 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)

imediatamente, juntando-lhe
cobres (4:800\$000), sendo parte em
£ sterlinas, visando à conta
do Governo, com ricas agravas de
custo, passageiros de 1.ª classe,
imunidade e regulares taxas
para porte diplomático, isenção
de direitos nas Alfândegas, etc.

Pensou que encontraria ainda
a tempo a minha verdadeira
voz. Pretendo seguir o curso
de Direito, especializar-me em
Direito Internacional e em lin-
guas slavas, escrever alguns
livros de literatura e ver o
mundo lá para.

E quero ver você colher
louros maiores que esses meus,
pois penso, com franqueza, que
o barro de que você é feito é
muito superior ao meu.

Espero uma resposta grande
no tamanho e notável sua
experiência.

Um abraço ao jaguar e
recomendações aos seus.

At. amigo J. Vazito.

MARCO VASCONCELOS

Rio, 13 de Agosto de 1936

Meu caro Pedro

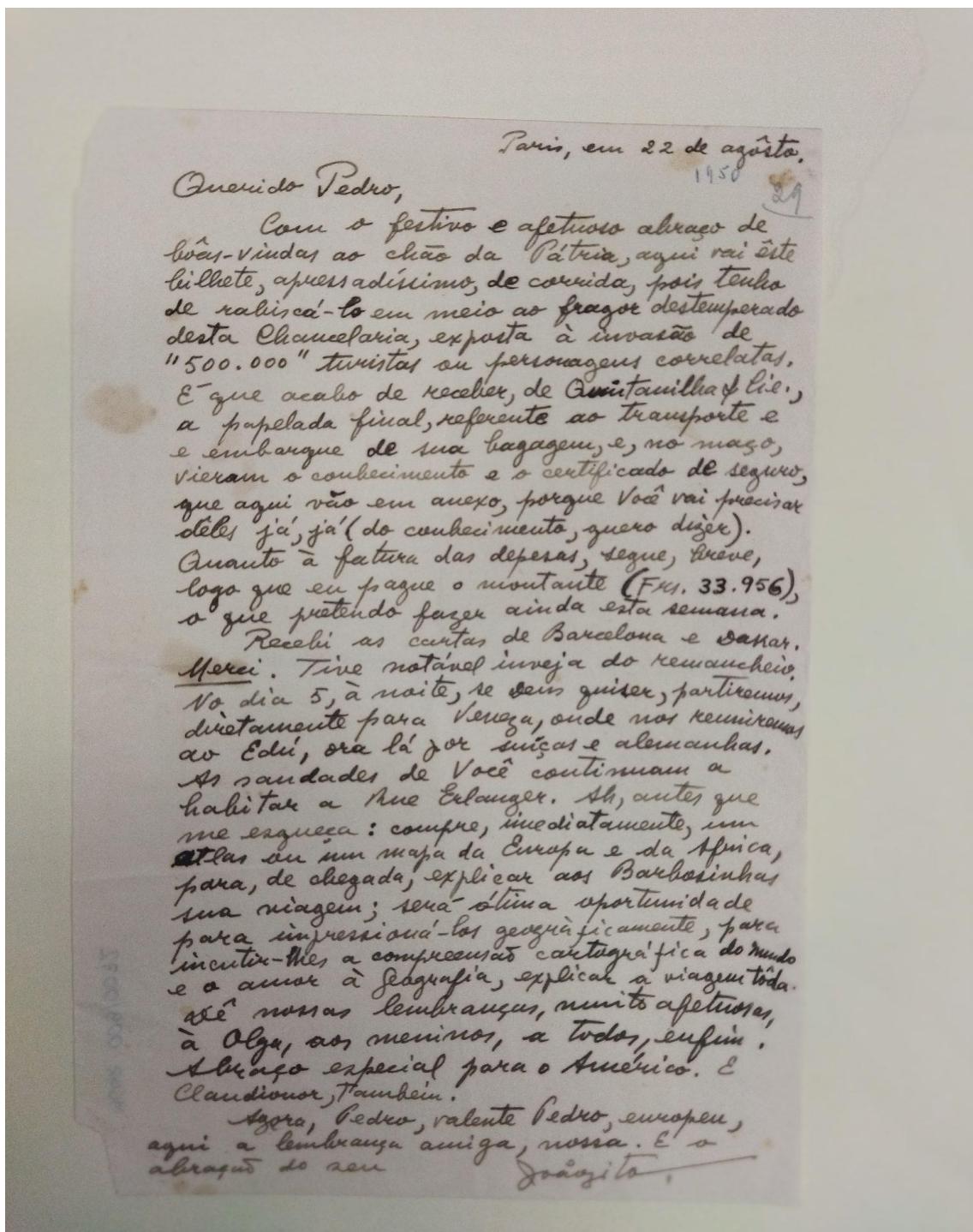
Um apertado abraço.

Terminei o primeiro capítulo
do 2.º volume da minha vida, e
é com a maior satisfação que
vou lhe comunicar isso a você.

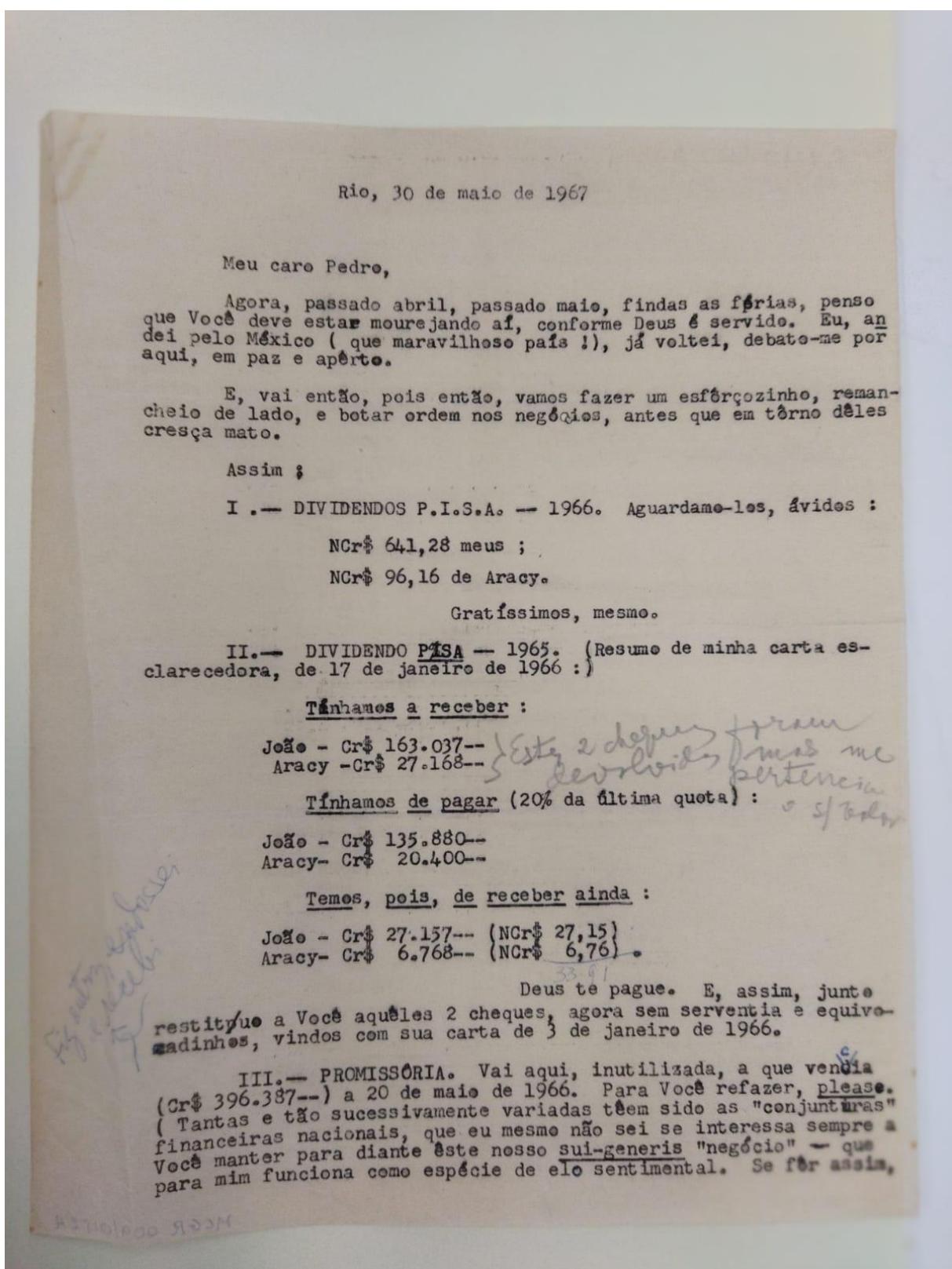
Obtive o 2.º (segundo) lugar no
concurso para Consul de 3.ª Classe,
com 52 concorrentes. Fomos clas-
ificados 9 apenas. Puxar aper-
tadíssimas: talvez seja este o
mais sério de todos os concursos
que tem lugar neste Brasil.

Quasi todos os meus concur-
rentes já tinham estado na
Europa. Além disso, quase

Anexo 6 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 7 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 8 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (continuação)

NATURALMENTE — e como tempo correu — renova-a em 2 etapas, como teria sido se eu não tivesse remanchado também. Capitalizando :

- 1}. x (com juros até maio de 1967)
- 2}. x+y (com juros até ~~maio de 1968~~ novembro de 1967)

Obrigado, Pedro.

IV. — CONSELHO FISCAL da Mercantil e Territorial.

Veja Vovô. Os honorários ficaram hoje-em-dia tão mixes, que até o cheque (NCR\$ 1,00) deu confusão no ser cobrado. Desculpe-me, e envie outro, ou, melhor ainda, se possível, englobe a quantia no cheque referente à P.I.S.A. ~~Atencioso~~ Gracias.

Mas, principalmente, faça a Mercantil reajustar os honorários de membro — correção monetária...

.....

Bem, por hoje. Perdão-me a maçada : e o feio aspecto desta : mas é que estou escrevendo em outra máquina que não a minha habitual, além de que mal colocada, sob luz escassa.

No mais, muitas saudades, de Você todos. Aracy também envia afetuosas lembranças e abraços.

Tenho trabalho cada vez mais, deu um duro que Você nem imagina. Além das Fronteiras, e da Literatura, faço parte agora do Conselho Federal de Cultura, e presido à Comissão encarregada de remodelar os serviços culturais do Itamaraty. Há muito tempo que não sei o que me ceçar meia hora com algum sossêgo. Mas o espírito vai forte. O que eu gostaria era daquele poço no cérrego das Pindas, e depois o frango-com-quinabe ou a linguica com tutu, ~~frescuraz~~ fressuras de porco, mandioca enxuta. O papo~~e~~ pra-e-ar, com Deus e sua graça. Quando ? Oh vida. Pedro, Você é que um grande homem, estudou e construiu bem sua vida, sob o calmo céu de Minas Gerais.

Te abraço, grata e festiva,

José Zito.

Anexo 9 - Correspondência enviada ao pai (Arquivo Museu Mineiro)

Rio, 16 de dezembro de 1900

Papai,

Pedindo-lhe a bênção, e à Mamãe, quero que estejam bem, aguentando com a saúde.

Recebi sua carta, ontem, e gostei muito. Escreva, sempre que puder, que me alegra com isso. Sempre tenho saudades daquelas cartas longas, em que o Sr. me mandava lembranças do passado, cenas vividas em Cordisburgo ou em Gustavo da Silveira (Riacho Fundo), etc. Muita coisa delas já tenho aproveitado no que escrevo, e muitas mais outras ainda pretendo utilizar. São ótimas.

Hoje, mandei ao Oswaldo, pelo Banco Moreira Salles, outra remessa — para o aluguel, dezembro e janeiro. Dentro de três dias, espero que ele a receba.

Tenho vontade sempre de escrever, e sempre saudades, de todos. Mas minha vida tem sido um nunca-parar : trabalho todos os momentos, mesmo quando faço a barba ou tomo banho, ou almoço e janto, a gente precisa de trabalhar sempre, com a cabeça, meditando, pensando, preparando o que tem de fazer. Nunca me sobra um minuto. Por isso é que custo tanto a escrever.

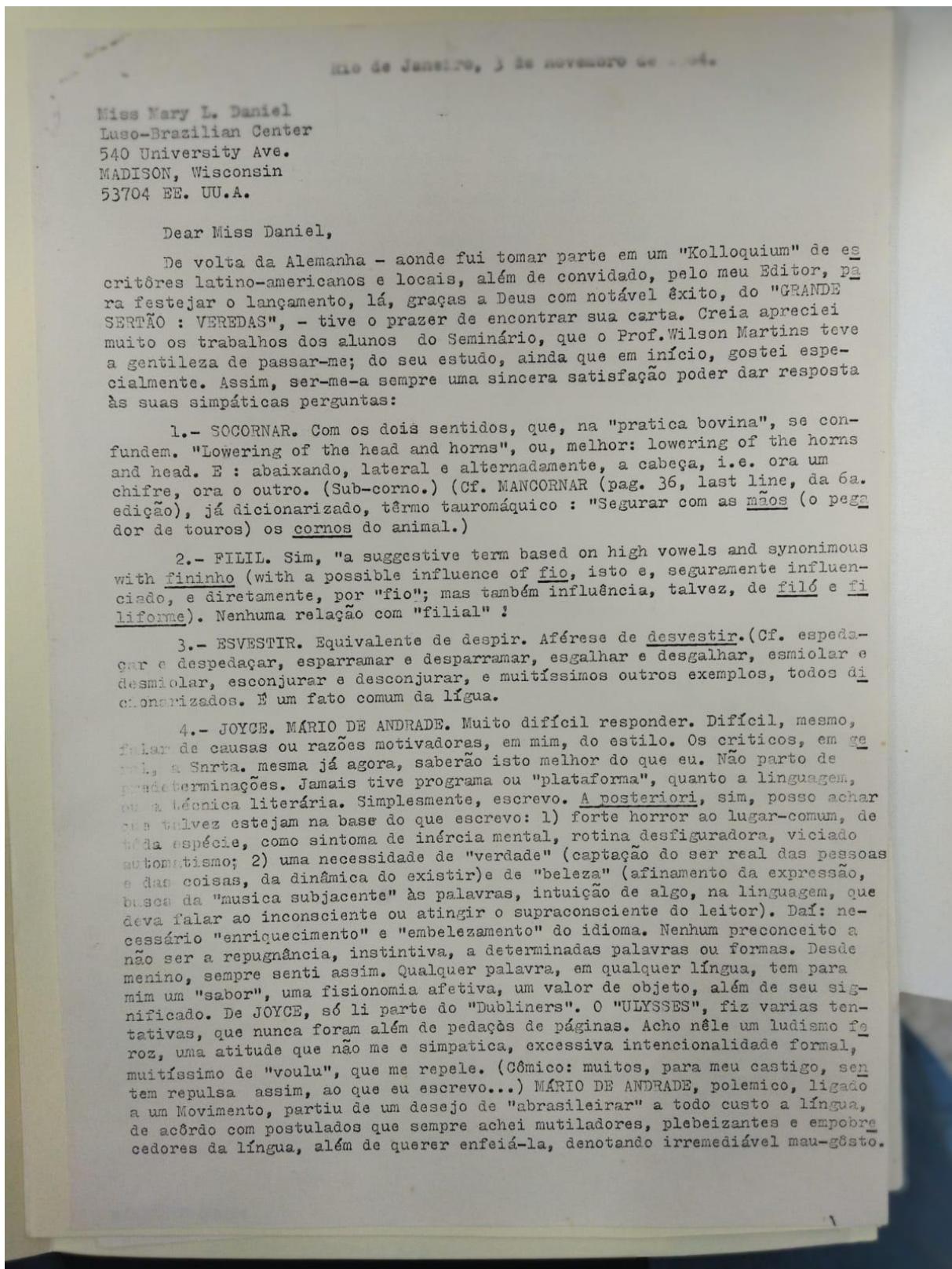
Agora, então, com o calor terrível que vem fazendo, a gente luta, se esforça, e o trabalho pouco rende. Mas, parar ou afrouxar, não se pode.

Faço votos, desejando-lhes um Natal muito alegre, alegre Ano Bom. Com lembranças e abraços, para todos os nossos, afetuosos e saudosos.

Seu filho

Domingos

Anexo 10 - Correspondência enviada a pesquisadora de sua obra (Arquivo Museu Mineiro)



Anexo 11 - Correspondência enviada a pesquisadora de sua obra (continuação)

Faltava-lhe, a meu ver, finura, sensibilidade estética. Apoiava-se na sintaxe popular filha da ignorância, da indigência verbal, e que leva a frases alongamentos, a uma moleza sem contenção. (Ao contrário, procure a contenção, a força, as cordas tensas.) Mário de Andrade foi capaz de interpretar um "milho" (por melhor) — que eu só seria capaz de usar com referência a "milho". (Em todo o caso, adorei ler o "MACUNAÍMA", que, na ocasião, me entusiasmou. Será que há influências sutis, que a gente mesmo é incapaz de descobrir em si?)

Em quero tudo: o mineiro, o brasileiro, o português, o latim — talvez até o esquimó e o tartaro. Queria a língua que se falava antes de Babel. Ou a que houve antes do sânscrito, e que, como vogal, só possuía a claridade bela do A.

Mas, tudo, da forma, só para abrir planos, campos e caminhos novos, a escricto serviço do "conteúdo". Será que me fiz entender? Por isso mesmo, alegrou-me o que, após ler o "PRIMEIRAS ESTÓRIAS", de mim disse Gilberto Amado: "...criador de seres humanos, e de uma língua transcendente de todos os cânones usuais, destinada a super-exprimir o inexprimível em todas as suas nuances". Não é lindo? Queira Deus que possa.

Já apontaram também em minha maneira, um amor ao "consonantismo". E, com efeito, repugna-me a moleza de textos nossos em que o predominio das vogais é imenso, desvertebralizante. Como é possível, por exemplo, aportuguesar-se "mailhot" no horrível "maio"?! Me da náuseas. Não sou um brasileirão. Ao contrário, talvez prefira o escrever de Portugal, mais forte, mais concreto, mais compacto e seioso. Mas, os sertanejos de Minas Gerais, isolados entre as montanhas, no imo de um Estado central, conservador por exceléncia, mantiveram quase intacto um idioma clássico-arcaico, que foi o meu, da infância, e que me seduz. Tomando-o por base, de certo modo, instintivamente tendo a desenvolver suas tendências evolutivas, ainda embrionárias, como caminhos que uso. Um exemplo, é o gosto pelas formas substantivas rizotônicas, o encurtamento das palavras, o evitar os advérbios em "...mente", etc. Coisa da região, daquele ar? Pois, os próprios índios, de lá, os craós, os jés variálicos, tinham uma língua forte, consonantal, rija, ao contrário dos Tupis, do litoral, de fala cheia de molezas e vogais demais, que tão mal, a meu ver, influenciaram o nosso português, cá. Bem, penso que, para este ponto, já respondi longo.

5.— Não posso, de maneira alguma, prever o caminho à minha frente. A vida e a arte começam cada dia.

Os recortes que lhe enviei, não é necessário restituir-mos.

E gostaria de recomendar à sua atenção os seguintes elementos, que decerto não lhe será difícil obter, aí, pelo "Luso-Brazil-Brazilian Center":

I.— Na revista "RUMO", de Lisboa, Portugal, Nº 82, dezembro de 1963, um artigo, de Francisco Faus, que considero o mais importante e arguto que já se escreveu sobre o sentido de meus livros.

(Saiu, também, em tradução francesa, na revista "LA TABLERONDE", Paris, Nº 195, Avril 1964.)

II.— "Boletim Bibliográfico LBL", nº 16, 1964. Publicado pela editora "Livros do Brasil", Lisboa, Portugal (Rua dos Caetanos, 22). Contém artigo extremamente importante para a sua tese, de autoria de Franklin de Oliveira. O Diretor da editora "Livros do Brasil", Dr. Antônio de Souza Pinto, terá, estou certo, prazer em atender a um pedido de envio, daí. O Boletim, aliás, é ótimo, sempre contém matéria importante, o "Center" não pode deixar de ter suas coleções.

III.— "Ein Welt in ihrem Urzustand", por Günter W. Lorenz, in "DIE WELT DER LITERATUR" (Suplemento literário, quinzenal, do jornal alemão "Die WELT"), de 17 de setembro de 1964.

Anexo 12 - Correspondência enviada ao pesquisador de sua obra (continuação)

IV.- "Form ist Aufrichtigkeit", entrevista, no jornal suíço "Die Zeit", de 12 de outubro de 1964.

V.- "Belimbeleza und die Banditen von Minas Gerais", artigo crítico, de Fritz Vogelgsang, no jornal alemão "Stuttgarter Zeitung", de 17 de outubro de 1964.

VI.- "Grande Sertão", artigo crítico de François Bondy, no jornal suíço "Neue Zürcher Zeitung", de 5 de outubro de 1964.

VII.- "Brasilianische Tropen-Saga", por Karl Krolow, no jornal alemão "Süddeutsche Zeitung", 17 de setembro de 1964.

VIII.- "ZUR DEUTSCHEN UEBERSETZUNG", por Curt Meyer-Clason (meu Tradutor alemão), in "MARGINALIEN zu J.G.Rosa Grande Sertão", folheto publicado pela editora Kiepenheuer & Witsch (Rondorfer Strasse 5, Koeln-Marienburg, Alemanha). Distribuição gratis.

São todos importantes, por críticos de renome e de responsabilidade. Só lamento não dispor de exemplares para emprestar-lhe, nem mesmo de fotocópias para lhe enviar.

Com muita estima e simpatia,

Seu, cordial,

Guimarães Rosa

Anexo 13 - Correspondência enviada ao amigo Pedro Barbosa (Arquivo Museu Mineiro)

AMBASSADE DU BRÉSIL
45, AVENUE MONTAIGNE
PARIS (8^e)

Paris, 12 de abril de 1949.

Meu caro Pedro,

Gratíssimo! Você, nas duas últimas cartas, mандou-me tanta coisa boa, que tive até a impressão de estar recebendo um cesto ou cesta de presente de Natal, dessas que vêm com frutas, flores, garrafas de champagne, latas de doces, passas e bombons. Tive grande alegria, e alegria repetida. Neste momento, estou acabando de receber a de 8 do corrente. Já me delicioi com os retratos, e daqui a pouco vou tornar a admirá-los. A garotada está magnífica, sadia, digna da estirpe. Fico com saudades. Dêles, de Você, de sua Mãe, de Parapeba, das Pindaíbas. Alias, as saudades são constantes, apenas, numas horas destas, se reavivam. Até os bezerros, e o zebu, posaram bem, dignamente. Reconheci os sítios: o poço, no córrego, onde a água espumeja nas lajes, umas pedras escamosas ou lisas, polidas por séculos de fluir, naquele bom rincão. E os coqueiros, os coqueiros que, vistos de longe, parecem ser só dois, quando são três e já foram quatro. Não é isso? Em espirito, transporte-me para lá, e as saudades fumegam, saudades borbulham como o feijão quente, que Você -- digno ex-auxiliar do Mechêu -- levava no caixote, para o pessoal que labutava na roça, Américo à frente, por eiras e leiras e fileiras... Alias, as fotografias complementam o magnífico relato evocativo, colorido e impressionista, que Você me ofereceu na carta de 14 de março. Muito, muito obrigado. Mas, que inveja, Pedro, que invejão este seu parente fica sentindo...

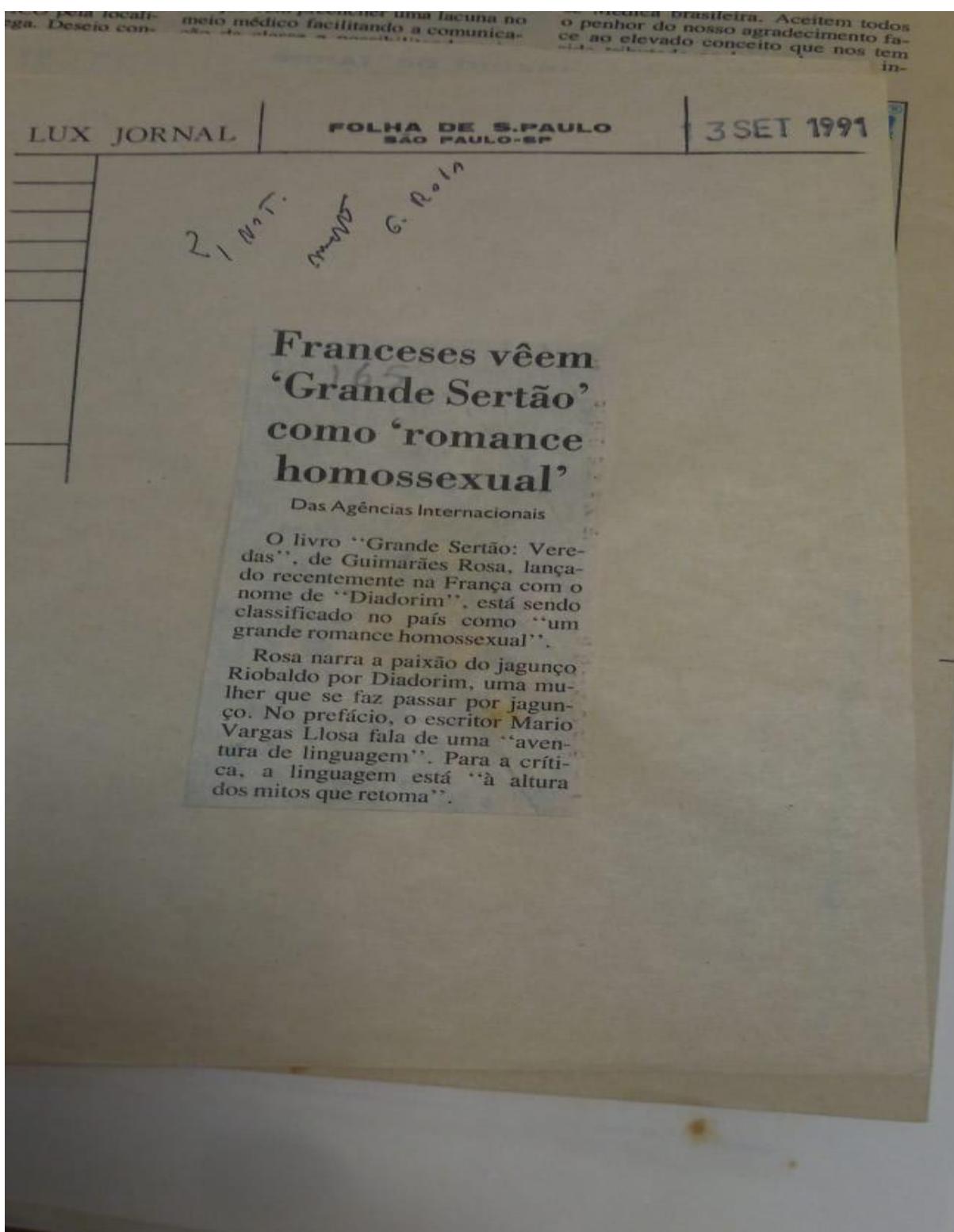
Agora, uma explicação. Eu já tinha respondido sua carta de 14, e resposta até bem longa, mas vejo agora que Você não recebeu minha carta. Já digo porque : foi que, pela primeira vez, deixei de pôr a carta no correio -- que já estava fechado -- para confiá-la a um brasileiro que partiu por avião da Panair, e se oferecera para levar qualquer coisa. O sujeito perdeu a carta, ou jogou fora, senvergonhão Não caiu noutra. Mas, Pedro velho, repito os agradecimentos pela tomada das assinaturas da GAZETA.

Na carta que se extraviou, eu pedia a Você para mandar três contos de reis (Cr\$ 3.000,00), ao Papai, que, coitado, foi operado e está sofrendo muito, como Você já deve ter sabido. Aqui, renovo o pedido. Pedia também para pagar Cr\$ 2.700 à Lygia; como Você já o fez, grato. Veja, com Você, tenho de estar sempre agradecendo. E dando-lhe um trabalho bruto, com toda essa série de pedidos, de providências que vão roubar seu tempo, afi no meio dos afazeres familiares. Enfim, amigo é amigo. E Você terá sempre de "cuidar do seu parente", não é só passar a água, entre o frango com quiabes e o doce de laranja de Custódia e América, nas PINDAS, e entre os deliciosos quitutes e doces de Olga, no casarão da esquina, tão boa e hospitaléira, e que agora andará sendo desmantelada a golpes de picareta... Lygia Assim, Pedro, não deixe de mandar o cobre para o Papai, o mais depressa que Você puder. Deus te pague.

E São Paulo ? Resolvam logo a viagem, que Voces irão ver uma das minhas gatas, com filhotes, que agora nasceram. E aproveitem enquanto faz calor no Rio, que São Paulo é ameno, com noites deliciosamente frescas. Convoquem algum conhecido ou conterrâneo, para

MCBA 0001000 A

Anexo 14 – Nota de Jornal (Arquivo ABL)



Anexo 15 – Nota de Jornal (Arquivo ABL)

ecorria dem os médico entristecido o membro. não ter para não agravar Seus li- a doerça. Apesar da ordem, João se escondia pra ler nos cantos le tudo da caja, sobre a palha junto dos animais que preferia. Sua mãe, dona Chiquinha, encontrou-o algumas vezes adormecido sobre os livros, quase em final de história.

a mais ia pre- do in-

UMA PROFECIA

Guimarães Rosa veio para o Rio quando pretendeu ingressar na carreira diplomática. Já casado com Lygia Cabral Penna e com as duas filhas, Vilma e Agnes, como diplomata esteve na França, Alemanha, Itália, Portugal. Durante a última grande guerra, saiu um dia de casa para uma volta e quando chegou só encontrou escombros. Voltando mais tarde ao Brasil, depois de ter sido conselheiro em muitas Conferências da Paz, não quis mais sair. Passou a integrar a chefia de gabinete do então ministro de Relações Exteriores, João Neves da Fontoura, a quem substituiria mais tarde na cadeira deixada vazia na Academia.

Místico e meio supersticioso, Guimarães Rosa nunca confessou de onde lhe veio a profecia de que sua morte estava marcada em segredo a uma grande solenidade. Uma cartomante parisiense? Uma quiromante italiana? Vilma diz ter encontrado o que poderia ser a resposta em um curandeiro mineiro, ainda vivo, com quem — descobriu ela mais tarde — Guimarães Rosa chegou a se corresponder e em termos muito respeitosos, reverentes para com aquele homem simples do interior.

Terreroso que seu coração blefasse numa dessas circunstâncias passou a evitar ocasiões sociais, restringindo-se às mais indisponíveis. E assim furtou-se a assistir, inclusive, à primeira tarde de autógrafos da filha, preferindo estar presente numa carta carinhosa enviada por um amigo, em que a chama de "jovem colega".

— "Vir eu queria, queria. Posso não. Estou apertado, tenso, comovido; urso. Meu coração já está ali, pendurado, balançando. Você, mineirinha também, lhe conhece um pouquinho, você sabe. Gosto de você escritora. Mas, por mais que seja, não excederá a filha — boa, notável, admirável — que você é e sempre foi — caprichada carinhosa"

E conclui — (Orgulho meu, "acontecência" . . .)